



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PÂMELA PITÁGORAS FREITAS LIMA

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ALIMENTAÇÃO: O VEGETARIANISMO E O
VEGANISMO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL**

SALVADOR

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PÂMELA PITÁGORAS FREITAS LIMA

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ALIMENTAÇÃO: O VEGETARIANISMO E O
VEGANISMO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, como um dos requisitos parciais para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia, com área de concentração em Psicologia do Desenvolvimento, na Linha de Pesquisa “Transições desenvolvimentais e processos educacionais”.

Orientador: Professor Dr. Antonio Marcos Chaves.

SALVADOR

2018

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte

FICHA CATALOGRÁFICA

LIMA, Pâmela Pitágoras Freitas.

L85m A construção social da alimentação: o vegetarianismo e o veganismo na perspectiva da psicologia histórico-cultural./ Pâmela Pitágoras Freitas Lima. Salvador, 2018.
136f.:il.

Orientador: Prof. Doutor Antônio Marcos Chaves

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia, 2018.

1. Psicologia Histórico-Cultural. 2. Vegetarianismo. 3. Veganismo. 4. Onivorismo. 5. Hábitos Alimentares. I. Chaves, Antônio Marcos. II. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD -



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
 Instituto de Psicologia - IPS
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI
MESTRADO ACADEMICO E DOUTORADO



TERMO DE APROVAÇÃO

**“A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ALIMENTAÇÃO: O VEGETARIANISMO E O
 VEGANISMO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL”**

Pâmela Pitágoras Freitas Lima

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Antônio Marcos Chaves (Orientador)
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof.ª Dr.ª Andréa Sandoval Padovani
Universidade Maurício de Nassau - UNINASSAU

Prof.ª Dr.ª Giovana Reis Mesquita
Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública - EBMSP

Prof.ª Dr.ª Lia da Rocha Lordelo
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Prof.ª Dr.ª Miriã Alves Ramos de Alcântara
Instituto Federal da Bahia - IFBA

Salvador, 21 de fevereiro de 2018.

AGRADECIMENTOS

A realização deste doutorado não foi um processo do qual me dediquei nos últimos quatro anos, mas que planejei, almejei e me dediquei nos últimos dez anos da minha jornada enquanto psicóloga e pesquisadora. A conclusão deste doutorado é mais do que um sonho realizado (mesmo arriscando dizer um senso comum). É a realização de um projeto de vida e de amor: à ciência, à Psicologia, ao fazer e produzir conhecimento científico. Logo, tenho muito a quem devo agradecer e referenciar.

Agradeço, inicialmente, ao meu orientador, o professor doutor Antônio Marcos Chaves. Pela acolhida, em uma etapa bastante complexa da minha jornada no curso do doutorado. Além disso, agradeço por ter me apresentado a Psicologia Social (como sua aluna na graduação). Suas aulas me fizeram amar a Psicologia (e mais ainda a Psicologia Social). E suas aulas me fizeram querer seguir adiante, culminando na conclusão deste doutorado. Obrigada professor!

Agradeço a FAPESB pela concessão da bolsa de estudos, pela qual me possibilitou a realização deste doutorado.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia, e seus coordenadores ao longo deste quatro anos, na pessoa da Prof^ª Dr^ª Marilena Ristum, Prof^ª Dr^ª Patrícia Alvarenga e do Prof^º Dr^º José Carlos Santos Ribeiro, e a todo o corpo docente, por terem me proporcionado a oportunidade de concluir o curso e a possibilidade de adquirir o título de Doutora em Psicologia.

À professora doutora Mônica de Jesus Lima, um especial agradecimento, por aceitar participar em minha Banca de Qualificação, e por suas palavras valorosas, que muito contribuíram na conclusão desta tese.

À professora doutora Giovana Reis Mesquita, um especial agradecimento por participar em minha Banca de Qualificação e pela delicadeza com que trouxe suas contribuições para este trabalho.

Agradeço imensamente as participações em minha Banca de Defesa: o Prof^º Dr^º Antônio Marcos Chaves (UFBA), Prof^ª Dr^ª Andréa Sandoval Padovani (UNISSAU), Prof^ª Dr^ª Giovana Reis Mesquita (BAHIANA); Prof^ª Dr^ª Lia da Rocha Lordelo (UFRB); Prof^ª Dr^ª Miriã Alves

Ramos de Alcântara (IFBA) como titulares, e, também, à professora Prof^a Dr^a Marilena Ristum (UFBA) e Prof^a Dr^a Gilberto Lima dos Santos (UNEB), na condição de suplentes.

Ao professor doutor Raimundo Gouveia, por quem tenho um imenso apreço, e por ter me aceitado como discente na disciplina de Estágio Docente, permitindo, generosamente, que eu pudesse desenvolver-me enquanto docente. Além disso, agradeço pelos diálogos sempre produtivos que tivemos a respeito dos caminhos e rumos da Psicologia Social em nosso campo acadêmico. Para mim, foi uma experiência valerosa.

Agradeço aos meus colegas de turma de ingressos em 2013, que, direta ou indiretamente, contribuíram com minha trajetória.

Agradeço ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, por proporcionar minha formação técnica, profissional e ética e por me apresentar uma visão de ciência única e singular, fazendo com que me apaixonasse pela prática da pesquisa acadêmica. Meu profundo apreço por esse espaço que foi o responsável por iniciar e agora, concluir, minha formação enquanto psicóloga.

Agradeço aos participantes desse estudo, que disponibilizaram seu tempo e sua história para a construção dessa pesquisa de doutorado. Muito obrigada a todos.

Nesta trajetória, gostaria de agradecer aos amigos por acreditarem em mim, e por enxergarem um potencial, que às vezes, eu mesma não conseguia enxergar. Agradeço a minha querida amiga Isadora, que, mesmo distante, se fazia presente no sempre apoio e na confiança depositada. Você que está ao meu lado desde nossa infância e você me acompanhou nessa trajetória e na formação do que eu sou hoje. Você é uma das poucas pessoas que verdadeiramente sabe as transformações pelas quais eu passei e a pessoa que me tornei. E obrigado Isa, por torcer e vibrar pelas minhas conquistas e por me ajudar a levantar em meus fracassos.

Agradeço ao meu querido colega de faculdade, mestre e doutor em Psicologia, dos áureos tempos de São Lázaro, Emanuel Messias, a quem tenho a honra de chamar de amigo. Emanuel, você sempre foi um motivador, e principalmente, uma inspiração acessível. Você foi, sem dúvidas, a pessoa que mais me estimulou a fazer o doutorado – e me recordo de sua “insistência” para que eu prestasse a seleção - e a continuar seguindo nessa jornada. Obrigada,

verdadeiramente, por todos os anos de parceria, confiança e trocas teóricas e irônicas que tivemos (e as muitas mais que teremos).

Aos meus amigos e ex-colegas de trabalho: Vanessa, Danillo, Demétrius, Nair Meiry (parceiros do NASF), Polyana, Milena e Alesca, que acreditaram em mim mesmo quando eu mesma não acreditava. Minha imensa gratidão (e saudades).

À Augusto Kanasiro, obrigado por sua leitura sincera e crítica do meu texto.

A minha amiga Fabiana Maria da Silva, pelos momentos de descontração. Pelo orgulho nordestino na selva de pedra. Por me permitir inspirar e ser inspirada.

À Fernanda dos Santos Pavoni, à Ismael Gomes Gadelha e Luis Carlos Ermidas. Só há uma palavra que consegue traduzir meus sentimentos a vocês: Gratidão.

A minha querida Ticiane Raymundo da Silva, pelas conversas (e desabafos) sobre as agruras e delícias de fazer o curso de doutorado.

A minha família, por me ajudar a construir sentidos: Cláudio, Eliana, Cláudio Filho, Gabriela, Arthur, Vera, José, Eduardo, Cláudia, Joana, Augusto, Thaís, Clarinha e Rafinha.

E, finalmente, quero agradecer ao Inácio Ferrarini, por tudo. E por continuar acreditando. Obrigada!

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu avô Haroldo Pitágoras de Freitas (*in memoriam*), que me ensinou a importância em ser uma idealista, e a respeitar todos os seres vivos.

Heifer whines could be human cries
 Closer comes the screaming knife
 This beautiful creature must die
 A death for no reason
 And death for no reason is murder
 And the flesh you so fancifully fry
 Is not succulent, tasty or kind
 It's death for no reason
 And death for no reason is murder
 And the calf that you carve with a smile
 Is murder
 And the turkey you festively slice
 Is murder
 Do you know how animals die?

Kitchen aromas aren't very homely
 It's not "comforting", cheery or kind
 It's sizzling blood and the unholy stench
 Of murder
 It's not "natural", "normal" or kind
 The flesh you so fancifully fry
 The meat in your mouth
 As you savour the flavour
 Of murder
 No, no, no, it's murder
 Oh... And who hears when animals cry?

Meat is Murder¹
 The Smiths
 (Morrissey and John Marr)

¹ Tradução em português: “Carne é Assassinato” - O gemido do bezerro poderia ser choro humano/ Aproxima-se a faca gritante/ Esta linda criatura deve morrer/ Uma morte sem razão/ E morte sem razão é assassinato/ E a carne que você fritar animadamente/ Não é succulenta, saborosa ou algo do tipo/ É morte sem razão/ E morte sem razão é assassinato/ E o vitelo que você destrincha com um sorriso/ É assassinato/ E o peru que você fatia festivamente/ É assassinato/ Você sabe como os animais morrem?/ Os aromas da cozinha não são familiares/ Não são acolhedores, confortáveis ou algo do tipo/ É sangue escaldante e o ímpio cheiro fétido/ De assassinato/ Não é natural, normal ou algo do tipo/ A carne que você animadamente fritar/ A carne na sua boca / Enquanto você saboreia o sabor/ De assassinato / Não, não é outra coisa, é assassinato/ E quem ouve quando os animais choram?

RESUMO

LIMA, P. P. F. (2018). *A construção social da alimentação: o vegetarianismo e o veganismo na perspectiva da psicologia histórico-cultural*. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia.

Esta tese de doutorado apresenta um estudo sobre o vegetarianismo e o veganismo a partir de uma leitura da Psicologia Histórico-Cultural, compreendendo que a aquisição de hábitos e preferências alimentares, além de ser um processo biológico, ocorre na relação com outro. Nosso objetivo foi o de investigar o conjunto de experiências de pessoas que se autodeclaram vegetarianas, veganas e onívoros (nossos participantes da pesquisa), observando os impactos dos aspectos culturais, subjetivos/identitários e políticos/ideológicos no processo de suas escolhas alimentares. Em linhas gerais, nossa principal questão de pesquisa é a de compreender como se constituem as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros. Para responder nossa problemática de estudo, partimos dos pressupostos teóricos da Psicologia Histórico-Cultural, especialmente com base nos conceitos formulados por Vigotski e autores contemporâneos, como Fernando González Rey. Para nosso trabalho empírico, que teve como alicerce o modelo de pesquisa construtivo-interpretativa, entrevistamos 14 adultos veganos, vegetarianos e onívoros, a fim de compreender as construções subjetivas envolvidas no processo de suas escolhas e hábitos alimentares. Nossa pesquisa pode constatar que a tese da alimentação humana como uma construção social é sustentada pelos pressupostos teóricos desenvolvidos por Vigotski e que foi possível identificar, através de nossos estudos empíricos, o alcance do aporte da Psicologia Histórico-Cultural para compreender os fenômenos da alimentação humana. Porém, a Psicologia ainda carece de maiores aprofundamentos sobre a questão da construção social de nossas escolhas e preferências alimentares.

Palavras-Chave: Psicologia Histórico-Cultural; Vegetarianismo, Veganismo, Alimentação, Vigotski.

ABSTRACT

LIMA, P. P. F. (2018). *The social construction of food: vegetarianism and veganism in the perspective of Historical-Cultural Psychology*. PhD Thesis, Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

This doctoral thesis presents a study on vegetarianism and veganism from a reading of Historical-Cultural Psychology, understanding that the acquisition of food habits and preferences, besides being a biological process, occurs in the relationship with another. Our objective was to investigate the set of experiences of self-described vegetarians, vegans and omnivores (our research participants), observing the impacts of cultural, subjective / identity and political / ideological aspects in the process of their food choices. In general terms, our main research question is to understand how the vegetarian, vegan and omnivorous food choices are constituted. In order to answer our study problem, we start from the theoretical presuppositions of Historical-Cultural Psychology, especially based on the concepts formulated by Vygotsky and contemporary authors, such as Fernando González Rey. For our empirical work, which was based on the constructive-interpretive research model, we interviewed 14 vegan, vegetarian and omnivorous adults in order to understand the subjective constructs involved in the process of their choices and eating habits. Our research can verify that the thesis of human food as a social construction is supported by the theoretical assumptions developed by Vygotsky and that it was possible to identify, through our empirical studies, the reach of the contribution of Historical-Cultural Psychology to understand the phenomena of human food. However, Psychology still lacks further insight into the question of social construction of our food choices and preferences.

Keywords: Historical-Cultural Psychology; Vegetarianism; Veganism; Food; Vygostky.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Série histórica da frequência de busca na internet pelo termo "vegetarianismo..	28
Figura 2 - Série histórica da frequência de busca na internet pelo termo "veganismo"	30
Figura 3 - Quantidade de artigos publicados por ano X nas plataformas de indexadores...	32
Figura 4 - Resultados do Banco de Dados em português	33
Figura 5 - Fluxograma de execução de trabalho em campo	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Descrição das Categorias do estudo	36
Tabela 2 - Estudos em português sobre Psicologia e questões alimentares	36
Tabela 3 - Caracterização das Categorias de Análise das Pesquisas Realizadas e Principais Resultados Encontrados em Revisão Sistemática de Literatura nos Bancos de dados em Português	41
Tabela 4 - Caracterização das Categorias de Análise das Pesquisas Realizadas e Principais Resultados Encontrados em Revisão Sistemática por palavras- chaves.....	42
Tabela 5 - Fases da entrevista narrativa.....	71
Tabela 6 - Distribuição de total de participantes	74
Tabela 7 - Descrição do perfil dos participantes	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 - REVISÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE VEGETARIANISMO E VEGANISMO NA PSICOLOGIA NO CAMPO ACADÊMICO NACIONAL	26
1.1. Uma visão geral das pesquisas sobre o vegetarianismo e o veganismo	27
CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, REFERENCIAL TEÓRICO-ANALÍTICO E QUADRO TEÓRICO METODOLÓGICO PARA A COLETA DE DADOS	46
2.1. Fundamentação Teórica.....	46
2.1.3. Do vegetarianismo ao Veganismo: para além de um hábito alimentar	55
2.2. Referencial Teórico-Analítico: O modelo da epistemologia qualitativa	60
CAPÍTULO 3 – A CONSTITUIÇÃO SOCIAL DO VEGETARIANISMO, VEGANISMO E ONIVORISMO: REFLEXÕES COM BASE NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL.....	80
3.1. A perspectiva dos vegetarianos	80
3.2. A visão dos veganos	89
3.3. O ponto de vista dos onívoros.	93
3.4. Como se constituem as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e ex-vegetarianos onívoros?	99
CAPÍTULO 4 – REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE IDEOLOGIAS E ESCOLHAS ALIMENTARES DE VEGETARIANOS, VEGANOS E ONÍVOROS: UMA LEITURA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	119
ANEXOS.....	124
<i>Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.</i>	125
<i>Anexo B: Roteiro de Entrevista Narrativa</i>	128
<i>Anexo C: Modelo de Questionário Socioeconômico</i>	129
<i>Anexo D: Termo de Aprovação Comitê de Ética em Pesquisa</i>	132

INTRODUÇÃO

Visando contribuir para o conhecimento da alimentação no âmbito da Psicologia Histórico-Cultural², esta tese de doutorado tem como objeto de estudo a análise das escolhas alimentares de vegetarianos, veganos³ e onívoros. Partimos da premissa de que o processo das escolhas alimentares de vegetarianos e veganos se constituem no mesmo limiar ou âmbito das escolhas alimentares das pessoas onívoras, na medida em que todas essas “dietas” são construções sociais alicerçadas no horizonte cultural de uma sociedade específica⁴ — embora isso não signifique que as motivações das escolhas alimentares dos indivíduos sejam iguais e a maneira como elas ganham concretude sejam similares, pois cada “dieta” ou “sistema alimentar” apresentam as suas especificidades imanentes no processo pela qual se revelam na realidade social.

A análise desta premissa inicial ocorreu a partir de um processo de três vias: a) primeiro, realizamos uma revisão de literatura sobre o tema, com especial ênfase sobre a produção científica no campo da Psicologia acerca do assunto em questão; b) segundo, coletamos dados empíricos, por meio de entrevistas narrativas, acerca das escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros; c) e por fim, realizamos uma análise de dados empíricos com base na Psicologia Histórico-Cultural e em publicações de autores de outras áreas que convergem com o tema em questão — sobretudo em autores que se aproximam da ideia de que a alimentação é uma construção cultural.

Nesse sentido, nosso objetivo de pesquisa consistiu-se na investigação do conjunto de experiências de pessoas que se autodeclaram vegetarianas, veganas e onívoros (nossos

² Utilizamos especialmente os estudos de Lev Semenovich Vigotski (1896-1934) e de seus seguidores, dos quais destacamos Fernando Gonzalez Rey. Importante frisarmos que nesta pesquisa optamos por apresentar as múltiplas formas de grafia do nome do psicólogo russo Vigotski, pois utilizamos em nossas bibliografia textos do referido autor traduzidos de vários idiomas. Essa variação ocorre pela diferença de tradução dos textos originais do idioma russo, que possui o alfabeto cirílico, que difere do empregado em línguas românicas (como o português). A fim de compreender melhor essa questão das diferentes grafias do nome do autor, sugerimos discussão apresentada por Lordelo (2007).

³ O veganismo é um estilo de vida e modelo de sistema alimentar que prega o não consumo de produtos e alimentos que contenham em sua formulação e desenvolvimentos insumos de origem animal. Apresentaremos no trabalho maiores detalhes sobre a origem e história do termo.

⁴ Ou seja, partimos do pressuposto de que a alimentação é uma construção cultural — pressuposto esse cuja raiz epistemológica assumida converge na Psicologia Histórico Cultural.

participantes da pesquisa), observando os impactos dos aspectos culturais, subjetivos/identitários e políticos/ideológicos no processo de suas escolhas alimentares. Em linhas gerais, nossa principal questão de pesquisa é a de compreender como se constituem as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros. No bojo dessa questão principal, levantamos algumas perguntas: O que há de comum nas escolhas alimentares de onívoros, vegetarianos e veganos? Quais as especificidades das escolhas alimentares de vegetarianos? Quais são as características peculiares das escolhas alimentares de veganos?

Problematizando a concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea

Comer é um verbo inevitável à condição humana e, porventura, de todos os animais. Todavia, no que se refere aos seres humanos o verbo “comer” não pode se resumir apenas à sua ação funcional, na medida que este ato não têm apenas uma dimensão meramente orgânica e física, mas também cultural, social e psicológica.

O ato de comer tem uma dimensão universal, sobretudo no que se refere ao ato de ingerir alimentos. Contudo, a plenitude deste ato não se resume a essa sua característica universal, mas engloba também determinadas especificidades e singularidades. Para algo ser ingerido é necessário que alguém considere aquilo como “alimento” ou “comida”⁵, ou seja, o verbo “comer” não está dissociado de um processo simbólico indexado ao pensamento. Nesta tese conceituamos “pensamento” como algo constituído socialmente na cultura através da linguagem, pelo uso de instrumentos e pela mediação na relação entre “eu” e o “outro” (Vigotski, 1994, 2007, 2009, 2013). Nesta linha de raciocínio, defendemos que o ato de comer é universal no sentido de prover uma necessidade de ordem biológica, mas a maneira como este ato se manifesta sempre se traduz nos valores de uma determinada cultura — e isso ocorre porque a alimentação é uma construção cultural; mesmo porque partimos do pressuposto de que o limiar da alimentação remonta à construção social do pensamento (Vigotski, 2007, 2009).

⁵ Adotamos, nesta pesquisa, a conceituação de “comida” como um processo complexo, permeado de atributos simbólicos e subjetivos, que vão além da necessidade biológica humana de alimentação (Kittler, Sucher, & Nelms, 2012).

Mesmo que a alimentação seja uma construção cultural, paradoxalmente o senso comum a aborda numa leitura naturalizante, universalizante e a-histórica, aglutinando-se num emaranhado de significados que se manifestam numa concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea. Abaixo podemos ver alguns trechos de textos publicados na internet que naturalizam a dieta onívora, dando especial ênfase ao consumo de proteína animal, que exemplificam essa concepção dominante:

(...) precisamos ter em mente que existem alimentos fundamentais à saúde humana e dentre estes: a carne vermelha, importante fonte de proteínas, minerais, vitaminas e ácidos graxos fundamentais à saúde humana.

(...) não é nada fácil substituir as carnes vermelhas da nossa dieta; desta forma, a carne bovina é e sempre será uma excelente fonte nutricional, à qual **devemos trabalhar arduamente para que [a carne bovina] se torne acessível a todas as populações do mundo. Não se trata de uma questão de estilo de vida, mas de sobrevivência.** (...) ⁶

Ao contrário do que muitas pessoas imaginam, **o consumo da carne vermelha traz muitos benefícios para o organismo. Está comprovado cientificamente que a carne vermelha é a melhor e a mais segura fonte de proteínas ao nosso alcance.**

(...)

Ser vegetariano pode ser uma boa escolha para quem se dá bem com dietas à base de carboidratos. Mas preservar o consumo de proteínas de qualidade é fundamental. Nesse sentido, a carne vermelha é a melhor e a mais segura fonte de proteínas ao nosso alcance. ⁷

Nos trechos de textos acima, podemos observar que a concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea é naturalizada e até passível de “comprovação científica” — ao menos no que se refere aos “alimentos fundamentais” envolvidos na “questão de sobrevivência” e nos “benefícios para o organismo”. Desse modo, as próprias pessoas, nessa perspectiva, se apropriam da ideia socialmente construída de como deve ser a alimentação, em uma demonstração da eficácia ideológica do conceito, assumido pelas próprias pessoas como expressão de sua autêntica forma de se alimentar. A partir disso é importante destacarmos que o comportamento alimentar é complexo, incluindo determinantes externos

⁶ Trecho do texto “A importância do consumo da carne vermelha”. Site: <http://www.diadecampo.com.br/zpublisher/materias/Materia.asp?id=25980&secao=Sanidade%20Animal>. Acesso em 11/10/17.

⁷ Trecho do texto “A importância da carne vermelha na alimentação”. Site: <http://www.destaquep.com/a-importancia-da-carne-vermelha-na-alimentacao/>. Acesso em 11/10/17.

e internos ao sujeito e as mudanças no padrão alimentar devem ser entendidas por seus aspectos objetivos e subjetivos (Garcia, 2003).

Nessa lógica o ato de comer nos remete a uma complexa relação que temos com a cultura, aqui pensada como um conjunto de processos que organiza a experiência humana, tanto no âmbito interpsicológico quanto no âmbito intrapsicológico (Valsiner, 2012). As experiências humanas, inclusive às relacionadas à alimentação, são processos que traduzem como as pessoas criam, mantêm e transformam conhecimentos que pertencem à cognição individual em conhecimentos socioculturais (Lordelo, 2011). E é nesse processo que a alimentação pode ser naturalizada, ganhando status de “normal”, chegando, inclusive, a uma concepção a-histórica do fenômeno, como podemos observar nos seguintes textos:

Passando pelas civilizações da humanidade, a carne tem papel significativo na alimentação do homem desde os tempos pré-históricos. (...) a inclusão da carne bovina na nossa alimentação é importante porque ela é uma excelente fonte de proteínas (nutriente relacionado à construção e regeneração celular) de alta qualidade.⁸

As carnes vermelhas são fontes de proteínas de alto valor biológico, ou seja, apresentam todos os aminoácidos essenciais, aqueles que não são produzidos pelo organismo e devem ser obtidos pela alimentação. Além disso, as proteínas da carne são melhores absorvidas do que as proteínas de origem vegetal (...)

Não somos vegetarianos por natureza. O homem tem dentes pequenos e sistema digestivo curto, características de onívoros, como explica o antropólogo físico Walter Neves, da Universidade de São Paulo, maior especialista brasileiro em homens pré-históricos. Ou seja, **nosso organismo está preparado para comer de tudo, inclusive, carne.**⁹

Dos trechos anteriormente citados, frisamos a característica a-histórica e “natural” da concepção dominante de alimentação onívora ocidental contemporânea porque embora as citações mencionem diversos tempos históricos, o fazem de maneira anacrônica¹⁰.

⁸ Trecho do texto “A carne deve fazer parte de uma alimentação saudável?”. Site: <<http://www.maisequilibrio.com.br/nutricao/a-carne-deve-fazer-parte-de-uma-alimentacao-saudavel-2-1-1-337.html>>. Acesso em 10/10/2017.

⁹ Trecho do texto “10 motivos para não tirar a carne vermelha da sua alimentação”. Site: <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2015/06/10-motivos-para-nao-tirar-a-carne-vermelha-da-sua-alimentacao-4777910.html>. Acesso em 11/10/17.

¹⁰ Na pré-história ninguém comia carne cozida com talheres, da mesma maneira que ninguém da sociedade ocidental contemporânea se alimenta de carne crua de caça com as próprias mãos.

Desconstruir essa visão implica em reconhecermos que nós, humanos, enquanto seres biológicos e sociais, membros de uma sociedade e participantes de um processo histórico (Vigotski, 1994, 2007, 2009, 2013), não possuímos uma dieta “natural”, mas sim uma dieta construída culturalmente. Montanari (2013) sustenta que o nosso sistema alimentar deriva de um processo cultural que domestica, transforma e reinterpreta a natureza.

A partir disso é inquestionável que produzir, preparar e digerir os alimentos não se resume apenas à uma necessidade de ordem biológica, mesmo porque estes atos também são ações culturais. Porém, outro fator que confere “naturalidade” e *status* de “universalidade” à concepção dominante de alimentação é a ênfase nos processos metabólicos da digestão, geralmente quando se destaca os macro nutrientes (sobretudo as proteínas) e os micro nutrientes dos diversos tipos de carnes:

Carne bovina, de porco, peixe, frango e tantas e tantas outras opções... Todas têm algo em comum: as proteínas! Nutrientes essenciais para o nosso organismo funcionar de forma plena, para se pensar em uma alimentação saudável e equilibrada, não podemos deixar de lado esses ingredientes tão importantes e altamente saborosos. (...) ¹¹

A carne pode ser parte de uma dieta saudável quando sua qualidade é comprovada e seu consumo se der de forma a reduzir riscos de problemas como doenças do coração causadas pelo excesso de gordura no organismo. **[a carne] É um alimento muito completo e seus nutrientes são difíceis de serem repostos com outras fontes, principalmente os aminoácidos.** A carne é uma fonte de proteína e a maior fonte de cinco importantes vitaminas: tiamina, niacina, riboflavina, vitaminas B6 e B12. Além disso contribui com minerais, principalmente o ferro e o zinco. No caso do ferro, o consumo de carne é aconselhável por ser uma fonte fundamental de ferro-heme, uma forma do mineral que é absorvida mais eficientemente pelo organismo.

Até mesmo a gordura é necessária ao organismo. ¹²

É claro que, como seres biológicos, a alimentação é parte natural de nossa sobrevivência. Somos programados fisiologicamente para retirar nutrientes dos alimentos, obtendo energia bioquímica para sobreviver e sermos ativos. Entretanto, em nossa programação fisiológica, não está escrito quais são os alimentos que devemos comer, porque e de que forma — mesmo

¹¹ Trecho do texto “Descubra qual a importância das carnes em nossa alimentação”. Site: <http://www.conquistesuavida.com.br/noticia/muita-proteina-descubra-qual-e-a-importancia-das-carnes-em-nossa-alimentacao_a3748/1>. Acesso em 10/10/2017.

¹² Trecho do texto “A importância da carne na alimentação”. Site: <http://www.provedordealimentos.com.br/a-importancia-da-carne-na-alimentacao/>. Acesso em 11/10/17.

porque isso é definido pela cultura e pelas condições concretas de existência dos seres humanos. A concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea ganha força devido ao fato de naturalizarmos o nosso processo de pensar sobre a alimentação porque este não é questionado como algo difundido e adquirido pela nossa cultura (Joy, 2011). Porém, nós, seres humanos, não só nos alimentamos. Nós comemos. E esse ato nos torna distinto pela maneira como usamos os alimentos para além das necessidades biológicas (Kittler, Sucher, & Nelms, 2012).

Os elementos culturais não constituem apenas “o que” comemos, mas também “como” e “quando” nos alimentamos. Na sociedade ocidental as refeições mais comuns são o café da manhã, almoço, lanche e jantar. Geralmente as principais refeições são o almoço e o jantar, que são compostas por uma entrada (um prato frio ou sopa), seguida pelo prato principal (predominantemente um prato quente e com mais itens que a entrada), finalizada com a sobremesa (um prato doce). Além dessas refeições é culturalmente aceitável a ingestão de aperitivos, lanches e bebidas sem horários fixos. O intuito de mencionar estes pontos converge na lógica imanente à Psicologia Histórico-Cultural, na qual as práticas culturais e sociais são constitutivas do ser humano. É no cotidiano que o indivíduo constrói sua marca identitária, por isso iremos nos atentar em como a alimentação imprime suas marcas na identidade dos sujeitos e em como contribui na constituição de determinados sistemas alimentares como signos compartilhados socialmente.

Vigotski (1994, 2007, 2009, 2013) sustenta que o homem é um ser determinado pela realidade social e histórica ao mesmo tempo em que é determinante dessa realidade de forma coletiva. A partir disso é importante mencionar que a comida pertence a uma cadeia produtiva, ou seja, está no bojo das condições concretas de existência dos seres humanos — como o processo de domesticação e “invenção” da agricultura, apontado por Zucoloto (2011) e a transformação dos alimentos via uso da culinária, como demonstrado por Pollan (2014). É inegável que os sistemas alimentares (onivorismo, o vegetarianismo e o veganismo) não se limitam à esfera da necessidade biológica, mas estão intimamente relacionados à cultura humana. Porém, as pessoas se apropriam dos significados da concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea, pois a mídia como grande produtora e difusora de ideias na sociedade contemporânea se transforma em mediadora na constituição da consciência alimentar. Quando as pessoas reproduzem essas concepções dominantes, os significados

sociais retificam determinado tipo de sistema alimentar — e tudo isso atribui naturalidade ao fenômeno.

Acerca dos sistemas alimentares e algumas reflexões teóricas com distintas origens epistemológicas

A experiência humana com a alimentação é um processo dinâmico, que relaciona aspectos biológicos e socioculturais. Além disso, não podemos negar que a nossa relação com a comida é moldada por escolhas e preferências pessoais (em âmbito micro) e pelos elementos culturais, econômicos, sociais e ideológicos (em âmbito macro). Esse processo de escolha gerou os diferentes sistemas alimentares reconhecidamente adotados por grupamentos humanos como formas de se alimentar e de se relacionar com a comida. Os sistemas mais conhecidos e difundidos são o onivorismo, o vegetarianismo e o veganismo.

Em termos de disposição biológica, nós seres humanos, somos descritos como seres **onívoros**, pois podemos consumir e digerir alimentos de diferentes origens, seja ela vegetal ou animal. Sabemos que ao adotarmos a dieta onívora, nossa espécie pode se adaptar tanto biológica, como culturalmente, a diferentes regiões do planeta.

Entretanto, a dieta onívora não é a única adotada pelas populações humanas. Há dietas em que a exclusividade de consumo de produtos de origem vegetal é priorizada em detrimento do consumo de produtos de origem animal. Essas dietas são o vegetarianismo e o veganismo.

O **vegetarianismo** é, além de uma dieta, um estilo de vida que consiste na exclusão da alimentação de todos os tipos de carnes, aves, peixes e seus derivados, com ou sem a utilização de laticínios ou ovos (que são alimentos de origem animal). Ou seja, ser vegetariano significa ter como princípio não comer produtos que impliquem na morte de qualquer ser do reino animal (Slywitch, 2010). Já o **veganismo**, que é considerado outro sistema alimentar, exclui da alimentação quaisquer produtos de origem animal, além de adotar o não consumo de produtos que possuem em sua origem e manufatura ingredientes de origem animal.

Logo, podemos entender melhor a configuração dos modelos de práticas alimentares e compreender como estas são adotadas devido a padrões construídos social e culturalmente. Por conta disso, é inevitável estabelecer alguns “pontos de tangência”¹³ entre a Psicologia Histórico-Cultural e a literatura sobre os sistemas alimentares, já que nossas escolhas do que comer são permeadas por uma dada cultura alimentar (permeada por valores, crenças e ideologias) e devem ser analisadas levando-se em conta os componentes da própria cultura.

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, as práticas culturais são constitutivas do comportamento humano — a maturação biológica é um fator preliminar, por isso não é negada, mas a formação dos seres humanos depende em grande medida da interação social (Vigotski, 1994, 2007, 2009, 2013). Esse pressuposto apresenta um ponto de tangência com Montanari (2013), que sustenta que a comida se torna cultura na medida em que a sua escolha pelos seres humanos se configura como mecanismo de expressão de identidade.

Vigotski (1994, 2007, 2009, 2013) sustenta que o ser humano se constitui socialmente: os humanos, imersos numa cultura interagem como produtores e intérpretes de um sistema simbólico, constituindo-se como seres sociais. Nesse sentido os processos superiores, ou funções psicológicas superiores, têm limiar nas relações com o “outro” e com a cultura, mediados pela linguagem e perpassando o uso de instrumentos em determinada sociedade.

A Psicologia Histórico Cultural sustenta que as características humanas não estão presentes nas pessoas desde o nascimento, mas se desenvolvem na vivência cotidiana permeada de práticas sociais e mergulhada numa cultura desenvolvida historicamente (Vigotski 1994, 2007, 2009, 2013). Nessa relação indivíduo/sociedade o homem só entra em contato com o mundo através de uma mediação — pela linguagem, na relação entre o “eu” e o “outro”, na relação do trabalho social e pelo uso de instrumentos — que ocorre nas condições sociais de vida historicamente formadas. Canesqui e Garcia (2005) sustentam que é a cultura que define o que é ou não é comida, a cultura prescreve o que é adequado comer e define a nossa comensalidade¹⁴. Ou seja, em termos biológicos os seres humanos são onívoros, mas é a

¹³ Optamos pelo termo “pontos de tangência” ao invés de simplesmente afirmar que há “pontos de convergência” em vista das distintas origens epistemológicas das obras e autores mencionados.

¹⁴ Entendemos comensalidade neste trabalho como “a prática de comer junto, partilhando a comida”. Para pormenores sobre este termo, sugerimos a leitura de Fischler (2011).

cultura que define quais alimentos são comestíveis, como são preparados e como são consumidos. Por esta razão a dieta onívora não é a única adotada pelos seres humanos.

Partindo destas considerações teóricas desenvolvemos nesta tese uma leitura sobre as questões subjetivas, culturais e políticas/ideológicas que permeiam a escolha pelo vegetarianismo e veganismo a partir dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, pois entendemos que o ato de comer é repleto de simbologias e significados que são moldados culturalmente. No ato de comer, atualizamos não só nossa relação com o mundo natural, mas refletimos nossa identidade, através de prazeres individuais, da conexão com a família, com a comunidade, com a espiritualidade, com as regras e os valores sociais e com a nossa cultura (Pollan, 2013).

Organização da tese

Logo, partindo destas reflexões iniciais, surge a nossa principal questão de pesquisa: Como se constituem as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros? Nossa premissa é de que o processo das escolhas alimentares de vegetarianos e veganos se constituem no mesmo limiar e âmbito das escolhas alimentares de pessoas onívoras, na medida em que todas essas dietas são construções sociais alicerçadas no horizonte cultural de uma sociedade específica. Além disso, buscamos demonstrar a aplicabilidade do modelo teórico da Psicologia Histórico-Cultural em pesquisas que visem compreender as influências sociais na construção da subjetividade humana, e em nosso caso específico, compreender esses impactos na construção subjetiva de vegetarianos, veganos e onívoros.

No término desta pesquisa de doutorado foi possível constatar que a nossa premissa inicial se sustenta, ou seja, o processo das escolhas alimentares de vegetarianos e veganos se constituem a partir do mesmo processo (o que não significa de mesma maneira ou pelo mesmo motivos) das escolhas alimentares de pessoas onívoras: eles surgem a partir do horizonte cultural de nossa sociedade só que em pontos distintos; pois todos os sistemas alimentares são construções culturais: ser onívoro consiste em assumir culturalmente os valores do sistema alimentar onívoro — o mesmo ocorre, respectivamente, com o vegetarianismo e com o veganismo. Essa conclusão é sustentada pelos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, que permitem afirmar que o indivíduo se desenvolve a partir

de sua relação com o mundo social e cultural. Cada pessoa aprende a ser membro da sociedade adquirindo o legado cultural produzido no decurso da história humana (Leontiev, 1978). Assim, as formas que assumimos como identidades e personalidades se constroem a partir de possibilidades históricas. A sociedade, construída por nós, nos dá os limites e as possibilidades de ser.

A partir disso, podemos tomar os sistemas alimentares e as dietas como categorias socioculturais com origem histórica. Nessa perspectiva, o homem é um ser determinado pela realidade social e histórica ao mesmo tempo em que é determinante dessa realidade de forma coletiva. Assim, a concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea não pode ser considerada como algo universal, abstrato ou natural; mas deve ser tomada como um sistema alimentar que se desenvolve na sociedade, com características determinadas pelas condições sociais e culturais. São os seres humanos que interpretam e constroem a maneira de se alimentar, esta passa a fazer parte da cultura enquanto significado — torna-se referência para a constituição dos sujeitos. Esse conjunto de ideias, valores e referências contribui para que um sistema alimentar seja significado com diferenças em relação às outras dietas, sendo tomado como uma escolha ou preferência particular de cada indivíduo imerso em nossa sociedade.

Esta pesquisa está organizada em quatro capítulos, seguidos das considerações finais, dos anexos e das referências.

No **Primeiro Capítulo**, apresentaremos um mapeamento da produção na Psicologia sobre vegetarianismo e veganismo, no campo acadêmico nacional. Nosso intuito foi o de mostrar uma revisão sistemática de literatura sobre o vegetarianismo e veganismo no campo da Psicologia em indexadores de banco de dados de periódicos nacionais, a fim de compreender como a área de estudo psicológico enxerga e produz conhecimento sobre a questão do vegetarianismo e veganismo e nos dar um panorama das possíveis lacunas que nosso atual estudo pode preencher.

No **Segundo Capítulo**, apresentaremos a nossa fundamentação teórica, além de desenvolver nosso referencial teórico-analítico para interpretação dos dados empíricos. Por fim, descrevemos nosso quadro teórico-metodológico de coleta de dados.

No **Terceiro Capítulo** buscamos, através de um estudo empírico, entender como se constituem as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros. Ao realizarmos esta operação, buscamos demonstrar a aplicabilidade do modelo teórico da Psicologia Histórico-Cultural em pesquisas que visem compreender as influências sociais na construção da subjetividade humana — e em nosso caso específico, compreender esses impactos na construção subjetiva de vegetarianos, veganos e onívoros.

No **Quarto Capítulo**, visamos explorar a relação existente entre as questões políticas e ideológicas com as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros, através de uma compreensão da Psicologia Histórico-Cultural.

Por fim, na última parte, apresentaremos as **Considerações Finais** deste trabalho, realizando uma síntese analítica sobre as questões levantadas e que visaram ser respondidas nesta pesquisa. Também apresentaremos na parte final desta tese, nos **Anexos**, os modelos dos instrumentos aplicados, como o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), o questionário sócio-demográfico e o roteiro de entrevista narrativa, além do documento de aprovação da pesquisa junto ao comitê de Ética em Pesquisa.

CAPÍTULO 1 - REVISÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE VEGETARIANISMO E VEGANISMO NA PSICOLOGIA NO CAMPO ACADÊMICO NACIONAL

Neste capítulo objetivamos apresentar um panorama sobre o perfil da produção científica nacional sobre vegetarianismo e veganismo na área da Psicologia. Pretendemos com esse levantamento identificar direcionamento que os estudos psicológicos tem para a compreensão dos aspectos relacionados às escolhas alimentares, pois sabemos que a adoção de hábitos alimentares é impactada por um conjunto de fatores, como a saúde e a nutrição, situação socioeconômica, questões ambientais, socioculturais e psicológicas.

Nossa premissa para este capítulo é a de que, no campo da Psicologia, os estudos sobre hábitos, preferências e escolhas alimentares tendem a uma explicação levando em consideração mais os aspectos nutricionais e psicopatológicos, abstraindo das pesquisas o fator sociocultural relacionado à comida. Identificamos essa tendência especialmente quando nos direcionamos à produção acadêmica nacional.

Como ressalta Carneiro (2003), muitos cientistas têm encarado o campo de estudos sobre alimentação exclusivamente como um ramo da Bioquímica. Essa dimensão física da alimentação, como um processo orgânico e metabólico, não esgota, contudo, sua dimensão humana, que é também uma questão econômica, social e cultural. As Ciências Naturais não têm conseguido apreender plenamente todas as nuances sobre a questão dos hábitos humanos de alimentação.

Nossa motivação para a realização desta revisão veio devido à constatação da pouca difusão de pesquisas que apresentem uma sistematização relacionada aos hábitos alimentares no campo da Psicologia, e principalmente que apresentem argumentações sobre os processos de aquisição de hábitos e preferências alimentares que são moldadas por aspectos socioculturais. Pretendemos neste capítulo mapear os principais direcionamentos que os estudos na área da Psicologia sobre o vegetarianismo e o veganismo tem na produção nacional, e identificar possíveis lacunas que nossa tese pode preencher sobre estudos relacionados com a Psicologia e as questões das escolhas, hábitos e preferências alimentares.

Objetivamos apresentar esse panorama realista do campo de pesquisa sobre a temática nas produções acadêmicas nacional, já que, segundo Vosgerau e Romanowski (2014), os estudos de revisão buscam fornecer uma visão histórica sobre um tema ou assunto considerando as publicações em um campo, além de permitir uma reformulação histórica do diálogo acadêmico por oferecer uma nova direção, configuração e encaminhamentos para pesquisa científica em diversas áreas.

Logo, para conseguirmos alcançar nosso objetivo, este capítulo visa apresentar uma revisão sistemática de publicações científicas nacionais e em português, para o entendimento das questões das escolhas e práticas alimentares de pessoas onívoras, vegetarianas e veganas, tendo como foco a área da Psicologia.

1.1. Uma visão geral das pesquisas sobre o vegetarianismo e o veganismo

As mudanças aceleradas nos padrões de alimentação que estão acontecendo na maioria dos países e, em particular, naqueles economicamente emergentes, causa grande impacto em nossas escolhas do cotidiano. Entender nossa relação com a comida¹⁵ não se limita a identificar aspectos nutricionais, mas traçar sua dimensão cultural que se põem em ato, enquanto socialmente construído. Como ressalta Pollan (2007, pg. 16), “Não somos apenas o que comemos, mas sim como comemos”.

Nossas escolhas e hábitos alimentares são também fortemente moldados por fatores sociais e psicológicos (Almerico, 2014), e podem estar ligadas à expressão de uma identidade pessoal. Em linha gerais, os sistemas alimentares são mais do que estilos dietéticos, são um projeto de vida escolhido (Sneijder e Molder, 2009).

Nos deparamos com um crescente interesse sobre temas relacionados a hábitos alimentares, sobretudo a respeito do estilo de vida de pessoas vegetarianas e veganas. A busca por informações sobre o vegetarianismo e o veganismo, além do aumento das produções de material literário e cinematográfico, demonstram o interesse sobre a questão a respeito destes modelos de hábitos alimentares. Como exemplo desse interesse, realizamos uma busca pelos

¹⁵ Adotamos, nesta pesquisa, a conceituação de “comida” como um processo complexo, permeado de atributos simbólicos e subjetivos, que vão além da necessidade biológica humana de alimentação (Kittler, Sucher, & Nelms, 2012).

termos “vegetarianismo” e “veganismo” através das estatísticas do banco de dados do Google Trends, que consiste em uma ferramenta do site de busca que informa os termos mais pesquisados no “Google” em um determinado período de tempo.

Em países ibero-americanos, houve um aumento de buscas no site por termos ligados ao vegetarianismo, desde 2005¹⁶ (Figura 1), como demonstrado abaixo:

Figura 1 - Série histórica da frequência de busca na *internet* pelo termo "vegetarianismo"



Notamos que, no ano de 2004, há um ascensão do tema, assim como nos anos de 2009 e 2016. Podemos inferir¹⁷ que essa ascensão nos referidos anos podem ter sido devido à escândalos envolvendo situações com contaminação de alimentos de origem animal, em especial a carne (Schlosser, 2001; Pollan, 2007, Joy, 2011).

¹⁶ As informações sobre o perfil de busca por assuntos na internet foram retiradas do banco de dados do *Google Trends*. As informações para este estudo foram obtidas em abril de 2016 e estão disponíveis em: <http://www.google.com.br/trends/explore#q=Vegetarianismo> e <https://www.google.com.br/trends/explore#q=veganism>.

¹⁷ A ferramenta do *Google Trends*, apesar de demonstrar a estatística de busca por termos e principais tópicos relacionados a temática, não nos fornece dados sobre as associações feitas nas pesquisas no site da *internet*. Logo, podemos apenas inferir as motivações para o aumento ou declínio das pesquisas sobre o tema.

As questões de segurança alimentar deixaram de ser algo regionalizado e passaram a afetar a população de forma global, seja pelo acesso a produtos industrializados, seja pela divulgação nas mídias de massa sobre problemas de contaminação de alimentos. Justamente nos anos de maior pico na busca pelos termos sobre o vegetarianismo, ocorreram grande escândalos envolvendo contaminação de alimentos, como o caso da “vaca louca” (contaminação da carne bovina, causando uma infecção neurológica em seres humanos), em 2004¹⁸; os casos de gripe suína e aviária (H1N1), em 2009¹⁹ e boatos de venda de carne contaminada do Brasil para o Chile, em 2016²⁰, que culminou na investigação do caso denominado “carne fraca” pela Polícia Federal brasileira, que investiga diversos grupos frigoríferos do país, através de denúncias de venda de carne bovina vencida e processada com substratos não permitidos, no ano de 2017²¹.

Já quando analisamos o histórico de busca pelo assunto do veganismo, podemos associar o interesse pelo tema nos últimos anos com uma maior preocupação da população pelas causas ambientais²², pela influência das redes sociais²³, pela adoção desta dieta por atletas²⁴ de alto rendimento e por divulgação do interesse nas grandes mídias de celebridades sobre o tema (Lundahl, 2017).

¹⁸Reportagem que relata o caso da doença em bovinos na Europa, conhecida como caso da “vaca louca”: <http://edition.cnn.com/2004/ALLPOLITICS/01/06/timep.cow.tm/>. Acesso em 14/10/17.

¹⁹Para pormenores sobre esse assunto, recomendamos o estudo de Carneiro, Trench, Waib, Pedro e Motta (2010).

²⁰ Reportagem sobre a denúncia de comercialização de carne bovina contaminada do Brasil para o Chile: <https://exame.abril.com.br/economia/chile-decreta-alerta-nacional-por-carne-brasileira-contaminada/>. Acesso em: 14/10/17.

²¹ Reportagem sobre a operação da Polícia Federal contra um grupo da indústria frigorífera: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/03/operacao-revela-venda-de-carne-vencida-e-moida-com-papelao.html>. Acesso em 14/10/17.

²² Idem.

²³ Reportagem sobre o crescimento do veganismo entre jovens, impulsionado pelo o uso das redes sociais. <https://www.anda.jor.br/2016/06/ascensao-do-veganismo-e-impulsionada-por-jovens-e-pelas-midias-sociais/>. Acesso em 14/10/17.

²⁴ Reportagem sobre atletas veganos de alto rendimento: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/atletas-veganos-whey-protein-arroz/>. Acesso em 14/10/17.

O termo veganismo apresentou maior busca em países anglo-saxões, segundo dados do *Google Trends*.²⁵ Abaixo, vemos os números correspondentes a busca pelo assunto no site, na Figura 2:

Figura 2 - Série histórica da frequência de busca na internet pelo termo "veganismo"



O crescente interesse pelo vegetarianismo e o veganismo também vem se refletindo como assunto para pesquisas acadêmicas. Entretanto, ao realizarmos nossas pesquisas bibliográficas sobre a temática em produções científicas brasileiras, percebemos que esse aumento de interesse pelas questões sobre essas distintas práticas alimentares não foram acompanhadas pelo campo técnico-científico nacional, especialmente nas ciências psicológicas. Logo, ao notarmos que há essa lacuna, nos surgiu o interesse em aprofundar nosso levantamento bibliográfico através de uma revisão sistemática.

Resolvemos, então, definir como ponto de partida para nossas buscas a escolha pelas plataformas do Scielo, da Lilacs e do Periódicos Capes, já que são os sites de indexadores

²⁵ Reportagem sobre o crescimento de pesquisas pelo termo *vegan* em site de busca: <http://cok.net/blog/2013/03/google-confirms-veganism-on-rise/>. Acesso em 14/10/17.

mais utilizados no Brasil na busca de pesquisas científicas no campo da Psicologia (Sabadini & Sampaio, 2009). A revisão sistemática, através do levantamento dos dados referênciais, foi realizada no período do segundo semestre de 2016.

A fim de captar a maior quantidade de estudos na área, optamos por selecionar termos descritores extraídas dos vocabulários de terminologias em Psicologia e Ciências da Saúde da BVS-Psi, em português. Inicialmente, como nosso interesse foi o de traçar um perfil sobre estudos em Psicologia relacionados às temáticas do vegetarianismo e do veganismo, selecionamos estas duas terminologias, combinadas com a palavra principal “Psicologia”.

Os termos associados com os usados em nossa pesquisa, segundo o vocabulário de terminologias da BVS-Psi, foram: alimentação, vegetarianismo/dieta vegetariana e escolha alimentar/preferências alimentares. O site de vocábulos não relacionou o termo “veganismo”. Creditamos isso pelo fato do termo “veganismo” ser uma adaptação do termo original do inglês *vegan*, ou seja, um neologismo. Apesar deste fator, decidimos por acrescentar a palavra “veganismo”, mesmo esta não constando como nomenclatura na base do BVS-Psi. Nossa decisão foi baseada no fato de que hoje o termo “veganismo” é adotado como referência de um estilo de vida e de hábitos alimentares e é popularmente difundido.

Logo, obtivemos seis combinações de descritores, que foram utilizados em pares, sendo adotado como padrão o termo “Psicologia”.

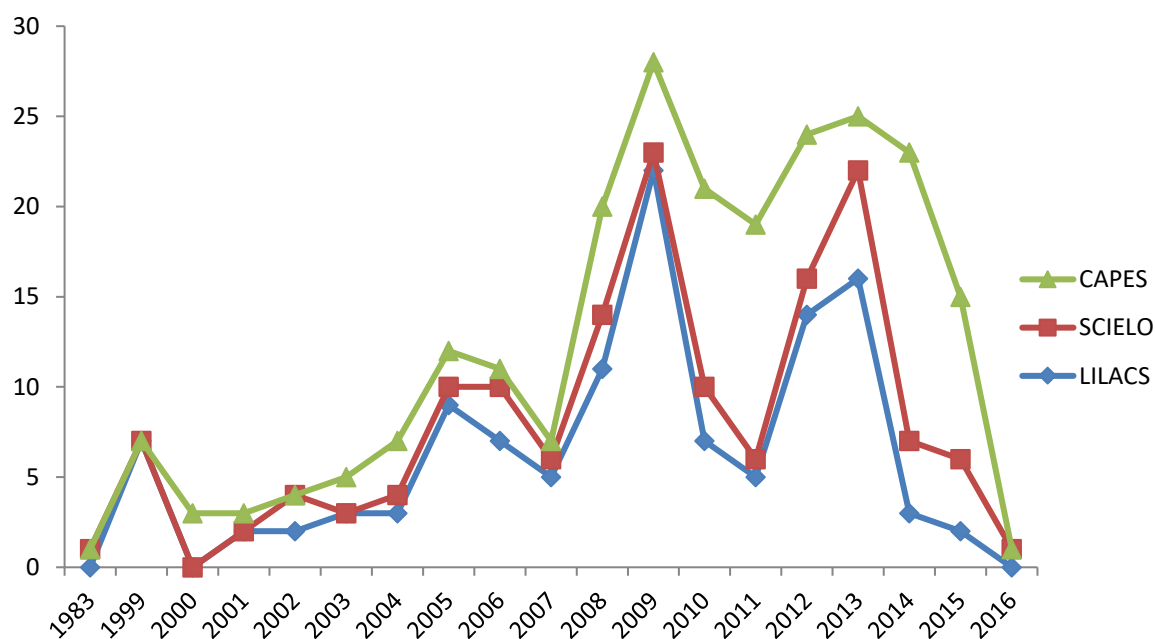
Empregamos como critérios para inclusão das referências neste levantamento, em um primeiro momento, todos os artigos encontrados nas bases de dados, realizando a coleta separada por plataformas escolhidas. Após esta primeira triagem, aplicamos um procedimento preliminar de filtragem dos resultados obtidos nas plataformas, excluindo artigos repetidos através dos descritores e textos que não fossem artigos acadêmicos de periódicos científicos, como dissertações/teses, dossiês e livros. Por fim, após a construção do *corpus*, realizamos uma leitura seletiva e analítica dos resumos dos trabalhos encontrados.

Optamos por incluir todas as pesquisas encontradas, levando em consideração que não há revisões de literatura de anos anteriores com enfoque na temática abordada neste levantamento, fato que evidencia a necessidade de análise e sistematização destes trabalhos

na área. Os períodos que abrangem os estudos encontrados datam entre 1983 a 2016. Após uma leitura analítica dos resumos, estas datas ficaram concentradas nos últimos 10 anos, demonstrando uma ainda incipiente produção acadêmica sobre o assunto relacionado às múltiplas opções de hábitos alimentares da população.

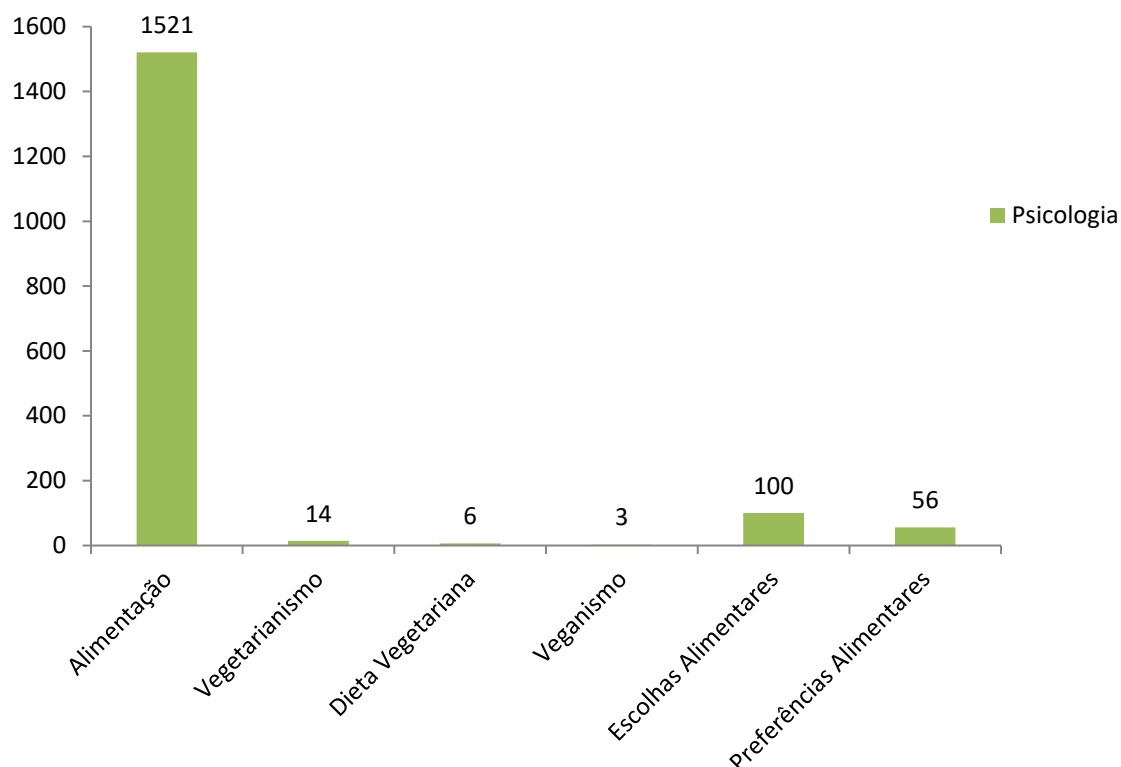
Em uma análise mais generalista, verificamos que a maioria das pesquisas realizadas identificadas nas três plataformas concentram suas publicações a partir dos anos 2000 do século XXI. Essa produção nos permite inferir que há um incipiente histórico de pesquisas no campo da Psicologia relacionada com a alimentação. Entretanto, esta produção evidencia uma crescente preocupação dos pesquisadores em entender esse aspecto tão essencial do cotidiano humano, como podemos ver na Figura 3 abaixo:

Figura 3 – Quantidade de artigos publicados por ano X nas plataformas de indexadores



Nesta primeira abordagem, encontramos 1.700 artigos nas diferentes bases de dados de indexadores. Optamos por organizar os dados por pares de palavras, de forma associada, não separando por plataformas de busca. Os resultados obtidos, desta primeira triagem, estão apresentados na Figura 4:

Figura 4 – Resultados do Banco de Dados em português



Na primeira análise, com base nos dados numéricos apresentados, podemos constatar que há uma primazia de estudos com foco nos processos alimentares. Essa primeira visualização dos dados nos permitiu identificar poucos trabalhos no campo da Psicologia relacionados ao vegetarianismo e ao veganismo.

Outra tendência que podemos observar nos dados iniciais é a de que a busca por trabalhos que utilizam os termos relacionados ao vegetarianismo e ao veganismo mostrou-se pouco satisfatória e as pesquisas localizadas tinham um foco mais nutricional, com o uso do termo “dieta vegetariana”. Estes termos foram os menos relacionados nas pesquisas em Psicologia, o que reforça o nosso interesse e a nossa necessidade de evidenciar tal temática, através deste levantamento.

Logo, essa primeira análise, nos mostrou uma pequena produção científica sobre o vegetarianismo e o veganismo no campo da Psicologia, e uma maior concentração com a temática relacionada à alimentação. Entretanto, esses dados ainda são pouco conclusivos, o que nos gerou a necessidade de explorar de forma qualitativa os resumos e artigos que obtivemos na primeira parte da revisão sistemática.

Como segunda etapa de filtragem dos artigos, excluimos todos aqueles que não fossem apresentados em língua portuguesa; artigos que foram repetidos na busca entre as diferentes plataformas, ou através da pesquisa pelas terminologias. Adotamos esses critérios visando tratar com maior clareza o panorama da produção nacional sobre a temática. Mais do que apresentar dados estatísticos, pretendemos identificar como a pesquisa científica em Psicologia vem tratando sobre a temática alimentar, o que só foi possível através de uma análise mais pormenorizada dos resumos dos artigos.

Visando, então, uma análise qualitativa dos resumos selecionados na primeira etapa, optamos por operacionalizar a análise dos dados através do *software* ATLAS.ti® (versão 8.0, de 2016). Como descreve Bauer e Gaskell (2002), o ATLAS.ti® é um programa computacional que auxilia o pesquisador no processo de tratamento e análise de um grande volume de dados, o que é o caso dessa nossa revisão sistemática

Para a realização dessa análise qualitativa em profundidade, adotamos os seguintes critérios, com inspiração em Bauer e Gaskell (2002):

- a) Identificação do artigo: título, autoria, ano de publicação;
- b) Palavras-chaves referenciadas;
- c) Identificação de referência teórico: autores e/ou teorias apresentadas.
- d) Identificação do objetivo ou problema do estudo;
- e) Identificação do delineamento da pesquisa: método adotado, participantes, instrumentos de coleta de dados e técnica de análise do material empírico.
- f) Identificação dos resultados obtidos.

Após esse procedimento de tratamento dos dados coletados, realizamos uma análise do conteúdo através de um processo de categorização deste dados. A análise de conteúdo consiste, partindo da proposta formulada por Bardin (1977), de um conjunto de procedimentos que visa produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada. E um dos recursos utilizados por nós para efetivação de nossa análise do conteúdo foi os procedimentos de codificação e de categorização.

Por categorização, partimos da ideia de que esta nos fornece representação simplificada dos dados brutos obtidos na etapa empírica (Bardin, 1977), que no nosso caso, foi o processo de selecionar os resumos para análise. Ainda segundo essa premissa da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), a categorização é uma operação que visa a classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento, com critérios previamente definidos.

As categorias utilizadas foram construídas com inspiração do referencial da Psicologia Histórico-Cultural, fundamentação teórica de nosso estudo. Essa decisão teve como base as considerações de Bauer e Gaskell (2002), pois segundo estes autores, a análise de conteúdo por categorização interpreta o texto apenas à luz do referencial de codificação, que é construído a partir de uma seleção teórica que incorpora o objetivo da pesquisa. Visamos, ao utilizarmos esses critérios, extraír do *corpus* construído informações que nos permitiram mapear a produção científica nacional no campo da Psicologia relacionando com o vegetarianismo e o veganismo. Portanto, as categorias inicialmente, criadas por nós, foram:

Tabela1 - Descrição das Categorias do estudo

Categorias Analíticas	Descrição das Categorias Analíticas
Estilo de Vida	Consideramos nesta categoria aspectos relacionados aos hábitos alimentares.
Práticas em saúde	Consideramos nesta categoria aspectos relacionados com adoção de práticas em saúde pública.
Comportamento Alimentar	Nesta categoria englobaremos os estudos relacionados a comportamentos alimentares ²⁶ e transtornos do comportamento alimentar, como anorexia, bulimia, obesidade e outras patologias relacionadas.
Aspectos Psicossociais da alimentação	Nesta categoria, consideramos o impacto social das questões alimentares, bem como estudos de alimentação das populações, o uso da alimentação expressão da cultura através da culinária e ritos.
Aspectos Subjetivos	Consideramos nesta categoria aspectos relacionados ao impacto emocional e afetivo da alimentação, bem como a adoção de hábitos alimentares como expressão de identidade.

Em nossos resultados qualitativos, após uma leitura sistemática dos resumos dos artigos, encontrados nos principais indexadores de periódicos científicos, foi possível identificar 153 publicações que apresentaram, inicialmente, uma correlação com as temáticas pesquisadas.

Os primeiros resultados encontrados mostraram que o indexador que apresentou maior número de artigos relacionado a temática foi a plataforma CAPES. A maioria dos trabalhos encontrados foram relacionados com “escolhas alimentares”, evidenciando uma tendência no campo da Psicologia em focar seus trabalhos ao campo nutricional. O indexador LILACS apresentou uma taxa de artigos semelhante ao da CAPES, enquanto a base de dados do Scielo evidenciou o menor número de artigos relacionados a temática.

²⁶ Baseamo-nos, para este estudo, na definição de comportamento alimentar descrita por Dalgalarondo (2000), já que nossas condutas alimentares são motivadas conscientemente pelas sensações básicas de fome, sede e saciedade. Para este autor, o comportamento alimentar (bem como suas alterações) é moldado por múltiplas dimensões, como a *fisiológica-nutricional* (que corresponde aos aspectos metabólicos, endócrinos e neuronais); pela dimensão *psicodinâmica e afetiva* (que corresponde aos aspectos emocionais) e pela dimensão *relacional* (que corresponde aos aspectos interpessoais e psicossociais). Para aprofundamento conceitual sobre as alterações do comportamento alimentar, recomendamos a leitura do autor citado.

Entretanto, na Tabela 2, podemos notar uma maior distribuição entre as diferentes temáticas buscadas, na qual trabalhos relacionados a “escolhas alimentares” e “preferências alimentares” ganham destaque pela grande quantidade de produção científica. Neste caso específico, as plataformas que apresentaram maior quantidade de artigos foram a LILACS e o periódico CAPES e a que obtivemos o menor número de artigos nas buscas aos termos escolhidos foi a plataforma SCIELO.

Notamos que há uma concentração de artigos com foco nas temáticas como “alimentação” e “escolhas alimentares”. Há poucos trabalhos em Psicologia com foco em temáticas relacionadas ao vegetarianismo e o veganismo, como podemos verificar na tabela 2 abaixo:

Tabela 2 - Estudos em português sobre Psicologia e questões alimentares

Palavras-chave	Número de Pesquisa por indexadores	Número de Pesquisa por indexadores	Número de Pesquisa por indexadores
	Scielo	Lilacs	Capes
	Psicologia	Psicologia	Psicologia
Alimentação	27	39	8
Vegetarianismo	0	0	1
Dieta Vegetariana	0	0	0
Escolhas Alimentares	0	5	58
Preferências Alimentares	0	4	10
Veganismo	0	0	1
Total de artigos	27	48	78

Fonte: pesquisa empírica com tratamento dos dados via Atlas Ti 8.0, produção autoral.

Outro resultado importante obtido através de uma leitura sistemática dos resumos relaciona-se com o perfil das pesquisas realizadas em território nacional sobre a temática elencada. Nessa etapa, identificamos em todos os resumos filtrados, a teoria utilizada no estudo, bem como o método de coleta e análise de dados, conforme proposta inspirada nas considerações de Bauer e Gaskell (2002).

Das teorias citadas como arcabouço dos estudos, a maioria dos resumos não apresentaram explicitamente a fundamentação adotada. Na plataforma da LILACs, foram 68 artigos que não descreveram sua abordagem teórica (68% do total de artigos encontrados). Na plataforma SCIELO, este número correspondeu a 74% dos artigos encontrados (21 ao total) e na plataforma de periódicos da CAPES, este número chegou a 38 artigos, sendo 82% do total de trabalhos encontrados. O fato da maioria dos estudos não apresentarem em seus resumos o aporte epistemológico adotado nos permite inferir uma dificuldade na divulgação e na clareza dos trabalhos sobre a temática da alimentação humana no campo da Psicologia.

Já nos estudos que explicitam seus aportes teóricos, notamos que há uma maior citação de trabalhos relacionados com modelos teóricos mais psicossociais, com o uso de teorias como o Construcionismo Social e o Interacionismo Simbólico. Vale destacar uma quantidade significativa de estudos que adotaram a teoria das Representações Sociais, teoria esta oriunda da tradição sociológica da Psicologia Social e que, no Brasil, tem grande popularidade²⁷ e adesão como modelo de estudo psicossocial. Ao todo, foram 17 artigos citados (11% do total de artigos encontrados nas três plataformas), sendo 12 artigos identificados no LILACS (12%); 2 artigos encontrados no SCIELO (6%) e 3 artigos na plataforma de periódicos da CAPES (6%).

As demais teorias citadas, mas com poucos trabalhos relacionados nas três plataformas, foram: Fenomenologia, Etnografia, Sistêmica, Teoria Cognitiva Social, Teoria da Complexidade, Psicanálise, Sociocultural, Neuropsicologia, Teoria de Habilidades Sociais, Psicologia Experimental, Saúde Coletiva e Biopolítica (Foucault).

Já quando analisamos os delineamentos de pesquisa adotados nos estudos identificados através das plataformas de indexadores, notamos uma maior heterogeneidade de modelos.

Ao realizar esse procedimento, verificamos que o uso do método qualitativo apresentou singela preferência ao modelo quantitativo. Ao todo, encontramos 60 artigos com adoção do método qualitativo (39% do total de artigos), em comparação com 47 que utilizaram o método quantitativo (30% do total de artigos encontrados). Na plataforma LILACS,

²⁷ Para pormenores sobre a expansão da teoria das Representações Sociais no Brasil, recomendamos Sá (2007).

identificamos 35 estudos que adotaram o método qualitativo (37% do total de artigos), 27 estudos que adotaram o método quantitativo (28%) e 18 resumos que realizaram estudos teóricos (19% do total de artigos). Vale pontuar que a plataforma LILACS foi aquela que apresentou uma maior equiparação entre os modelos metodológicos de matriz qualitativa e quantitativa. Dentre os modelos de análise dos dados em pesquisas qualitativas, notamos uma maior adoção dos recursos da Análise do Conteúdo para interpretação dos dados, com o total de 8 estudos (22%), seguindo do modelo compreensivo-interpretativo, com 5 artigos relacionados (14%). Um dado relevante é que, mesmo explicitando a adoção do método qualitativo, 14 artigos não descreveram o recurso para análise dos dados, correspondendo a 40% do total de trabalhos identificados nesta plataforma.

Na plataforma SCIELO, obtivemos os seguintes resultados quando analisamos o modelo metodológico adotado pelos estudos identificados: 7 artigos usaram o recurso de estudo teórico (24% de artigos encontrados), 5 artigos descreveram adotar o método quantitativo, correspondendo a 17% do total de artigos identificados e 12 artigos adotaram o método qualitativo (41% do total de estudos). Na plataforma SCIELO, os principais modelos de análise de dados no método qualitativo descritos foram: Análise de Conteúdo (com 4 artigos no total), Pesquisa em Ação (1 artigo), Fenomenologia (1 artigo), Estudo de Caso (1 artigo) e a Hermenêutica (1 artigo). Houve 4 artigos que não especificaram o modelo de análise de dados pelo método qualitativo.

Por fim, na plataforma CAPES, notamos uma inversão dos resultados, já que houve uma singela primazia de estudos quantitativos em detrimento dos estudos qualitativos. Dos artigos identificados, 15 destes adotaram o método quantitativo (32%), 13 adotaram o método qualitativo (28%) e 8 estudos realizaram estudos teóricos, correspondendo à 17% do total de artigos. Houve, entretanto, 11 artigos em que não foi possível identificar o método de análise adotado (cerca de 23% dos estudos encontrados). Também na plataforma de periódicos da CAPES, a Análise de Conteúdo foi a mais citada como recurso analítico no modelo qualitativo, com 6 artigos citando esse procedimento, correspondendo a 46% do total de artigos que utilizaram o método qualitativo.

Verificamos que houve uma significativa adoção de pesquisas teóricas entre os estudos levantados, sendo em sua maioria, revisões sistemáticas de produções científicas, com 33

estudos (21% dos total de artigos). Outro dado relevante é a alta incidência de artigos em que não foi possível identificar o delineamento de pesquisa, com o total de 79 artigos (ou 51% do total de artigos analisados nas três plataformas de indexadores).

Essa visão inicial da produção a respeito da Psicologia e hábitos alimentares nos permite inferir que há uma produção variada sobre a temática, com adoção de múltiplos recortes epistemológicos, quanto metodológicos. Entretanto, a fim de aprofundar nossa investigação das pesquisas selecionadas, realizamos uma análise de conteúdo temática categorial a fim de conseguir extrair um perfil mais detalhado sobre os direcionamentos que a pesquisa em Psicologia na produção científica nacional toma em relação à temática dos hábitos e preferências alimentares. A análise categorial desses trabalhos também nos apresentou uma tendência ao pluralismo teórico e metodológico.

As nossas análises demonstraram que os trabalhos relacionados à temática de hábitos alimentares e Psicologia concentraram-se em apresentar estudos sobre o comportamento alimentar e sobre os impactos psicossociais da alimentação, conforme podemos ver na tabela 3. A leve primazia de trabalhos sobre questões psicossociais associadas aos hábitos alimentares não corresponde, de fato, a estudos voltados a compreender a construção histórica e cultural da nossa relação com a comida, já que nesses estudos, as principais temáticas concentravam-se em políticas e campanhas de saúde, história da culinária, impactos do aleitamento materno e a relação entre alimentação e propaganda.

Podemos entender essa questão como uma tendência do campo científico nacional na área da Psicologia, como quando comparamos os estudos com teorias mais psicossociais, a exemplo da teoria das Representações Sociais. Nos artigos encontrados que evidenciam esse arcabouço, notamos que o enfoque desses estudos eram o de compreender as crenças sobre alimentação em determinado público alvo dos estudos (adolescentes, mães, idosos, grupos com patologias específicas, etc). Percebemos que não foi apresentados nesses estudos uma discussão sobre os aspectos socioculturais envolvidos no processo de representação sobre alimentação da população. Apesar de em alguns estudos que tiveram como base investigar os impactos de programas e campanhas de saúde destacarem a importância dos aspectos histórico, social e cultural que interferem na escolha alimentar, não foi possível identificarmos um aprofundamento desses aspectos discutidos nos artigos apresentados.

Notamos que os autores não deixaram claro como esses aspectos foram abordados em seus estudos.

Sobre o comportamento alimentar, evidenciou-se uma tendência nos processos de adoecimento relacionados a alimentação. Dentre os artigos elencados, os maiores destaques estavam concentrados em pesquisas sobre transtornos alimentares, como obesidade, anorexia e bulimia, além de doenças crônicas não degenerativas que possuem impacto devido ao comportamento alimentar, como diabetes e hipertensão arterial. Esses dados corroboram nossa percepção inicial de que há ainda uma tradição em estudos da Psicologia em focar nas questões relacionadas aos aspectos patológicos dos hábitos alimentares.

Tabela 3 - Caracterização das Categorias de Análise das Pesquisas Realizadas e Principais Resultados Encontrados em Revisão Sistemática de Literatura nos Bancos de dados em Português

Categorias	Scielo	Lilacs	Capes
Estilo de Vida	4	16	11
Comportamento Alimentar	16	21	18
Aspectos Psicossociais da alimentação	15	56	27
Aspectos Subjetivos da alimentação	10	8	13
Práticas em saúde	9	44	19

Fonte: Pesquisa empírica com tratamento dos dados via Atlas Ti 8.0, produção autoral.

Já os artigos relacionados à práticas em saúde, notamos uma concentração de investigações no campo da saúde coletiva, relacionando a adoção de comportamento mais saudáveis da população a campanhas de cunho psicoeducativas do campo das políticas públicas de saúde, como a recepção da população a novos protocolos de atendimento e investigações de efetividade de campanhas de cunho preventivo em saúde.

As temáticas em que obtivemos a menor concentração de trabalhos foram aquelas que buscavam investigar o estilo de vida e sobre as questões subjetiva associadas a adoção de hábitos alimentares. Novamente, notamos que esses trabalhos estavam associados com mudanças devido a fatores externos, como campanhas públicas ou de mídias sociais e questões voltadas aos impactos psicopatológicos de alguns hábitos alimentares, conforme ilustramos na tabela 4. Mesmo explorando as diferentes categorias, percebemos que o foco dos estudos repetem uma disposição na área, de trabalhos abordando aspectos de saúde pública e psicopatológicos.

Tabela 4 - Caracterização das Categorias de Análise das Pesquisas Realizadas e Principais Resultados Encontrados em Revisão Sistemática por palavras- chaves

Categorias	Psicologia
Estilo de Vida	28
Comportamento Alimentar	23
Aspectos Psicossociais da alimentação	69
Aspectos Subjetivos da alimentação	17
Práticas em saúde	29

Fonte: Pesquisa empírica com tratamento dos dados via Atlas Ti 8.0, produção autoral.

Em apenas um único artigo houve a menção de estudos sobre a questão do vegetarianismo e do veganismo como temática investigada no campo psicológico. O estudo de Loyola, Gaertner, Andrade e Pinheiro Junior (2012), buscou investigar os efeitos psicossociais da meditação em praticantes experientes, através de um estudo qualitativo. Seus objetivos consistiram em analisar quais foram as mudanças psicossociais que ocorreram na vida dos praticantes de meditação, investigando-as em diferentes esferas; individual, transpessoal, ambiental e interpessoal. O foco do estudo não foi a questão do vegetarianismo e veganismo, mas como estes apareceram como consequência da mudanças de hábitos de pessoas que passaram a adotar a meditação como prática corrente. Podemos dizer que nosso estudo teve um direcionamento oposto, em que buscamos investigar as causas para adoção do vegetarianismo e veganismo pelos nosso participantes e de compreender o impacto que essas

escolhas tiveram em suas vidas. Logo, mesmo este estudo de Loyota et al. (2012), não apresenta uma similitude com a nossa pesquisa.

Podemos resumir que nosso levantamento bibliográfico nos permitiu apreender uma lacuna em termos de interesse acadêmico pelas questões correspondentes ao vegetarianismo e ao veganismo em vista do baixo número de pesquisas que utilizam esses termos relacionados, como podemos verificar nos dados encontrados.

Identificamos que a pesquisa científica em Psicologia vem tratando a temática alimentar com ênfase no âmbito nutricional e psicopatológico; na qual o fator sociocultural relacionado à comida apresenta baixa representatividade nas pesquisas científicas. — como já frisamos anteriormente.

Em nossa revisão de literatura — nas bases de dados do SCIELO, da LILACS e do Periódicos CAPES — alguns resultados gerais sobressaíram. Embora as pesquisas no campo da Psicologia sobre as temáticas relacionadas à alimentação datem de 1983 à 2016, a maioria se concentra nos últimos 10 anos.

Dos estudos que apresentaram (em seus resumos) as teorias utilizadas, há o predomínio de modelos psicossociais e de matriz sociológica, dos quais se destacam a teoria das Representações Sociais, o Construcionismo Social e o Interacionismo Simbólico.

Além disso, notamos que não há uma grande diferenciação em termos de método, sendo que o qualitativo apresentou uma leve prevalência em relação ao modelo quantitativo. Dentre as pesquisas qualitativas, estas adotaram predominantemente os recursos da Análise do Conteúdo para interpretação dos dados. Segundo levantamento realizado por Seramim e Walter (2017), a análise do conteúdo é um método de análise de dados bastante difundido e popular no Brasil, utilizado em diversas áreas do conhecimento.

Entre os estudos levantados, há significativa adoção de pesquisas teóricas, cuja predominância recai em revisões sistemáticas de produções científicas. Este dado nos demonstra uma tendência importante de mapeamento, bem como as lacunas que podem estimular a produção de novas pesquisas, como é o caso desta tese. Como apontam Vosgerau e Romanowski (2014), estudos de revisão sistemática favorecem examinar as contribuições das pesquisas, na perspectiva da definição da área, do campo e das disciplinas que o

constituem, avaliação do acumulado da área, além de apontar as necessidades de melhoria do estatuto teórico e metodológico, e mesmo as tendências de investigação.

Entretanto, observamos que há uma produção variada sobre a temática da alimentação, com adoção de múltiplos recursos no que se refere aos recortes epistemológicos e metodológicos — embora entre os trabalhos analisados poucos tiveram foco sobre as questões do vegetarianismo e do veganismo no campo da Psicologia.

Quando realizamos a análise temática do conteúdo, através de um processo de categorização dos dados, foi possível identificar alguns pontos significativos. Ao isolarmos os artigos, percebemos uma predominância de abordagens sobre questões psicopatológicas ou de saúde pública.

Os estudos sobre comportamento alimentar e impactos psicossociais da alimentação convergem, principalmente, nos artigos com as temáticas de hábitos alimentares e Psicologia.

Já os trabalhos referentes à questões psicossociais associadas aos hábitos alimentares convergiram nas seguintes temáticas: políticas e campanhas de saúde; história da culinária; impactos do aleitamento materno e relação entre alimentação e propaganda — em sua maioria não são estudos que vise compreender a construção histórica e cultural das escolhas e práticas alimentares.

Os processos de adoecimento relacionados à alimentação, cuja categoria se enquadra como comportamento alimentar, são abordadas por pesquisas que se debruçavam sobre transtornos alimentares (obesidade, anorexia e bulimia) e doenças crônicas não degenerativas relacionadas à alimentação (como diabetes e hipertensão arterial).

O campo da saúde coletiva, cuja categoria se enquadra como práticas em saúde, foram abordados por artigos que investigam a adoção de comportamento mais saudáveis pela população e campanhas psicoeducativas voltadas às políticas públicas de saúde, tais como investigações sobre a efetividade de campanhas preventivas de saúde ou a recepção da população diante de novos protocolos de atendimento.

A minoria dos estudos apresentou temáticas sobre estilo de vida e aspectos subjetivos da alimentação. Importante frisar que a maioria desses artigos estava associados às mudanças alimentares devido a fatores externos (como campanhas públicas ou influência de mídias sociais) e questões voltadas aos impactos psicopatológicos de alguns hábitos alimentares.

Apenas um artigo abordou o vegetarianismo e o veganismo como temática investigada no campo psicológico, reforçando a premissa de que pesquisas sobre a adoção de diferentes tipos de dieta ainda precisam ser melhor explorados no campo acadêmico, e em especial na ciência psicológica.

Essa revisão sistemática de literatura nos permitiu realizar um mapeamento da produção em pesquisas no campo da Psicologia sobre o vegetarianismo e o veganismo. O levantamento nos apontou que há ainda uma carência de estudos sobre essas temáticas. Este é um dos motivos pelas quais visamos apresentar nos próximos capítulos uma pesquisa que traga uma nova visão sobre a questão do vegetarianismo e do veganismo na Psicologia, especialmente com foco na produção em língua portuguesa, sobretudo no Brasil.

Logo, buscamos no referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural, e no modelo da epistemologia qualitativa proposta por Gonzalez Rey (2003, 2005, 2007a, 2007b, 2017), um referencial teórico-analítico para elucidar as questões levantadas por essa tese e pelas lacunas que a produção científica nacional tem sobre estudos voltados ao vegetarianismo e o veganismo. Objetivamos compreender como os processos socioculturais exercem impacto na construção de hábitos, preferências e escolhas alimentares, já que consideramos a alimentação um processo multifacetado, que não inclui apenas os aspectos nutricionais, mas econômicos, sociais, culturais e subjetivos. Essas questões serão exploradas nos próximos capítulos, em especial através dos estudos empíricos realizados com vegetarianos, veganos e onívoros.

CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, REFERENCIAL TEÓRICO-ANALÍTICO E QUADRO TEÓRICO METODOLÓGICO PARA A COLETA DE DADOS

Os objetivos deste capítulo são: a) apresentar a nossa fundamentação teórica; b) desenvolver um referencial teórico-analítico para interpretação dos dados empíricos; e c) descrever nosso quadro teórico-metodológico de coleta de dados.

2.1. Fundamentação Teórica.

Nosso referencial teórico para esta tese, como já mencionado, parte das construções conceituais da psicologia histórico-cultural, em especial sobre os trabalhos desenvolvidos por Lev Vigotski e seus seguidores. As contribuições teóricas deste autor têm sustentado nossa investigação sobre o funcionamento psicológico humano como constituído nas relações sociais, em determinadas condições histórico-culturais. É a partir dessa perspectiva teórica que buscamos colaborar no entendimento de como se constitui e como se configura a nossa relação com a comida, bem como a construção social da alimentação. Para tanto, torna-se imprescindível estabelecer algumas relações e apontar determinados “pontos de tangência” com a literatura sobre os sistemas alimentares — que porventura, apresentam origens epistemológicas distintas da Psicologia Histórico-Cultural, mas que convergem no tema em questão.

Conforme afirma Molon (2015), Vigotski projetava a construção de uma Psicologia que compreendesse a subjetividade como um processo sociocultural, capaz de superar as concepções individualistas sobre o homem da psicologia tradicional. A psicologia de tradição vigotskiana baseia-se na concepção de que o homem é constituído a partir de suas relações sociais, rompendo com as premissas clássicas das psicologias comportamentalistas e psicodinâmicas. Por isso, a Psicologia Histórico-Cultural preconiza a importância das relações sociais e da cultura na constituição da subjetividade humana. Para Vigotski (2007), a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa, através da construção dos sistemas de signos produzidos culturalmente, provocando assim profundas transformações individuais. Além da linguagem, Vigotski (1994, 2007, 2009, 2013) atribui o uso de instrumentos e a mediação, na relação entre o “eu” e “outro”, como elementos constituintes do pensamento.

Vigotsky (2013), em seu trabalho sobre a “crise da Psicologia”, aponta uma tendência considerada reducionista pelas vertentes em vigor naquele período no desenvolvimento da ciência psicológica ao estudarem a subjetividade humana. Como afirma Tuleski (2000, p. 7):

Uma das questões que chama a atenção quando se lê atentamente as obras de Vygotski é sua contundência e insistência em superar a ‘velha psicologia’, postulando uma ‘nova psicologia’ que fosse capaz de eliminar a dicotomia entre corpo e mente e realizar a síntese. Esta dicotomia foi historicamente o pomo da discórdia entre as teorias psicológicas, justificando sua classificação entre idealistas e materialistas. Vygotski parece perseguir o objetivo de superá-la, trazendo para a Psicologia o método proposto por Marx e Engels e construindo a ponte que eliminaria a cisão entre a matéria e o espírito.

Em *Pensamento e Linguagem*, Vigotsky (2007, p. 25) aponta que em sua época os estudiosos da psicologia negligenciavam três questões importantes: a) a relação entre os seres humanos e o ambiente social e físico; b) a relação entre o uso de instrumentos e a linguagem no que se refere à psicologia humana; e c) as consequências psicológicas das novas formas de atividades derivadas do trabalho como meio de relação entre os seres humanos e a natureza.

Em linhas gerais o referido autor criticava uma Psicologia baseada no inatismo²⁸ que buscava traçar leis gerais para explicar a mente humana (Vigotsky, 2007). Ao contrário dos seus contemporâneos, Vigotsky defendia a tese da constituição social da mente, na qual o componente cultural (da qual o ser humano vive e faz parte) é o limiar do seu desenvolvimento e conseqüentemente o ponto central dos seus aspectos psicológicos. Desse modo, a linguagem²⁹, o uso de instrumentos, a interação social e a atividade prática são alguns dos elementos centrais que gravitam no bojo das funções psicológicas tipicamente humanas. Importante frisar que estes elementos não devem ser tomados de maneira isolada, pois é na relação conjunta entre eles que o pensamento se constitui.

Por exemplo, analisando como as crianças agem em determinados experimentos Vigotsky (2007, p. 34) não isola a “fala” das “ações” dessas crianças, pois ambas fazem parte de uma mesma função psicológica que se dirige à solução de problemas. É através da linguagem que

²⁸ Vigotsky (2007) critica o caráter “botânico” do desenvolvimento formulado por Karl Stumpf; a analogia entre o pensamento infantil e a inteligência prática dos macacos antropóides formuladas por Köhler e Buhler.

²⁹ Muitas vezes Vigotsky se refere à “linguagem” como “fala” ou “símbolos”; no geral o autor se refere aos “signos” e aos “sistemas simbólicos” que os seres humanos criaram — e que, por sua vez, se tornaram a base do pensamento humano.

os seres humanos planejam a solução e a executam. A “fala” controla o comportamento das pessoas, pois é através de um sistema simbólico específico que o pensamento ganha existência.

Nesta linha de raciocínio, a Psicologia Histórico-Cultural supõe que a “arquitetura” do pensamento apresenta “alicerces” de um sistema simbólico. Mesmo porque os humanos são seres que “significam” a realidade, ou seja, nomeiam com signos a realidade que compreendem e operam um pensamento sobre a realidade através destes signos. Quando alguém se recorda que em sua infância costumava viajar para o litoral e passava bons momentos na praia com a família, dentro de sua cabeça não há “praia” e nem “parentes”, mas sim signos da praia, dos parentes, das experiências passadas (dos quais suas dimensões podem ser imagéticas, sonoras, olfativas, táteis, sinestésicas, palatáveis). Neste caso, sem os signos não haveria pensamento e nem a possibilidade de se evocar a memória.

Em suma, é através dessa proposta dialética, com base no materialismo histórico, que Vigotski busca construir um modelo teórico que visa entender o ser humano através de sua totalidade, unificando os aspectos internos e externos. É com estes alicerces epistemológicos que o autor desenvolve a sua tese de que os processos psicológicos superiores têm gênese nas relações com o “outro” e com a cultura; e que por isso as relações sociais devem ser investigadas ao se examinar o desenvolvimento dos seres humanos. Desse modo, a constituição do homem é mediada socialmente: o homem, imerso em uma cultura, interage porque é produtor e intérprete de uma linguagem e assim se constitui enquanto ser social (Vigotski, 2000, 2007, 2009). Essa proposta de Vigotski, inovadora para sua época, objetivava minimizar o dualismo indivíduo e sociedade.

Logo, Vigotsky (2013) acreditava que seu projeto teórico não excluía o entendimento dos fenômenos humanos de sua origem subjetiva e social. A Psicologia Histórico Cultural, ao considerar o contexto como responsável direto para formação das funções psicológicas superiores, tenta, mesmo que não diretamente, amenizar a dicotomia (indivíduo X sociedade) criada pelas demais matrizes psicológicas — mesmo porque a tradição clássica da ciência psicológica reforçou ao longo dos últimos séculos essa separação entre subjetividade e contexto sócio histórico.

Desta forma, os pressupostos inicialmente desenvolvidos por Vigotsky (2013), ao criticar o modelo de pesquisa da psicologia de tradição funcionalista, abriu um campo de discussão sobre como apreender os fenômenos humanos, em sua complexidade e sem perder a ligação com o cultural e social. Autores contemporâneos e que se inspiraram no projeto de Psicologia proposto pelo teórico russo, desenvolveram novas propostas de fazer pesquisa em Psicologia. Para tanto, iremos entender como o modelo de pesquisa qualitativo e a proposta de Gonzalez Rey (2005; 2016) se relacionam com a proposta vigotskiniana de um fazer psicológico mais integrativo.

2.1.1. Os sistemas alimentares.

Nesse sentido a Psicologia Histórico-Cultural apresenta grande compatibilidade para se analisar e refletir sobre os diferentes sistemas alimentares³⁰ reconhecidamente adotados por grupamentos humanos como formas de se alimentar e de se relacionar com a comida. Mesmo porque a experiência humana com a alimentação é um processo dinâmico, que relaciona aspectos biológicos e socioculturais.

Em termos de disposição biológica, nós seres humanos somos considerados seres onívoros, pois podemos consumir e digerir alimentos de diferentes origens, seja ela vegetal ou animal. Sabemos que ao adotarmos a dieta onívora, nossa espécie pode se adaptar tanto biológica, como culturalmente, às diferentes regiões do planeta. Contudo, isso não significa que a dieta humana tenha apenas uma forma, em vista de sua constituição social. Em diversas culturas atribuem-se à alimentação diferentes concepções, significados e valores, que são vivenciados das mais diversas maneiras.

Uma das mais acaloradas discussões sobre os hábitos alimentares de populações humanas primitivas diz respeito à proporção ingerida de itens animais e vegetais em suas dietas. Não há consenso acerca de qual dos dois principais produtos alimentares teve maior papel no desenvolvimento humano e qual é o mais adequado para nossa espécie, já que o fato de evoluirmos (biologicamente) como o onivorismo, ser um processo intrigante para muitos

³⁰ Os sistemas mais conhecidos e difundidos são o onivorismo, o vegetarianismo e o veganismo.

pesquisadores, e que sucinta questões sobre qual seria a dieta correta para a nossa espécie (Zucoloto, 2011).

Só que no meio desta discussão, enfrentamos o chamado “paradoxo do onívoro”, que consiste em uma dubiedade em relação às nossas escolhas alimentares. Por um lado, temos a necessidade e atração por experimentar novos alimentos; por outro lado temos um conservadorismo por preferir alimentos mais familiares (Rozin, 2005). Esse suposto paradoxo” que nós, como espécie, estamos designados repercute no equilíbrio do ato das escolhas alimentares, entre preferências pessoais e tradição.

A comida pertence a uma cadeia produtiva que se transformou no nosso processo de civilização, com a “invenção” da agricultura. Alguns autores defendem que houve quatro revoluções agrícolas que influenciaram as práticas alimentares humanas (Emmott, 2013). Essas revoluções vão desde a domesticação de animais; o processo de seleção de tipos de plantas; a manufaturização e mecanização da produção agrícola; até a chamada “revolução verde”. Apesar dessa leitura sobre as revoluções agrícolas não ser consensual entre os pesquisadores, sabemos que com o estabelecimento da agricultura os seres humanos deixaram de ser nômades, e com a criação de animais e o cultivo de plantas, as comunidades humanas puderam sobreviver em locais fixos (Zucoloto, 2011).

Assim como a agricultura mudou a nossa relação com o alimento, o ato de cozinhar esse alimento também modificou nossa relação com a comida. Zucoloto (2011) enfatiza o papel que a prática de cozinhar os alimentos antes de digeri-los teve em nossa evolução fisiológica como espécie. Ao implantarmos a prática de cozinhar os alimentos, para esse autor, facilitamos o processo de digestão e eliminamos possíveis toxinas contidas neles, possibilitando assim, incorporar vários itens alimentares na dieta primitiva humana. Logo, uma vez livres de passar o dia coletando alimentos e mastigando-os, os seres humanos passaram a aplicar seu tempo em outras atividades.

Outra grande modificação que a prática de cozinhar trouxe às comunidades humanas foi a de propiciar momentos de socialização. Agora, os grupos primitivos humanos não necessitavam vagar para buscar alimentos, permitindo-se compartilhar as refeições e estabelecer o costume de comer juntos, tornando-nos mais sociáveis e corteses (Pollan, 2014).

Nesse sentido, a cultura exerce um importante papel, pois ao estabelecer regras sobre quais alimentos são comestíveis, como eles devem ser adquiridos e preparados com segurança e como eles devem ser consumidos, esta estabelece uma estrutura que reduz a ansiedade produzida pelo desejo de experimentar novos sabores (Kittler et al., 2012).

Além do mais, é a cultura que vai definir o gosto culinário de cada indivíduo em sua sociedade. Cada indivíduo, apesar de decidir o que comer, faz suas escolhas dentro de um leque de possibilidades limitadas dentro de sua cultura — nesta tese nomeio isto como concepção dominante de alimentação onívora ocidental contemporânea. Mesmo porque para a Psicologia Histórico-Cultural as práticas culturais e sociais são constitutivas do ser humano. É no cotidiano que o indivíduo adquire seus hábitos alimentares.

Joy (2011) descreve que somos tendenciados a achar que a nossa “aptidão” para o consumo de carne animal é algo natural e não um processo de escolhas, moldado principalmente por nosso ambiente social e cultural. Dificilmente pensamos que aquilo que colocamos em nossos pratos e espetamos com nossos garfos está recheado de ideologias, crenças e valores compartilhados. Apesar das ideias de Joy (2011) terem raízes epistemológicas distintas, seus escritos encontram pontos de tangência com os pressupostos de Vigotski (1994, 2007, 2009, 2013).

Entretanto, a dieta onívora não é a única adotada pelas populações humanas. Há dietas em que a exclusividade de consumo de produtos de origem vegetal é priorizada em detrimento do consumo de produtos de origem animal. Essas dietas são o vegetarianismo e o veganismo.

2.1.2. Sobre o vegetarianismo

O vegetarianismo, além de uma dieta, é um estilo de vida que consiste na exclusão da alimentação de todos os tipos de carnes, aves, peixes e seus derivados, com ou sem a utilização de laticínios ou ovos (que são alimentos de origem animal). Ou seja, ser vegetariano significa ter como princípio não comer produtos que impliquem na morte de qualquer ser do reino animal (Slywitch, 2010).

O vegetarianismo é um estilo de dieta adotado a muito tempo na história da humanidade e vem ganhando novos adeptos ao longo das últimas décadas. Conforme aponta Rauw (2015), o vegetarianismo não pode ser considerado um fenômeno contemporâneo no mundo ocidental e que desde os filósofos e cientistas da antiguidade já estabeleceram um precedente para as considerações éticas do vegetarianismo ou do flexitarismo em nossa população humana na atualidade.

Em seu estudo Rauw (2015) traça um panorama histórico sobre as concepções sobre o uso e consumo ético dos animais. Um dos primeiros filósofos a tratar sobre o não consumo de carne foi Pitágoras de Samos. Pitágoras sustentava que a abstinência de carne deveria ser defendida por diversas razões. Este acreditava que uma dieta moderada e estritamente vegetariana deveria ser a base da regeneração física e espiritual da humanidade. Ele também acreditava que nossa alma, por ser imortal, poderia migrar para outros tipos de animais (processo chamado de *metempsicose* ou transmigração de almas), mais um motivo para a escolha da abstinência do consumo de carne (Rauw, 2015).

Pitágoras também contribuiu com importantes argumentos contra a crueldade animal em seus escritos morais sobre o bem-estar e justiça aos animais. Nesses textos, o filósofo considerava que a abstenção da carne animal iria introduzir a justiça e a paz dentro da humanidade, pois este estabelecia uma ligação direta entre a violência contra os animais e a violência contra os seres humanos.

Pitágoras de Samos é reconhecidamente um pensador importante para a questão ética do uso e consumo animal, pois quem não consumia carne eram chamados de “pitagóricos” ou quem realizava uma refeição sem carne adotava a “dieta pitagórica”, já que o termo “vegetarianismo” só foi adotado em meados da década de 1840 (Rauw, 2015).

A visão de Pitágoras de Samos, segundo Rauw (2015), influenciou outros filósofos pré-socráticos, como Heráclito, Anáxagoras e Alcmeão, além de outros. Sócrates e Platão também apresentaram sua visão a respeito do consumo de carne animal pelos seres humanos. Mesmo não tendo dados históricos que indiquem se esses filósofos eram vegetarianos, seus escritos trouxeram formulações relevantes para o pensamento ocidental a respeito do consumo de carne animal. Platão, por exemplo, considerava que comer animais era um luxo desnecessário, o que poderia resultar em desarmonia. Para Platão, a construção de uma

sociedade justa seria alcançada através da adoção de uma vida saudável, moderada, pacífica e vegetativa.

Já no período da Idade Média, houve a expansão da autoridade da Igreja como representante do cristianismo, e que creditava o ato de comer carne animal como sendo uma ordenação divina. Entretanto, neste período do início do cristianismo³¹, muitas seitas interpretavam os ensinamentos cristãos como contrários ao sacrifício animal e defensores da abstinência do consumo de carne animal.

Com o advento da Idade Moderna e a ascensão do antropocentrismo e do racionalismo, as questões sobre o consumo animal tiveram outra conotação. René Descartes, filósofo que defendia a razão como centro das decisões e da concepção humana, acreditava em uma hierarquização dos seres, já que os animais eram limitados em comparação aos seres humanos. Para o filósofo francês, os animais e humanos se igualavam enquanto seres constituídos de ossos, nervos, músculos, veias, sangue e pele, capazes de se movimentar e sentir fome, sede, dor e prazer. Entretanto, o que diferenciava os outros animais dos seres humanos era o fato de nós termos uma alma racional e a capacidade de ter razão. Já Kant, assim como Descartes, considerou que os animais eram sensíveis e podiam sentir dor, mas não eram nem racionais nem autoconscientes, ou seja, não eram capazes de ter razão ou compreensão, ou seja, eles podiam sentir dor, mas não sofrimento pela dor, e eles podiam sentir prazer, mas não a alegria. Logo, podemos perceber que os filósofos da modernidade apresentaram argumentos que são utilizados até os tempos atuais como justificativas para o consumo de carne animal.

Esses argumentos a favor do consumo de carne animal foi o que Joy (2011) denominou de “carnismo”. Ela descreve que o ato de comer carne é uma opção, dentro de um sistema de crença e ideologia, especialmente em nosso mundo industrializado.

Para a autora o “carnismo” é um sistema de crença que nos condiciona a comer certos animais. Como ideologia dominante, o “carnismo” se sustenta através de alguns artifícios, como a invisibilidade, a negação, a evitação, a rotinização e por fim, a justificação. Ao não falarmos sobre este assunto, negamos como uma opção e ao introjetarmos em nosso

³¹ Para Rauw (2015), muitas seitas primitivas gnósticas do início do cristianismo, como os essênios, os ebionitas, os elschitas, os nazarenos, os maniqueus, os cátaros, os paulicianos, os montanistas, os massiquistas, os apostólicos e os bogomilos, interpretavam os textos bíblicos como favoráveis a adoção da dieta vegetariana.

cotidiano, tendemos a justificar o ato de comer carne como um costume dado e não adquirido. E ao legitimar esse processo, reconhecemos o ato de comer carne como algo natural, normal e necessário (Joy, 2011).

Além disso, Joy (2011) argumenta que o “carnismo” é uma ideologia que se sustenta baseada em pressupostos clássicos de outros sistemas de crenças. Por ser a “ideologia” dominante, segundo a autora, diferenciamos os outros sistemas alimentares (como o vegetarianismo e veganismo) como minoritários.

Mesmo sendo considerada uma ideologia minoritária, podemos notar que o crescente interesse pelo vegetarianismo vem de encontro a posição dominante do uso da carne animal como centro das refeições. As motivações que levam as pessoas a adotarem o não consumo da carne animal são de diferentes tendências, como questões religiosas, de saúde, morais e ambientais (Ruby, 2012; Slywitch, 2015; Rauw, 2015). A dieta vegetariana é múltipla e possuem derivações em seu estilo.

As principais características das dietas vegetarianas é que elas se baseiam na utilização de alimentos do reino vegetal e na exclusão da ingestão de animais. Entretanto, além de não consumir carnes, algumas dietas vegetarianas deixam de consumir também outros tipos de alimentos, derivando subtipos dentro deste sistema (Slywitch, 2015). São elas:

- a) **Ovolactovegetariana**: dieta em que as pessoas não consomem carne, mas consomem laticínios e ovos. É o tipo mais comum de dieta vegetariana adotada por populações humanas;
- b) **Lactovegetariana**: dieta em que as pessoas excluem as carnes e ovos animais, mas consomem laticínios;
- c) **Ovovegetariano**: dieta em que as pessoas não consomem carnes, leite e seus derivados, mas consomem ovos animais;
- d) **Vegetariano Estrito**: dieta em que as pessoas excluem da sua alimentação quaisquer produtos alimentares de origem animal, seja carnes, ovos ou leite e derivados.
- e) **Outros padrões**: apesar de ainda ser uma alimentação vegetariana (que exclui a ingestão de carne animal), há dietas que apresentam algumas particularidades que fogem as descritas

anteriormente, como os **crudívoros** (aquelas pessoas que somente consomem alimentos vegetais crus) e os **frudívoros** (aquelas pessoas que somente consomem frutas).

Importante ressaltarmos que há diferenças entre o vegetarianismo estrito e o veganismo. Ambas são dietas que excluem o consumo de produtos de origem animal (portanto, vegetarianas), mas que possuem distinções relacionadas a questões extra alimentares. Essa distinção será explorada a seguir.

2.1.3. Do vegetarianismo ao Veganismo: para além de um hábito alimentar

O veganismo³², assim como o vegetarianismo, não é apenas um sistema alimentar. Trata-se de um novo modelo de estilo de vida, que estabelece uma profunda mudança de respeito ao que é vivo, e nas nossas práticas de consumo, seja alimentar, seja de demais produtos.

O veganismo foi um termo criado na década de 1940 (Watson & Shrigley, 1944), no movimento vegetariano britânico, para distinguir aquelas pessoas que além de seguirem o vegetarianismo estrito, adotavam uma filosofia de vida de não agressão e violência, abolindo de seu consumo quaisquer produtos que possuíssem ingredientes ou derivados de morte animal. Ou seja, o vegano é aquele que, na medida do possível, não utiliza produtos testados em animais e produtos que, em seus componentes sejam oriundos de animais, como couro, lã, mel, seda, pele, entre outros.

Logo, é importante frisar que o veganismo é uma postura filosófica que vai além da escolha alimentar. Ele envolve um posicionamento frente à questão da relação entre os animais humanos e não humanos. Para os veganos, a questão alimentar é apenas mais um pilar da discussão sobre a relação entre a espécie humana e outras espécies de animais. Conforme esclarece Nunes (2010), as bases teóricas que subsidiam o discurso dos veganos partem do pressuposto de que os animais não humanos são seres sencientes, ou seja, dotados da

³² O termo em inglês *vegan* foi criado por Donald Watson, na década de 1940 do século XX, através de uma adaptação da palavra "*vegetarian*", formada a partir da aglutinação das três primeiras letras e das duas últimas (*vegetarian*) (Watson, 1944). Em língua portuguesa, apesar de ser considerado um neologismo, o termo vegano seguiu a mesma lógica de construção do termo original (em inglês) excluindo de sua grafia a nomenclatura "etari" da palavra "vegetariano". Mesmo não sendo um termo oficial, adotamos na tese essa terminologia no lugar o estrangeirismo *vegan*.

capacidade de sofrer ou sentir prazer e felicidade e, portanto, não deveriam ser alvos de mortes e explorações por parte dos animais humanos.

O veganismo tem como principais bases filosóficas autores como Peter Singer. Em “Libertação animal”, Singer (2010) denuncia uma forma de preconceito dos seres humanos em relação aos animais não humanos sencientes, definindo isso como especismo — o ato de discriminar os seres apenas com base na sua espécie é um preconceito imoral, cuja lógica converge no mesmo princípio de discriminação presente no racismo e no sexismo. O especismo faz com que os animais sejam considerados fora da esfera de consideração moral dos seres humanos e vistos como coisas manipuladas para satisfação das vontades humanas.

Com base na lógica de que os animais não humanos são capazes de sentirem sofrimento e dor,³³ Singer (2010) defende a aplicação do princípio da igual consideração de interesse à esses animais não humanos sencientes. O princípio básico da igualdade não implica que todos sejam tratados exatamente da mesma forma ou que todos tenham os mesmos direitos, pois isso dependerá da natureza dos seres. Este princípio requer apenas consideração igual, mas não um tratamento igual ou idêntico. Possibilitar a consideração igual para seres diferentes implica em formas diferentes de tratamento e direitos distintos com base na natureza de cada ser.

Esse princípio é o limiar da prescrição de como devemos tratar os animais não humanos sencientes. É através dele que Singer (2010) sustenta o seu argumento de que não existem justificações morais para qualquer ação que faça um animal não humano sofrer, pois o princípio da igualdade exige que este sofrimento seja considerado no mesmo patamar do sofrimento que os humanos são capazes de sentir.

O especismo tem como uma de suas bases a ideia de que os animais não têm consciência e que por isso se encaixam mais na categoria de “objetos”. Porém, Singer (2010) comprova que isso não é relevante para justificar a inflicção da dor à esses animais, uma vez que a dor só depende da capacidade de sentir dor e não da capacidade de pensar de forma análoga à humana.

³³ Singer (2010) comprova a capacidade dos animais sentirem dor com base nos comportamentos dos animais, pela natureza de seus sistemas nervosos e pela utilidade evolutiva da dor.

Singer (2010) observa que os atos de crueldade contra os animais se devem às mentalidades e ideologia que permeiam a sociedade ocidental contemporânea, cuja gênese remonta às tradições judaica e da Antiguidade grega — que posteriormente se aglutinaram no cristianismo, tomando-se predominante na Europa; ganhando uma versão moderna numa perspectiva Iluminista. As pessoas que comem carne não consideram que estão agindo de forma incorreta, além do mais elas dificilmente conseguem imaginar outra coisa para comer. Isso ocorre porque os hábitos de dieta se relacionam com a estrutura da forma de se pensar e da linguagem empregada no mundo ocidental: muitas vezes as pessoas utilizam o termo “animal” de maneira que os humanos não se incluem neste grupo. Ou seja, apesar dos humanos serem animais, utilizam a palavra “animal” para se referir ao “não humano”.

É a partir deste tipo de mentalidade que derivam as crueldades dos seres humanos em relação aos animais. Singer (2010) detalha duas formas recorrentes de abusos e crueldade contra os animais: os experimentos científicos (militares e civis) e a criação de animais em escala industrial para o fornecimento de proteína. O autor demonstra com detalhes como diversas experiências em laboratórios infligiram, e continuam infligindo, dor e sofrimento aos animais sem que as pesquisas resultantes produzam benefícios significativos para o conhecimento científico da humanidade — e muito menos para o bem estar dos animais.

Além disso, Singer (2010) demonstra como toda a dor e violência envolvida na produção de proteína animal é camuflada em nosso contato diário com os animais, ou seja, a crueldade é dissociada de nossas refeições por uma série de mecanismos. A indústria alimentícia nos traz a carne animal de maneira descontextualizada da crueldade presente em toda cadeia produtiva da proteína animal: a carne vem quase sem sangrar em embalagens (plástico, papelão ou alumínio), sem indícios de dor, sofrimento, agonia e abusos presentes no funil da morte dos abatedouros que exterminam milhões de animais anualmente. Além disso, a publicidade divulga o mito do abate indolor e das boas condições de vida do animal — ambos desmistificados pelo autor, que comprova como os métodos de criação seguem padrões industriais que transformam a vida dos animais num pesadelo de maus tratos desde o nascimento até o abate.

Além disso, matematicamente a criação de animais para o abate gera desperdício de calorias e macro nutrientes, especialmente a proteína, do que se comparado ao consumo direto dos alimentos provenientes das colheitas. Singer (2010) calcula que para produzir 500 gramas de proteína animal são necessários 11 quilos de proteínas em ração. A maioria dos cálculos apresentados pelo autor demonstram que a produção de alimentos vegetais rendem em média dez vezes mais proteínas por área de produção do que a produção de carne animal. Nesse sentido, se fossem diretamente empregados na dieta humana os alimentos das colheitas acabariam com a fome mundial, mas ao invés disso são utilizados na produção de ração para animais de abate. Outro ponto é que a criação de animais para abate exige mais recursos (combustíveis, água, tempo, dinheiro, poluição, danos ambientais, erosão, destruição de florestas nativas) do que o cultivo de vegetais, além de gerar dor e sofrimentos desnecessários.

2.1.4. O limiar como ponto de convergência dos sistemas alimentares

Apesar de aparentemente distantes, tanto a concepção dominante de alimentação onívora ocidental contemporânea, quanto o vegetarianismo (nos seus mais variados subtipos) e o veganismo convergem no limiar, ou seja, estes três sistemas alimentares têm gênese na cultura da sociedade capitalista ocidental contemporânea — embora, é claro, partam de pontos distintos mas do mesmo horizonte cultural. Esta premissa foi corroborada tanto no âmbito teórico, quanto pelos dados empíricos desta tese³⁴.

No âmbito teórico podemos observar que as críticas de Singer (2010), todas as argumentações, motivação e razões do vegetarianismo e do veganismo não são exógenas ou “alienígenas” à cultura e sociedade que criticam, mas endógenas — ou seja, partem da mesma cultura que dão origem à concepção dominante de alimentação onívora ocidental contemporânea. Nesse sentido os três sistemas alimentares mencionados são construções culturais, na qual as características são atribuídas, respectivamente, à cada dieta simplesmente porque foram significadas dessa maneira. Smolka (2004) nos demonstra que as possibilidades de significação se ancoram nas práticas sociais, na experiência partilhada das relações interpessoais: “A significação, como produção de signos e sentidos, é

³⁴ Conforme podemos observar nos capítulos 3 e 4 desta tese.

(resultante de) um trabalho coletivo em aberto, que implica ao mesmo tempo, acordo mútuo, estabilização, e diferença (inter-in-compreensão constitutiva...)” (Smolka, 2004, p. 44).

A partir disso é importante frisar que a Psicologia Histórico-Cultural integra o ser humano enquanto corpo e mente; ser biológico e social; membro da espécie humana e participante de um processo histórico (Vigotski, 2007, 2009). Quando alguém nasce, ele se encontra mergulhado numa sociedade específica, na qual as relações humanas se desenvolvem a partir da assimilação cultural daquela sociedade. Assim, pode-se dizer que as características humanas não estão presentes nas pessoas desde o nascimento, mas se desenvolvem na vivência cotidiana permeada de práticas sociais e mergulhada numa cultura desenvolvida historicamente. Nessa relação indivíduo/sociedade o ser humano só entra em contato com o mundo através de uma “mediação” — trabalho social, instrumentos, linguagem — nas condições sociais de vida historicamente formadas.

Nessa lógica, a internalização das práticas culturais é o fator principal na formação dos seres humanos — a maturação biológica é um fator secundário —, pois a formação dos indivíduos depende em grande medida da interação cultural (Vigotski, 2007, 2009). O desenvolvimento do psiquismo é sempre mediado socialmente pelo “outro” e pelos signos. A percepção da realidade e a maneira de se pensar não são estáticas, isto é, mudam ao longo da vida de um indivíduo, variam de uma cultura para outra e apresentam mudanças ao longo da história. Pode-se dizer que determinadas questões (incluindo-se aí a alimentação) tornam-se pensáveis a partir de um contexto histórico-social, ou seja, em cada época há um repertório de pensamentos possíveis — e é no bojo desse leque de mentalidades que se encontram as crenças e ideias que definirão aos seres humanos o que comer, como e de que maneira comer, quando comer, em suma, que irão definir os elementos presentes num leque de opções da dieta humana.

Convém lembrar, contudo, que não há caráter determinante em nenhum dos fatores: a cultura não reproduz no comportamento do sujeito o meio no qual ele vive, sequer serve a um substrato psíquico já inato, mas atua de forma complementar aos caracteres biológicos na gênese do psiquismo: para Vygotsky, “as funções psicológicas têm suporte biológico, mas o homem transforma-se de biológico em sócio-histórico, num processo em que a cultura é parte essencial da constituição da natureza humana” (Oliveira & Teixeira, 2002, p. 27).

Desse modo, o cerne da questão sobre a alimentação não se configura unicamente como fato biológico, mas se constitui significativamente como fato social — ela surge nas relações sociais. A sociedade interpreta, define e atribui um significado à alimentação; e as significações são referências para a constituição dos sujeitos. Nesse sentido pressupomos a alimentação como categoria historicamente construída, pois o ser humano é constituído numa relação dialética entre o social e a história, e por isso é único, singular e histórico. Assim, podemos afirmar que a dieta humana é uma criação histórica e que se manifesta como representação, como fato social e como fenômeno psicológico. Nesse sentido, ser vegetariano, vegano ou onívoro consiste em assumir culturalmente os valores de determinado sistema alimentar.

2.2. Referencial Teórico-Analítico: O modelo da epistemologia qualitativa

Aqui apresentaremos nosso referencial teórico-analítico dos dados empíricos, basicamente tomaremos como fonte principal o modelo da epistemologia qualitativa desenvolvido por Gonzalez Rey (2003, 2005, 2005, 2007a, 2007b, 2016a, 2016b, 2016c, 2017).

Para González Rey (2005), os trabalhos de campo de Mead, (entre outros pesquisadores), foram passos importantes na sistematização da pesquisa qualitativa e fontes importantes para o desenvolvimento do modelo etnográfico, se tornando uma importante tradição e divulgadora da pesquisa qualitativa.

A etnografia é um tipo específico de pesquisa qualitativa que teve origem nas práticas antropológicas, com a finalidade de entender as informações sobre a vida dos povos estudados de forma mais abrangente, uma vez que o método quantitativo não captava dimensões importantes e próprias dessas culturas, pois, a etnografia tem como objetivo estudar a cultura, descrevendo-a para apreender seus significados (Triviños, 1987). Na pesquisa etnográfica, os dados coletados são primordialmente descritivos. Há uma maior preocupação com o processo do que com o produto. Além disso, os significados emitidos pelas pessoas devem ter foco de atenção especial do investigador e a análise dos dados deve seguir um processo indutivo.

Para Lima e colaboradores (1996), o êxito desta modalidade investigativa é devido em parte à sensibilidade do pesquisador diante das situações com que se depara e da qualidade da relação que estabelece com a população estudada. Sendo assim, observação, descrição e análise dos hábitos da população estudada são ferramentas essenciais para a sua compreensão.

A perspectiva qualitativa não se define por utilização de instrumentos e técnicas de coleta de dados, mas sim por ser um processo diferenciado de produção de conhecimento, em especial aqueles que evidenciam a subjetividade humana (González Rey, 2000). O autor ainda ressalta que o método qualitativo é direcionado aos fatos subjetivos e este foco permite explorar valores sociais de grupos minoritários e a singularidade dos participantes da pesquisa.

Mesmo que o método qualitativo não siga um procedimento padrão, sabemos que no cerce da investigação qualitativa, há algumas escolhas que permeiam o trabalho da pesquisa (Ludke e André, 1986; Silva, 1998).

Sabemos que o contexto é um aspecto relevante no fazer de uma pesquisa qualitativa, logo, captar o ambiente em que os sujeitos vivem suas experiências (sem recorrer a artificialidade do modelo experimental/laboratorial), faz com que obtenhamos uma fonte direta de dados sobre a realidade dos participantes.

Em nosso processo de análise dos dados empíricos iremos articular a Psicologia Histórico-Cultural com os pressupostos teóricos dos autores presentes na revisão de literatura. Dentre os principais pontos de referência teóricos que assumimos, destacamos: a) o pressuposto da natureza social do desenvolvimento humano — com especial ênfase no que se refere à alimentação humana; b) a construção histórica do conhecimento, da mentalidade e dos hábitos (sobretudo, os hábitos alimentares); c) a dimensão e importância dos signos e da linguagem no interior das ações humanas — sobretudo no que tange aos **sentidos** e **significados** atribuídos à comida.

Nesse sentido, torna-se evidente que os princípios de nosso referencial teórico-analítico apresentam grande compatibilidade com a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano. Dentre esses princípios, destacamos:

a) o enfoque nas práticas sócio-culturais, levando em consideração aspectos contextuais, históricos e ideológicos, relacionados, no caso específico, à pessoas que optaram pelo vegetarianismo ou veganismo;

b) o caráter histórico-dialético, que privilegia o estudo de processos em mudança;

c) o caráter mediado e construtivo do trabalho de investigação;

d) a busca em articular teórica e empiricamente aspectos micro (prática cotidiana) e macro (estruturais, sociais);

e) a análise interpretativa de acontecimentos, que procura ir além da simples descrição — sobretudo no que tange à alimentação;

f) o relevo especial à esfera simbólica e, em particular, à linguagem — com especial ênfase nos sentidos e significados sobre hábitos alimentares;

g) o empírico como (resultado de) um trabalho de construção de dados, marcado por um determinado olhar teórico.

Em termos objetivos consideramos que nosso referencial teórico-analítico é consoante à nossa escolha teórica (Psicologia Histórico-Cultural), haja vista a ênfase e preocupação investigativa na cultura e nas relações sociais no desenvolvimento psicológico do indivíduo. Deste modo, os fenômenos psicológicos e sociais (incluindo-se a alimentação, neste caso) são estudados em processos de mudanças, as quais acompanham as reorganizações culturais — que são históricas. Desta maneira, é possível estabelecer uma relação dialética entre nós (seres humanos) e o meio (incluindo os animais sencientes que se tornam alimentos para os humanos), pois agimos sobre o mundo, bem como somos transformados por ele. Nesse sentido, o conceito psicossociológico da alimentação e dos sentidos e significados atribuídos

à comida, portanto, não será sempre o mesmo em todos os momentos históricos, mas sim mutável em função de ser submetido às diferentes interações sociais e culturais.

Além da compatibilidade teórica, a escolha pelo nosso referencial teórico-analítico também se deu em função de nosso objeto de estudo (a saber, as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros). Como já mencionado, no bojo de nossas reflexões gravitam diversas considerações sobre a construção social da alimentação e suas problemáticas³⁵ sob o prisma da Psicologia Histórico-Cultural, que expõe como as marcas culturais constituem o desenvolvimento psíquico. Nesta perspectiva a dieta humana se configura como uma construção “artificial”, fruto das práticas sociais e da cultura de nossa sociedade ocidental.

Tomando como referencial teórico as elaborações de Vigotski (1994, 2000, 2007, 2009, 2013) — que nos possibilita pensar no desenvolvimento e funcionamento mental especificamente humanos somente na dinâmica do discurso, no interior de práticas sociais, da cultura e da história —, e em vista da centralidade dos processos de significação na dinâmica das relações e na constituição do psiquismo, daremos maior foco aos conceitos de sentido e significado, descritos por Vigotski em sua construção teórica, mas não plenamente desenvolvidos por este devido sua morte precoce.

Segundo González Rey (2007), apesar de essas categorias terem uma longa tradição na Psicologia, o seu desenvolvimento na perspectiva histórica cultural, que surgiu nos últimos escritos de Vigotski, possuem uma construção singular, e que até meados dos anos 80, fora negligenciada pelos estudiosos dessa abordagem. Assim como o próprio González Rey, autores como Bruner (2008), Valsiner (2012), Cole (Cole & Engeström, 2007), Molon (2015), entre outros, buscaram resgatar essas categorias dos escritos de Vigotski, dando uma nova interpretação e atualização para esses conceitos.

O esboço traçado por Vigotski (2009) sobre a conceituação do significado, nos deixa claro que sua concepção visava uma unicidade entre o pensamento e a linguagem, através do

³⁵ Em linhas gerais, nossa principal questão de pesquisa visa responder como se constituem as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros. Nossa premissa é de que o processo das escolhas alimentares de vegetarianos e veganos se constituem no mesmo limiar ou âmbito das escolhas alimentares de pessoas onívoras, na medida em que todas essas dietas são construções sociais alicerçadas no horizonte cultural de uma sociedade específica.

processo que os sujeitos constroem os significados. Esse aspecto torna-se relevante, já que para Vigotski, segundo interpreta Molon (2015), o significado é próprio do signo, enquanto que o sentido é produto e resultado do significado, sendo o sentido mais amplo do que o significado.

Para esse estudo, entendemos sentido como uma representação do mundo, com teor mais pessoal e afetivo, mais dinâmico e instável. Já os significados, são representações mais coletivas, por serem socialmente compartilhados entre as pessoas, portanto sendo mais estáveis e unificados (Vigotski, 2009).

A visão de Vigotski para o entendimento das dimensões da mente humana é o de um sistema integrado e complexo. Desta forma, em nosso estudo, buscamos utilizar essas duas categorias, visto que vem crescendo o interesse desses conceitos em trabalhos com uma leitura mais psicossocial da subjetividade humana. Conforme aponta González Rey (2007), as categorias de sentido e de significado devem ser entendidas como processos distintos, capazes de se articularem de formas diferentes no funcionamento psíquico dos sujeitos. Essas duas categorias nos são importantes, por permitirem pensar de forma integrada a linguagem, a cognição, a afetividade e o comportamento social.

É a partir deste referencial teórico analítico que iremos analisar os dados empíricos deste estudo — estes, por sua vez, serão apresentados no item a seguir.

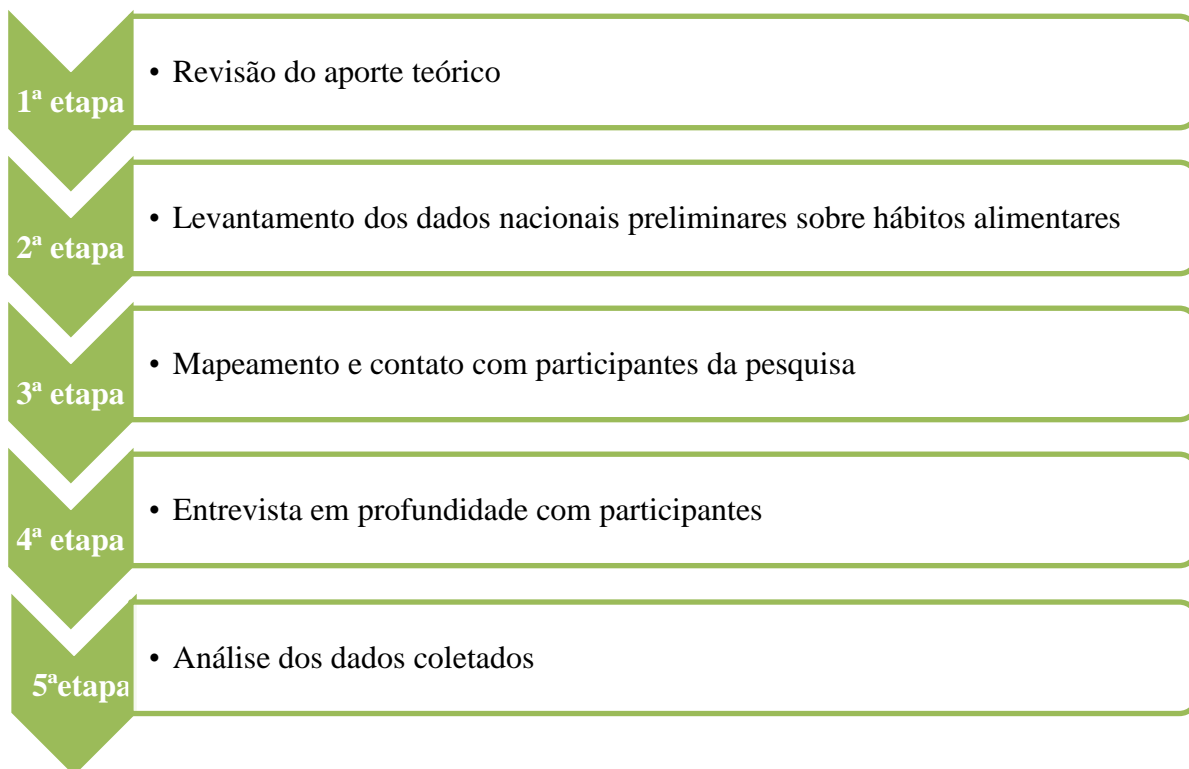
2.3. Quadro teórico metodológico de coleta de dados

O material empírico desta tese consiste em entrevistas com pessoas que se autodeclararam vegetarianas e veganas e onívoros. Como recurso metodológico nossa proposta para este estudo é de empregar o modelo de pesquisa qualitativa. Escolhemos esse modelo por ele nos permitir descrever e analisar experiências e práticas de indivíduos e grupos, através de relatos do cotidiano e do detalhamento de interações e comunicações entre sujeitos (Gibbs, 2009; Marvasti, 2004). Além disso, os modelos de escolhas alimentares desenvolvidos a partir dos métodos de pesquisa qualitativa, nos permitem produzir conceituações emergentes de práticas das pessoas relacionadas aos alimentos (Sobal, Bisogni, Devine, 2006).

O modelo de pesquisa qualitativa é uma abordagem pertinente para investigar as questões subjetivas dos participantes desta pesquisa, que são jovens e adultos onívoros, vegetarianos e veganos, de ambos os sexos, residentes em centros urbanos ou cidades do interior, de diferentes contextos culturais, já que a construção alimentar no Brasil e de suas cozinhas locais, regionais e nacional são produtos da miscigenação cultural, fazendo com que as culinárias revelem vestígios das trocas culturais. Hoje, os estudos sobre a comida e a alimentação invadem as Ciências Humanas, a partir da premissa de que a formação do gosto alimentar não se dá, exclusivamente, pelo seu aspecto nutricional, biológico, mas por trocas simbólicas e culturais (Santos, 2005).

Elaboramos, assim, um plano de execução da pesquisa de campo, apresentado na forma do fluxograma explicativo abaixo e que detalharemos cada etapa, justificando as ações em campo.

Figura 5: Fluxograma de execução de trabalho em campo



Em um primeiro momento, realizamos uma pesquisa de levantamento de dados nacionais preliminares sobre hábitos alimentares dos brasileiros. Nesta etapa, de cunho teórico-técnico, visamos identificar informações sobre hábitos alimentares da população e sua relação com a alimentação, através de coleta de dados estatísticos e técnico-científicos. Para a execução desta etapa da pesquisa, seguimos as seguintes atividades:

1. Levantamento de dados e consulta bibliográfica sobre a temática, de âmbito nacional.
2. Estudo dos marcos lógicos e legais, de âmbito nacional e regional, sobre a relação entre Psicologia e hábitos alimentares, através da construção de um estudo de revisão sistemática de literatura³⁶.

Esta etapa nos permitiu conhecer aspectos da história da alimentação do país, aonde identificamos um conjunto extenso de referências etnográficas, históricas e gastronômicas, cujo foco refletiu a origem da variedade de nossos sabores nacionais (indígena, africana e europeia), além da diversidade dos produtos e das especificidades regionais da alimentação

³⁶ Este dados foram apresentados no capítulo primeiro desta tese.

brasileira, especialmente destacamos os estudos de Santos (2005) e Cascudo (2014). Nesta obra, Cascudo (2014) destaca a culinária das cinco grandes regiões brasileiras e traçou um perfil das especificidades e tradições que a culinária local reflete na população. Assim, este estudo clássico também serve de inspiração para buscarmos entender a representatividade da identidade culinária regional brasileira.

Associados a isso, temos o fato de que, no nosso país, não há dados oficiais sobre as escolhas alimentares das famílias. Entretanto, dados não oficiais estimam que 17% da população brasileira adote hábitos vegetarianos/veganos³⁷ em suas rotinas alimentares. As escolhas dos Estados e cidades, para a nossa pesquisa, não seguiu um critério de distribuição populacional.

Após esta etapa de levantamento de dados populacionais, realizamos o primeiro contato com os participantes da pesquisa. Neste momento, buscamos mapear os principais hábitos alimentares da população brasileira, identificando as semelhanças e diferenças regionais que influenciam nossas escolhas referentes à comida. O mapeamento dos dados abarcou as características territoriais e regionais e sua relação com o manejo e preparo de alimentos. Assim, foi planejado executar como atividades:

1. Identificação das características regionais e territoriais sobre hábitos alimentares.
2. Realização de triagem e seleção de participantes, através de contato inicial por convite formal.

A escolha dos participantes foi de forma aleatória e facultativa. Utilizamos como critérios de inclusão na pesquisa adultos que se autodeclararam vegetarianos, veganos e onívoros, de ambos os sexos e sem restrição de idade e que se disponibilizassem voluntariamente a participar de nossa pesquisa. Como critério para exclusão da pesquisa, foram adotadas os seguintes parâmetros: pessoas com menos de 18 anos de idade, pessoas que não concluíram a entrevista e àquelas que não aceitaram participar do estudo. O convite para a participação em nosso estudo foi realizado através contato direto, *emails* e convites via rede social em comunidades

³⁷ Para saber mais pormenores, recomendamos a leitura de IBOPE (2008).

relacionadas à temática da pesquisa, contendo uma breve descrição do estudo a ser realizado, e adesão voluntária do número mínimo de participantes para plena execução do trabalho.

A autorização para uso dos dados fornecidos pelos participantes foi obtida através de assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)³⁸, após serem informados dos objetivos da presente pesquisa e da permissão de uso das gravações das entrevistas, através de registro em áudio. Por se tratar de uma pesquisa realizada com seres humanos, foi comunicado os propósitos do estudo e os direitos aos participantes, como o de recusa, interrupção da participação e do sigilo das informações prestadas.

A coleta dos dados foi realizada em 2016 e 2017, após submissão à Plataforma Brasil, que encaminhou a um Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos, para sua devida avaliação e autorização (número de CAAE 60317116.4.0000.5685).

Nossa proposta inicial era de abranger participantes das diversas regiões brasileiras, pois acreditávamos que as diferenças territoriais e culturais impactariam diretamente no processo de obtenção e mudança de hábitos alimentares dos participantes da pesquisa. Entretanto, após a coleta e análise dos dados (que será descrito nos próximos capítulos), essa premissa inicial foi descartada, por não conseguirmos captar diferenças significativas e profundas nos hábitos de nossos participantes que estavam relacionadas com a localidade em que habitam.

Nosso último passo de execução da pesquisa de campo se deu através da realização das entrevistas narrativas com os participantes. Nesta etapa, foi realizada entrevista em profundidade (entrevista narrativa) com os adultos onívoros, vegetarianos e veganos, através da aplicação de um roteiro prévio de entrevista (semi-estruturada).

Utilizamos dois instrumentos, entre questionário e roteiro de entrevista para compor a base da abordagem aos participantes, identificando e especificando diferentes aspectos. São eles:

³⁸ Termo de consentimento Livre e Esclarecido disponível no Anexo A desta tese.

a) **Questionário Sócio-demográfico**³⁹: este instrumento teve como objetivo contemplar uma fase “exploratória” do estudo, permitindo ser o primeiro contato com o público alvo e a temática. Tratou-se de um questionário para identificação e caracterizar nossa população alvo. Através deste instrumento, levantamos os dados sobre o ambiente familiar, social e cultural no qual o participante estava inserido no momento de sua colaboração na pesquisa.

b) **Roteiro de entrevista narrativa/semi-estruturada**⁴⁰: O procedimento da entrevista teve como finalidade estimular o entrevistado a contar a sua história, sobre um tema importante de sua vida e do contexto social. A escolha desse procedimento estabeleceu o uso de um roteiro preliminar de perguntas e nos permitiu, ainda, a inclusão de novas perguntas, enriquecendo nosso roteiro preestabelecido (Moura & Ferreira, 2005).

Com o uso destes instrumentos, realizamos uma análise dos dados de forma integrada, levando em conta todos os aspectos peculiares do estudo. Entendemos que, um pesquisador que se aventure a investigar no campo empírico, principalmente nas ciências humanas, deve estar atento ao processo construtivo-interpretativo que a pesquisa requer na busca pelo conhecimento, e nas múltiplas e complexas expressões dos sujeitos estudados (Gonzalez Rey, 2005).

Nosso modelo de entrevista narrativa segue os preceitos elaborados por Bauer e Gaskell (2002), que sustentam que através da narrativa as pessoas evocam memórias do que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.

Como o intuito do nosso estudo é o de apreender os sentidos e significados sobre hábitos e práticas alimentares — cujo objeto de estudo são as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros —, a entrevista narrativa nos permite atingir histórias individuais,

³⁹ Questionário disponível no Anexo B desta tese.

⁴⁰ Roteiro de Entrevista Narrativa disponível no Anexo C desta tese.

comunidades, grupos sociais e subculturas com palavras e sentidos que são específicos à experiência e ao modo de vida do sujeito, independente da sua educação e da sua competência linguística.

A entrevista narrativa apresenta diversas etapas, que compreende desde a formulação do objeto ou pergunta referencial até a etapa que diz respeito à fala conclusiva, ou finalização da entrevista, em que se permitem comentários e fechamentos sobre a temática apresentada. De forma resumida, apresentamos o quadro abaixo retirado de Bauer e Gaskell (2002), para demonstrar de forma mais sistemática as etapas que regem a entrevista narrativa:

Tabela 5 - Fases da Entrevista Narrativa

Fases	Regras
Preparação	Exploração do campo Formulação de questões exmanentes ⁴¹
1. Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração Emprego de auxílios visuais
2. Narração Central	Não interromper Somente encorajamento não verbal para continuar a narração Esperar para os sinais de finalização (“coda”)
3. Fase de Perguntas	Somente “que aconteceu então?” Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo “por quê?” Ir de perguntas exmanentes para imanentes
4. Fase Conclusiva	Parar de gravar

⁴¹ As questões *exmanentes* para Bauer e Gaskell (2002) são as indagações referentes ao tema de interesse do pesquisador que surgem a partir da sua aproximação com a temática do estudo, no processo de revisão de literatura e aprofundamento da temática estudada e sua etapa de exploração do campo. As questões exmanentes servem como suporte ao pesquisador para guiar a entrevista narrativa. Entretanto, elas devem ser apenas um suporte inicial, já que, no momento da coleta de dados, estas devem gradativamente ser substituídas por questões *imanentes*, que são àquelas temáticas abordadas pelo participante da pesquisa, e não elencadas previamente pelo pesquisador.

São permitidas perguntas do tipo “por quê?”

Fazer anotações imediatamente depois da entrevista

Fonte: (Bauer e Gaskell, 2002, p. 97)

Iniciamos com a formulação do objeto ou pergunta referencial. Essa etapa vem concomitantemente com a construção da pesquisa como um todo, onde foi possível refinar os objetivos de estudo desta tese. A segunda etapa da entrevista narrativa é o procedimento propriamente dito da entrevista, em que o entrevistado fala livremente, sem interrupção do pesquisador, sobre a temática abordada. A terceira etapa deste método é a fase de questionamentos, em que o entrevistador pode atuar de forma mais ativa, com perguntas para elucidar lacunas pendentes da história do entrevistado. E por fim, a quarta etapa diz respeito a fala conclusiva, ou finalização da entrevista, em que se permitem comentários e fechamentos sobre a temática apresentada, explorando questões contextuais emergidas das entrevistas, mas não comentados nas fases anteriores.

Sabemos que os processos de produção de sentidos implicam existência de interlocutores variados, cujas vozes se fazem presentes. As práticas simbólicas estão sempre atravessadas por vozes; são endereçadas e, portanto, supõem interlocutores. Obviamente isso gera dificuldades consideráveis na etapa de análise do material coletado (Spink, 2010).

Com o uso destes instrumentos, realizamos uma coleta dos dados de forma integrada, levando em conta todos os aspectos peculiares do estudo. Um pesquisador que se aventura realizar uma investigação no campo empírico, principalmente nas ciências humanas, deve estar atento ao processo construtivo-interpretativo que a pesquisa requer na busca pelo conhecimento, e nas múltiplas e complexas expressões dos sujeitos estudados (Gonzalez Rey, 2005). Nosso instrumento teve como inspiração pesquisas nacionais e internacionais, que buscavam investigar aspectos subjetivos, sociais e culturais que estão envolvidos no processo das escolhas e hábitos alimentares. Os estudo de Devine, Connors, Bisogni, e Sobal (1998); Rotenberg, Castro, Maldonado, Caniné, e Gugelmin (2007) e Kittler et al., (2012), deram base para nosso roteiro de entrevista narrativa (que está completo em anexo nesta tese).

Buscamos com esse instrumento levantar, inicialmente, lembranças sobre os hábitos alimentares dos nossos participantes no período da infância e juventude, já que acreditamos ser o momento em que os hábitos e preferências alimentares são construídos e posteriormente questionados, principalmente no grupo de vegetarianos e veganos.

Visamos também com o instrumento alcançar a atualidade dos hábitos alimentares dos nossos participantes, já que, do nosso ponto de vista, a construção de sentidos e significados torna-se mais evidente ao sujeito quando este consegue expressar sua trajetória. Neste momento, também nos é permitido verificar pontos de tangência e convergência entre o passado (que é reinterpretado) e o presente alimentar dos nossos participantes.

Outra questão relevante para nossa pesquisa é a de apreender sobre os hábitos alimentares de familiares e pessoas que tem um convívio próximo aos nossos participantes. Nosso intuito ao levantarmos esse ponto é o de que as influências externas são uma das principais responsáveis pela adoção e mudanças de novos hábitos alimentares. É também no núcleo familiar que apreendemos os primeiros gostos e preferências, evidenciando aquilo que Martínez e González Rey (2017) trata sobre a produção subjetiva, através da relação com os outros em espaços sociais, e especial a família.

Seguindo ainda as ideias de Martínez e González Rey (2017), no que tange a construção da subjetividade social, buscamos entender a opinião sobre quais foram as principais influências que nossos participantes identificam para suas escolhas alimentares, bem como a visão que estes tem dos próprios hábitos construídos e como estes tem relação (ou não) com seus sentidos subjetivos. Pensando nesses aspectos, Martínez e González Rey (2017, pp.675-677), ao descrever sobre estudos com foco nos sentidos subjetivos, aspecto relevante que buscamos apreender com nosso roteiro de entrevista, pois:

O estudo dos sentidos subjetivos, das configurações subjetivas e da emergência do sujeito integram a subjetividade social e a individual, independentemente se o foco do estudo é o indivíduo, ou um espaço social particular. No primeiro caso, estudamos as configurações subjetivas individuais, cujos sentidos subjetivos invariavelmente expressam a subjetividade social e são parte dela. Os sentidos subjetivos gerados pelas configurações subjetivas individuais sempre aparecem dentro de redes relacionais atravessadas por todas as produções subjetivas de uma sociedade. No segundo caso, do estudo de um espaço social específico, o foco é colocado na definição de configurações subjetivas sociais que são

determinadas nos processos de relações sociais dentro do espaço social estudado, cujos sentidos subjetivos expressam produções sociais gerais da sociedade que estão além de um espaço social concreto. Os indivíduos são constituintes dos espaços sociais, suas produções sempre são parte ativa da configuração subjetiva social desses espaços.

Por fim, almejamos apreender as opiniões que nossos participantes possuem sobre os hábitos alimentares em nossa sociedade. Pensamos em levantar esse questionamento, já que, nossa construção alimentar, como defendemos ao longo desse trabalho, parte sim de uma construção sociocultural e que traz impactos econômicos, sociais, culturais e subjetivos (Kittler et al., 2012).

Doravante a descrição dos objetivos do nosso instrumento, apresentaremos os participantes deste estudo. Entrevistamos 14 pessoas, residentes nos Estado de São Paulo e Bahia. A distribuição dos participantes segue a seguinte disposição:

Tabela 6 - Distribuição de total de participantes

Região/ estado	Onívoros	Vegetarianos	Veganos	
São Paulo	4	4	2	
Bahia	0	3	1	
Total Geral	4	7	3	14

Como optamos por um recorte em considerar apenas participantes adultos, a faixa etária tornou-se heterogênea. Entretanto, nota-se que, mesmo com a crescente popularização das informações sobre o vegetarianismo e veganismo, o perfil do público participante é de pessoas com idade acima dos 30 anos e que adotaram a dieta há pelo menos 10 anos.

Como esta pesquisa não se propõe a realizar uma investigação probabilística, não optamos por uma distribuição uniforme entre os gêneros. Evidencia-se pelos dados, e que são corroboradas por demais pesquisas (Ruby, 2012), que as mulheres são o público dominante na adoção das dietas vegetariana e vegana. Ruby (2012), ao investigar a relação entre gênero e vegetarianismo, retrata particularidades relacionadas a adoção de dietas vegetarianas. A autora evidencia que homens e mulheres tendem a ver o vegetarianismo através de perspectivas muito diferentes, assim como em estabelecer relação com a ingestão de carne, já que durante muito tempo foi-se associado o consumo de carne com a virilidade e a

dominação masculina da natureza, fator que contribui para mais mulheres adotarem o vegetarianismo do que os homens. Nossa pesquisa converge nesta tendência, já que apenas 4 dos 16 participantes são do gênero masculino.

Importante salientar que os verdadeiros nomes dos envolvidos foram preservados em sigilo por uma questão ética de maneira a preservar a privacidade dos participantes da pesquisa; é por esta razão que todos os nomes mencionados nesta tese consistem em pseudônimos.

A seguir, descrevemos um perfil mais pormenorizado sobre os participantes, apresentados na Tabela 7 abaixo:

Tabela 7 - Descrição do perfil dos participantes

Identificação	Sexo	Idade	Tipo de dieta
Edu	Masculino	30	Onívora
Marina	Feminino	51	Onívora
Talita	Feminino	38	Onívora
Vitória	Feminino	39	Onívora
Sônia	Feminino	25	Vegetariana
Diego	Masculino	24	Vegetariana
Keila	Feminino	22	Vegetariana
Lucas	Masculino	39	Vegetariana
Melissa	Feminino	29	Vegetariana
Fátima	Feminino	31	Vegetariana
Letícia	Feminino	27	Vegetariana
Isadora	Feminino	25	Vegana
Lívia	Feminino	41	Vegana
Eric	Masculino	45	Vegana

Os dados preliminares, através da entrevista com os participantes, residentes no Estado da Bahia e São Paulo, tem como perfil de alto nível educacional, sendo a maioria com nível

superior (incompleto ou completo). A maioria dos participantes não declarou ter religião e relatam também que tiveram como fonte para mudança das escolhas alimentares através da família, amigos, livros e *internet*.

Ao todo participaram deste estudo quatro onívoros: Edu, Marina, Talita e Vitória. No grupo de vegetarianos temos sete participantes: Sônia, Diego, Keila, Lucas, Melissa, Fátima e Letícia. Temos três participantes veganos: Isadora, Livia e Eric.

A verificação dos dados qualitativos coletados foi realizada através do modelo construtivo-interpretativo proposto por González Rey (2005) e Martínez e González Rey (2017). Nesse modelo, segundo o autor,

(...) os indivíduos (são) como agentes ativos em diálogo, o que o caracteriza como produção subjetiva e não como uma definição ontológica que reduz os processos humanos a realidades dialógicas, omitindo a presença da subjetividade como produção diferenciada dos sujeitos ou agentes em diálogo. Essa presença dos sujeitos ou agentes Essa presença dos sujeitos ou agentes no diálogo leva a compreendê-lo como um espaço configurado subjetivamente, constantemente partilhado e em movimento, em que as configurações subjetivas dos envolvidos nele se configuram numa dinâmica tal entre si, que as produções do espaço dialógico se organizam simultaneamente com as produções diferenciadas singulares dos sujeitos ou agentes que participam desse processo (Martínez e González Rey, 2017, pp. 1354-1357)

Na operacionalização da análise dos dados, primeiro, realizamos a transcrição das entrevistas realizadas, a fim de facilitar o procedimento de codificação do material adquirido. Em seguida, procedemos a análise. Para a etapa de análise empírica, tomamos como decisão metodológica apresentar os dados desta pesquisa através da descrição de cada caso, analisando à luz da Psicologia Histórico-Cultural.

O modelo construtivo-interpretativo, proposta por Martínez e González Rey (2017), é um processo de pesquisa que visa ser teórico e dialógico, simultaneamente. Essa concepção é possível já que o modelo construtivo-interpretativo enxerga o fazer empírico, ou seja, ação de pesquisa, como um modelo favorável a construção tanto de um sistema teórico, como um sistema dialógico.

No fazer da pesquisa de cunho construtivo-interpretativa, o pesquisador vai gerando distintos questionamentos, e que favorecem emergir os significados que são construídos socialmente. Logo, o modelo de pesquisa construtivo-interpretativa nos permite uma representação abrangente de como os diferentes atos humanos não têm a ver apenas com o que está acontecendo, mas também com o que envolve sentidos subjetivos associados a construções sociais que o agente experiência. Para González Rey (2007), entender o processo de construção dos sentidos subjetivos e das configurações subjetivas, que fazem parte da ação do sujeito, ou seja, aquelas que são fonte da produção subjetiva associada a essa ação, é necessário em uma investigação que se propõem a tratar sobre a subjetividade, em especial adotando o modelo de pesquisa construtivo-interpretativa.

E neste processo, para os autores citados, a construção do problema de pesquisa, ou da pergunta a ser elucidada, se dá pela no próprio curso da pesquisa. Esse movimento, de construção e reconstrução, é possibilitado pela atuação de diversos atores, como os participantes, o processo de coleta de dados (e sua instrumentalização), a postura e participação do pesquisador nessa ação empírica e o campo, ou o cenário social em que a pesquisa se desenvolve. Todos esses fatores impactam direta ou indiretamente no processo de concepção da pesquisa, pois:

O problema vai se esclarecendo, aprofundando e desdobrando no curso da pesquisa – quando novas ideias surgem no pesquisador como resultado desse processo – e vai gerando novos desafios que se integram no modelo teórico dentro do qual o problema avança como parte do processo de construção da informação (Martínez e González Rey, 2017, pp. 1448-1452).

Logo, participante, pesquisador, instrumentalização e campo (ou cenário social) compõem o mosaico necessário a execução de uma pesquisa empírica teórica e dialógica, com foco no modelo construtivo-interpretativo.

Ao pensarmos a respeito do participante da pesquisa, temos que levar em consideração que este é produtor de sentidos subjetivos e suas configurações subjetivas são influenciadas social e culturalmente. Nesse aspecto, Martínez e González Rey (2017, pp. 1359-1361), ressaltam que:

(as) configurações subjetivas que reciprocamente se alimentam umas das outras a partir dos sentidos subjetivos produzidos em cada uma dessas configurações pelas relações dos sujeitos ou agentes no curso do diálogo em si, pois ele cria opções de subjetivação que não aparecem explícitas no curso desse processo, mas em produções subjetivas singulares dos participantes dele, geradoras de novas produções subjetivas entre os participantes que, de forma inesperada, afetam seus posicionamentos, decisões e construções dentro do diálogo (já que) a pesquisa construtivo-interpretativa pressupõe um nível de envolvimento dos participantes com suas próprias experiências e com o processo de relação em que as estão vivendo no curso da pesquisa que, de fato leva a que a pesquisa possa se tornar uma experiência relevante para a vida dos participantes.

Ainda ressaltando a questão dos participantes, Martínez e González Rey (2017) esclarece que o modelo de pesquisa construtivo-interpretativa difere das demais propostas metodológicas. E uma dessas principais diferenças que merecem nosso destaque é sobre o processo de escolha dos participantes. Para esses autores, não é a quantidade de pessoas que produz unidade à pesquisa construtivo-interpretativa. Mais relevante que a densidade de sujeitos participantes, é a construção teórica e dialógica do problema estudado que gera a busca e a relação com os participantes de uma investigação científica. Esse argumento é favorável ao modelo de pesquisa construtivo-interpretativa por pensar nas configurações subjetivas e apreensão dos sentidos subjetivos como base para uma investigação sobre a subjetividade moldadas por aspectos socioculturais.

Tão importante quanto a escolha dos participantes, é a definição de como acessar os conteúdos subjetivos produzidos por estes. Nesse aspecto, a coleta de dados e sua instrumentalização deverá ser pensada como um processo que envolve produção historicamente construído e intercessor dialógico entre participantes e pesquisador. Para Martínez e González Rey (2017), o instrumento é parte do diálogo e entendê-lo nesta relação, permite uma maior e melhor comunicação entre os autores envolvidos, além de ampliar a visão que o investigador tem do seu campo empírico, e conseqüentemente, na construção teórica da sua problemática de pesquisa. Ainda segundo esses autores:

Nesse processo de integração e acompanhamento de todas as informações disponíveis, o instrumento nunca fica para trás, congelado nas expressões do participante no momento em que foi aplicado. A própria expressão dos participantes numa pesquisa tem um devir histórico, a pessoa vai organizando os significados dentro de sua própria expressão num processo progressivo e contraditório, cuja evolução e qualidade vão depender de seu

envolvimento progressivo como agente da pesquisa (Martínez e González Rey, 2017, pp. 1518-1520),

Assim como construção e manejo do instrumento de pesquisa na proposta construtivo-interpretativa não deve permanecer estanque, o espaço empírico, ou cenário social em que a pesquisa se desenvolve deve ser pensada como parte relevante no desenvolvimento do tecido relacional que permitirá o caráter dialógico da pesquisa. E essa construção dialógica só é possível com a confluência desses atores através do uso da linguagem. O modelo de interpretação da pesquisa de inspiração construtivo-interpretativa não trabalha com a linguagem nem com o discurso como sistemas que se organizam fora dos indivíduos, da fala e das relações. Para Martínez e González Rey (2017, pp. 1716-1718):

A linguagem é trabalhada pela sua qualidade, forma de organização do relato, experiências associadas com os que aparecem como protagonistas, cronologia de aparição dos eventos etc., os quais são atributos que identificam o sujeito ou agente da fala e que estão além da intenção da fala ou da escrita, mas que aparecem na organização não consciente destas na qualidade do processo de construção em que essas expressões faladas, escritas ou simplesmente sentidas se manifestam

Dessa forma, no modelo de pesquisa construtivo-interpretativa, a interpretação dos dados através da linguagem mescla participantes, instrumento e cenário social.

Por fim, a pesquisa construtivo-interpretativa tem como um de seus alicerces principais a postura do pesquisador, já que nesta dialógica de produção de subjetividades, não apenas a do participante é evidenciada, mas também a do pesquisador. Segundo Martínez e González Rey (2017, pp. 1371-1374):

O compromisso da subjetividade do pesquisador ao longo da pesquisa é o que permite a construção no processo da pesquisa que, sem a imaginação, seria estéril. Portanto, a condição de agente nesse processo não é exclusiva dos participantes e isso é um dos elementos específicos que caracterizam esta forma de pesquisar. São, portanto, os significados, e não os dados fora de um sistema de significação, os aspectos essenciais sobre os quais a pesquisa se volta.

Logo, o pesquisador em uma proposta qualitativa e construtivo-interpretativa deve ser um agente de novas ideias e hipóteses que vai gerando, assim, possibilidades de conhecimento

no campo da pesquisa sobre subjetividade, já que, como argumenta Martínez e González Rey (2017), a ciência, como toda atividade humana, é subjetiva e, como tal, é histórica, o que lhe confere seu caráter inacabado tão diferente dos sistemas dogmáticos de crenças.

Após elucidarmos nossa proposta teórico-metodológica, iremos apresentar nossas reflexões, com base na Psicologia Histórico-Cultural, dos processos constitutivos socioculturais e subjetivos de hábitos alimentares de pessoas vegetarianas, veganas e onívoras.

CAPÍTULO 3 – A CONSTITUIÇÃO SOCIAL DO VEGETARIANISMO, VEGANISMO E ONIVORISMO: REFLEXÕES COM BASE NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Por que vegetarianos, veganos e onívoros comem o que eles comem? É a partir desta pergunta que desenvolvemos uma reflexão, com base na Psicologia Histórico-Cultural, sobre a relação entre os hábitos alimentares e o seu papel na formação psicossocial.

Para responder nossa questão de pesquisa nossas análises apresentarão os principais pontos relacionados às escolhas alimentares ou fatores que afetam diretamente ou indiretamente a dieta dos participantes desta pesquisa.

Optamos por, num primeiro momento, apresentar as justificativas pelas escolhas alimentares de cada entrevistado numa sequência — primeiro abordaremos o grupo de vegetarianos; depois, os veganos; e por fim, os onívoros.

Após isso, apresentamos nossas reflexões com a finalidade de responder como se constituem as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros. Ao realizarmos esta operação, buscamos demonstrar a aplicabilidade do modelo teórico da Psicologia Histórico-Cultural em pesquisas que visem compreender as influências sociais na construção da subjetividade humana — e em nosso caso específico, compreender esses impactos na construção subjetiva de vegetarianos, veganos e onívoros.

3.1. A perspectiva dos vegetarianos

Sônia (25 anos) é psicóloga, residente com seu companheiro na capital paulista. Atualmente, é vegetariana e adota esta dieta há aproximadamente 7 anos. Ao observarmos sua trajetória de vida podemos notar que a adoção do vegetarianismo ocorreu aos dezenove anos. Neste período, também ocorre um marco transacional importante, que foi o acesso à informações sobre o vegetarianismo e o contato com filmes sobre a questão do abate animal no Brasil.

“Eu comecei a pesquisar sobre o vegetarianismo e eu comecei a assistir vídeos e eu não conseguia assistir até o final. Muito pesada. “A carne é

fraca⁴², aqueles outros vídeos assim. E eu também já não gostava muito de comer bife e essas coisas assim. Eu não conseguia, me fazia muito mal. Aí eu comecei a pensar: Não. Tem uma alimentação além disso né. A gente não precisa viver com menos animais, outros seres vivos. A gente pode viver comendo fruta, legumes e tal. Bem mais saudável. E aí eu comecei a... quando eu comecei já foi de uma vez assim. A última coisa que eu deixei foi o peixe. Antes... mas o bife, a carne de vaca e a carne de frango foi de uma hora pra outra que eu já não aguentava o cheiro. Até hoje assim... só de sentir o cheiro já me embrulha o estômago assim. Mas eu coloco que a minha influência assim foi a internet, principalmente por causa dos vídeos, e também de pessoas assim que eu falei: Poxa, tem uma luz no fim do túnel. É possível viver sem comer outros animais”.

Ao investigarmos as principais questões para a adoção do vegetarianismo pela participante Sônia, observamos que o acesso a informação, especialmente via *internet* foi uma das razões para a mudança de dieta. Atualmente, há uma crescente produção de materiais jornalísticos e documentais que visam expor a questão do vegetarianismo e da ética ligada ao consumo de animais.

O contexto tem uma grande importância nas mudanças e escolhas alimentares de vegetarianos e veganos; no caso de Sônia os fatores socioeconômicos (contexto macro-social) dificultam o seu desejo de se tornar vegana, ou seja, Sônia indica a vontade de transitar para o veganismo, mas aponta os aspectos econômicos a principal dificuldade de adotar esse novo estilo de vida:

(...) Eu gostaria muito de virar vegana, mas como eu não trabalho eu ainda não posso ter algumas coisas tão caras do veganismo né. Roupas, essas coisas principalmente. E aí, mas a minha vontade assim... Eu sou tipo **uma vegana de coração** assim... Mas eu sou vegetariana já a algum tempo e eu não penso em mudar essa escolha mais porque eu, de alguma forma, acabei me apegando ainda mais aos animais do que eu já me apegava e também por uma questão de saúde assim (...).”

Como ressalta González Rey (2007b), a condição objetiva da pessoa não determina a sua personalidade. É pelo sentido pessoal e subjetivo das experiências vividas, e não pelos fatos, que a construção da subjetividade se dá, vista pela perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural.

⁴² A produção fílmica sobre a questão do uso de animais na indústria alimentícia vem se expandindo. Um das produções mais citadas e impactos na questão da propagação da crueldade no abate animal para produção de carne é o filme “A carne é fraca, de 2005, fomentado pelo Instituto Nina Rosa. Hoje, pela internet e serviços de streaming é possível ter acesso a diversas produções que fomentam a discussão alimentar.

Sobre os impactos da adoção do vegetarianismo, ela evidencia ainda a dificuldade dos núcleos familiares em compreender o porquê da alteração dos hábitos alimentares. Em seu relato, Sônia descreve como a família reage ao seu modelo alimentar, mesmo adotando a dieta já há alguns anos:

“(...) Então é aquela coisa, meus parentes fazendo piadinha, os outros de fora fazendo piadinha. Eu *tou* há seis anos já vegetariana praticamente e *tou* aguentando piadinha. Mas isso aí não me abala em nada. Infelizmente, o mundo é carnívoro né? (...)”

É evidente que o ambiente familiar descrito não foi favorável com as escolhas alimentares, fator já apontado por pesquisas como as de Fox & Ward (2008). Como podemos notar no caso de Sônia, seu o sentido subjetivo, como enfatiza González Rey (2007a), não representa uma expressão linear de nenhum evento da vida social, pelo contrário, ele é o resultado de uma rede de eventos e de suas consequências colaterais, que se expressam em complexas produções psíquicas. Assim como a construção do sentido subjetivo, os significados compartilhados pelo núcleo familiar parte de um processo de interpretação e negociação entre os atos e as normas culturalmente compartilhadas, como nos ressalta Bruner (2008).

Vegetarianos e veganos apontam como principais motivações para realizar a mudança de sistema alimentar as questões de saúde e questões éticas (ligadas à preservação e impacto ambiental), justificativas essas que são corroboradas por diversos estudos que apontam as principais razões para as pessoas mudarem seus hábitos alimentares (Paisley, Beanlands, Goldman, Evers, & Chappell, 2008; Ruby, 2012). Desse modo, é comum a busca pelo vegetarianismo ou veganismo como opção para melhoria na qualidade de vida e na saúde. No relato de Sônia isso foi evidenciado, assim como outros participantes vegetarianos e veganos deste estudo; Diego é um destes casos.

Diego é psicólogo, morador da capital paulista e reside com seus familiares. Atualmente, é vegetariano e adota esta dieta há aproximadamente 2 anos, apesar de ter experimentado nesta transição o veganismo. Em sua entrevista ele mencionou os impactos positivos em sua saúde (tanto física, cognitiva e emocional). Seu principal marco foi o impacto em sua saúde que o sobrepeso lhe acometia. Foi na idade adulta que Diego iniciou sua transição para o vegetarianismo. Foi neste período de adaptação à nova dieta que ele experimentou alguns

meses de veganismo, mas acabou retornando ao vegetarianismo devido a dificuldade de adaptar suas preferências alimentares com as restrições da dieta vegana. Holm e Kildevang (1996) descrevem que um grande fator de impacto em nossas opções de hábitos alimentares está nas preferências individuais e gosto pessoal por determinados alimentos.

Além disso, Diego refletiu em uma visão mais assertiva de sua família sobre a dieta, apesar dele ser o único vegetariano, enfatizado pela seguinte narrativa: “minha família geralmente fala que nossa, queria seguir seu exemplo. Um dia eu vou tentar, vou chegar lá. Aí eu fico feliz, né”. Segundo Ruby (2012), embora o recebimento de apoio de membros da família seja um fator importante na manutenção de hábitos alimentares vegetarianos e veganos, pesquisas apontam que, em geral, as famílias nucleares não apoiam a adoção destas dietas. Essa visão favorável do núcleo familiar de Diego reflete em seu sentido subjetivo sobre o vegetarianismo e em uma mudança dos significados atribuídos à dieta pela seus familiares. Mesmo com a boa aceitação do seu núcleo familiar em sua opção de dieta, Diego foi alvo de estranhamento pelo seu núcleo de socialização.

Dentre todos os participantes deste estudo, Keila é a participante que adotou a dieta vegetariana com a menor idade (início da adolescência). Seu contexto foi totalmente favorável, já que sua mudança de hábitos ocorreu devido ao modelo adotado em seu núcleo familiar. Relata que foi com o contato com a culinária andina (já que seu pai é originário de outro país da América Latina) e a abundância de consumo de alimentos vegetais, fez com que a transição para o vegetarianismo fosse mais assertiva.

Keila é psicóloga, moradora da capital paulista e reside com seus familiares. Atualmente, é vegetariana e adota esta dieta há aproximadamente 11 anos, desde o início da adolescência. Um aspecto interessante que podemos observar em seu caso é que, apesar de ter iniciado sua alimentação como onívora, sua principal fonte para mudança em seu sistema alimentar veio de seu pai, por ser originário de outro país da América Latina. Os hábitos alimentares de alguns países latino americanos são resultados de ligações regionais, como a culinária da costa, da selva e a andina (Lucena, 2008). Logo, a experiência de ter uma outra cultura culinária na construção de seus hábitos alimentares podem ser percebidos no relato abaixo:

“Então, comecei com onze anos de idade, eu fui, na verdade tudo ocorreu porque eu fui passar minhas férias na casa do meu pai, como ele não comia nenhum tipo de carne, nada industrializado, se eu não comesse, se eu não me adequasse com ele aí eu ia ficar um mês sem comer nada, aí eu comecei a me adequar, me adequar aí quando eu voltei para minha casa eu não comia mais o que faziam, assim, eu sinto enjoo, eu não gostava.”

Apesar de ter a cultura alimentar paterna como uma das suas fontes de mudança de hábitos, nossa participante enfatiza que as escolhas pela adoção da dieta vegetariana veio, também, de uma opção pessoal. No caso de Keila, vemos claramente como o significado dominante da cultura alimentar familiar se transforma em formas de subjetivação individual (González Rey, 2003).

As seguintes passagens da entrevista de Keila ilustram a existência de uma estreita relação entre aspectos individuais e sociais para construção das experiências subjetivas (Vygotsky, 1994):

“Ah, eu me vi ali comendo um animal, aí eu falei, não gente quê isso! Coitado do animal né? Aí eu me senti muito mal, aí eu deixei de comer.
 (...) eu comia bastante besteira e eu não conseguia fazer digestão, ou seja eu tinha, muita, muita dificuldade mesmo, muitos problemas estomacais já quase fiz uma cirurgia por causa disso, aí isso mudou.
 (...) Eu acho péssimo [comer carne]! Acho que eles [onívoros] estão estragando a saúde deles, porque não sabe como foi matado aquele animal, não sabe se aquele animal realmente tinha algo a oferecer pra eles, se era uma carne boa”.

Numa leitura histórico-cultural podemos observar como a constituição de uma visão de mundo particular de Keila está associada a aspectos cognitivos e afetivos — ou seja, sentidos produzidos individualmente —, mas que não deixam de ser também compartilhamentos que ocorrem coletivamente a partir das condições concretas de existência.

Outro entrevistado é Lucas, meteorologista, morador na Grande São Paulo. É vegetariano e adota esta dieta há aproximadamente 15 anos. Em sua narrativa descreve que a procura pela mudança nos hábitos alimentares ocorreu na época de sua adolescência, quando começou a se preocupar na adoção de um estilo de vida mais saudável associado a práticas esportivas. A dieta vegetariana foi adotada durante o período de seus estudos universitários, devido o convívio social com amigos e colegas.

Como um momento que marcou sua trajetória, Lucas relata o período em que morou fora do Brasil. Este momento tem um peso em sua transição, pois passou a ser responsável direto pelas escolhas alimentares que teria, não tendo, neste momento, que adotar os moldes das escolhas alimentares de seus familiares. Apesar desse relato, seu contexto familiar e social foi percebido pelo participante Lucas como acolhedor e favorável em sua mudança para o vegetarianismo:

“Então eu tinha 23 para 24 anos...fui influenciado por dois amigos que já tinham aderido... a influência foi assim de conhecimento, de... e... observação... a observar que era possível viver sem comer carne... é... assim como eles... incluindo as nessas conversas assim... havia a motivação em relação aos animais, a não matança generalizada que existe hoje em função da alimentação e na prática mesmo aconteceu quando fui morar sozinho, passei dois meses nos EUA e sozinho mesmo, e tive a chance de primeira vez na vida comprar minha comida e fazer... e ai eu decidi não comprar carne... ai rolou né? Passou uma semana, um mês, ai os dois meses... ai voltei para o Brasil vegetariano, já voltei falando... ôoo... não tô comendo carne... embora antes, já fui para lá assim com uma forte ideia né... eu vinha comendo só peixe... predominantemente carne de peixe... né... carne de porco já fazia muito tempo que eu não comia... geralmente quase todo mundo tem essa evolução... parar com as carnes mais fortes, né? Porco e boi, né... ai passa-se... passa-se depois a carne branca, a última... e muita gente não consegue parar... eu mesmo gostava muito de carne de peixe, era a única carne que eu gostava mesmo...”

Suas principais motivações, além dos colegas, foram as preocupações ambientais. Lucas atrela, atualmente, sua visão do vegetarianismo como uma forma sustentável de sobrevivência da espécie humana:

“(...) (o) maior problema pra mim, é...acredito que seja o ambiental....dentro todos essas opções, a gente pode ir para a abordagem ambiental...eu diria que...as pessoas...assim...alimentar a população humana tornou-se inviável pro planeta...para manutenção da biodiversidade, talvez o que mais me incomoda é que...para a média das pessoas, elas comendo, tanto se outras espécies tão ou não sobrevivendo”.

Logo, podemos observar que nosso participante Lucas modificou seu sentido subjetivo, através de uma análise social. Como nos destaca Mesquita (2014), em seu trabalho com professoras, as participantes, ao falar de suas vivências, evocam sentidos pessoais, mas que são imbuídas pelos significados de uma trama social mais ampla. Podemos associar essa percepção da pesquisadora citada, com os sentidos enunciados pelo nosso entrevistado, ao

analisar as questões do vegetarianismo frente aos impactos ambientais do consumo alimentar da população para o planeta.

Outra participante da pesquisa é Melissa, pesquisadora, residente em uma cidade do interior da Bahia. É vegetariana e adota esta dieta há aproximadamente três anos. Em seu relato, Melissa descreve diversos episódios em que a sua aproximação com o vegetarianismo ocorreu:

“Quando eu tinha uns 6 anos me dei conta de a carne que eu comia era oriunda de um animal abatido, fiquei horrorizada e me recusei a consumi-la, mas isso só durou cerca de uma semana porque meus pais me obrigaram a voltar a comer por medo de que eu tivesse algum déficit nutricional, até me levaram ao médico e foi a primeira vez que me lembro de ter ouvido a palavra “vegetariana”. (...) Na adolescência quando tive alguma informação sobre tentei novamente ser vegetariana, mas sem saber cozinhar e sem comprar meu próprio alimento só durou cerca de dois meses.”

Em seu relato acima fica evidente como muitas vezes o impacto emocional afeta nas decisões alimentares. Pesquisas apontam que boa parte dos vegetarianos e veganos se baseiam em aspectos emocionais para adoção destas dietas sem ingestão de insumos animais (Povey, Wellens, & Conner, 2001). Entretanto, a principal motivação para Melissa se tornar vegetariana não foi devido a questões emocionais, mas sobretudo questões e motivações éticas. Além disso, a maneira dela significar o vegetarianismo é permeado por um conjunto de suportes culturais, políticos e ideológicos — fato esse corroborado por pesquisas sobre avaliação da qualidade de nossos hábitos de consumo alimentar (Holm & Kildevang, 1996).

“Comer é um ato social e político, eu entendo o vegetarianismo como uma ideologia. Quando decidi me tornar vegetariana passei quase dois anos pesquisando sobre substituições e nutrientes, mas também sobre agronegócio, consumo de água, abate ético, ecologia, impactos da criação de gado no meio ambiente. Se eu sou uma pessoa que se preocupa com essas questões minhas escolhas alimentares obviamente refletem esse posicionamento. Da mesma forma, como protetora dos animais, pra mim não faz sentido ser especista, cuidar de alguns e explorar outros. Sim, não é apenas uma mudança de dieta, a escolha é política. Se você escolhe não consumir um alimento ou um produto que é produzido sem crueldade você se opõe a esse sistema; se cada vez mais pessoas fizerem isso haverá uma interferência na dinâmica do consumo, as empresas terão de buscar alternativas. De modo direto você percebe a melhora na saúde mesmo num curto prazo de mudança pra dieta vegetariana, no meu caso, o corpo responde, mas vai muito além da fisiologia. Saber que eu estou colocando

um alimento sem crueldade no meu prato ou um alimento que não participa de um sistema de exploração ou que é produzido em uma dinâmica de respeito ao meio ambiente impacta diretamente em minha vida”.

Vigotski (2000, 2007, 2009) considera que o fundamento da consciência humana é relacional, isto é, se constitui em uma determinada cultura circunscrita num tempo histórico e dimensionada em determinadas condições concretas de existência. Isso significa que há uma constituição recíproca dos sujeitos e das sociedades das quais participam. Isso explica, em parte, porque uma sociedade (no caso, a nossa sociedade ocidental contemporânea) que abomina a dor, o sofrimento e os maus tratos aos animais inserem todos estes elementos em sua cadeia produtiva de proteína animal, mas que no contato diário dos seres humanos com estes animais mortos (ou seja, nas refeições) ocorre uma descontextualização devido ao tratamento industrial submetido à proteína animal que ganha configurações de mercadoria. Mas no caso de Melissa, assim como outros vegetarianos e veganos, a compreensão do processo produtivo dos alimentos desencadeia uma nova relação com sua dieta.

Fátima é empresária, residente de Salvador. É vegetariana e adota esta dieta há aproximadamente 15 anos. Ela nos descreve como ponto de transição uma preocupação com a qualidade de vida e com uma melhoria na sua alimentação:

“Após minha mudança para o vegetarianismo tento ser o mais saudável possível, tenho consciência dos alimentos que preciso consumir para meu organismo obter proteínas, ferro, vitaminas...dos alimentos que me fazem bem e dos que não; uma noção maior da minha saúde e todas as conexões entre alimento, mente e corpo.”

Fátima nos relata que apesar de seu núcleo familiar ser de pessoas que adotam a dieta onívora, possui em seu núcleo familiar e social, pessoas vegetarianas e veganas:

“Todos meus familiares são onívoros, e alguns amigos são vegetarianos ou veganos...Fico satisfeita e me identifico quando encontro alguém consciente e que se alimenta como eu... mas não tento incentivar ou convencer quem não é a ser... Evito discussões sobre o tema.”

A principal fonte de mudança para Fátima se tornar vegetariana foi associada a um processo de auto conhecimento, refletindo neste aspecto o impacto do vegetarianismo na formação psicossocial de nossa participante, como evidenciamos no trecho abaixo:

“No começo devo as práticas energéticas que comecei a praticar que me geraram essa consciência...Não tive influencia de ninguém, nem de leituras (elas vieram depois), foi uma **descoberta pessoal**.”

No relato de Fátima fica evidente o grande impacto do vegetarianismo em suas escolhas individuais, é perceptível que a dieta vegetariana trouxe não apenas mudanças em seus hábitos alimentares, mas em sua subjetividade. Para González Rey (2007b), ser sujeito não é uma qualidade adquirida na vida, mas uma condição a ser conquistada durante nosso processo de subjetivação. Ainda para esse autor, nossa condição de sujeito está veiculada a nossa capacidade de produção de sentidos subjetivos, em um processo de ação e relação com as experiências vividas socialmente.

A última vegetariana é Letícia, médica, residente em Salvador; adota a dieta vegetariana há aproximadamente cinco anos. As principais razões apontadas para a sua opção pelo vegetarianismo se devem à questões de saúde e ambientais:

“Procuro escolher alimentos que vão ajudar meu organismo a se manter saudável e que tragam menos prejuízo ao mundo. O bem estar, saúde, cuidado com os outros animais e com o mundo que me estimularam a adotar a alimentação vegetariana”.

Além disso, Letícia menciona um fato curioso no que se refere às influências que ela exerceu sobre a sua família ao mudar seus hábitos alimentares:

“Minha família come carne, mas quando parei de comer, eles acabaram indiretamente diminuindo a quantidade ingerida, além de aprenderem que muitas vezes pratos vegetarianos ficam melhores do que pratos com carne.”

O trecho acima nos permite refletir acerca de como a alimentação têm forte influência e se constitui nas relações com o “outro” e com a cultura, por isso as relações sociais devem ser investigadas ao se examinar as escolhas alimentares. Para Wallon (1959b) o homem se constrói nas suas interações com o meio, sujeito à suas disposições internas e situações exteriores — o objeto da ação mental vem do exterior. E é na interação e no confronto com o outro que se forma o indivíduo. Por isso, o estudo do desenvolvimento do indivíduo — incluindo-se aí os seus hábitos alimentares — deve ser contextualizado nas suas relações com o meio, pois o desenvolvimento do homem é “geneticamente social” (Wallon, 1959b).

Wallon salienta que na relação entre o indivíduo e o seu meio há influências recíprocas com impregnação ou submissão mútua, onde há o intermédio do “fantasma do outro que cada um traz consigo. O nível de nossas relações com o outro é regulado pelas variações de intensidade que este fantasma sofre” (Wallon, 1959a, p.164).

Um fator relevante a ser considerado, e que podemos ilustrar através do caso de Leticia é que, apesar da alimentação vegetariana aparentar ser mais saudável, esta questão não é pré-requisito nas escolhas alimentares de quem escolhe esta dieta. Mesmo sendo vegetariana, a ingestão de *fast food* e de alimentos com calorias vazias é uma realidade da dieta ocidental contemporânea mesmo entre vegetarianos. Hoje, até pela expansão do público interessado nas temáticas sobre vegetarianismo e veganismo (ver o primeiro capítulo desta tese), a indústria alimentícia vem se dedicando a produzir cada vez mais alimentos que se adequem ao estilo de vida urbano, como observamos nos relato abaixo:

“Acredito que em geral, a forma que nos alimentamos vem piorando, cada vez mais comemos mais rápido e o de mais fácil acesso. Comemos quando estamos com fome, quando estamos felizes, tristes, entediados, ansiosos (...) Procuo escolher alimentos que vão ajudar meu organismo a se manter saudável e que tragam menos prejuízo ao mundo. O bem estar, saúde, cuidado com os outros animais e com o mundo que me estimularam a adotar a alimentação vegetariana. (...), apesar de ter em mente as escolhas saudáveis, as vezes exagero nos doces e massas, principalmente chocolate. O que impede é que na correia do dia a dia acabo muitas vezes descontando o stress na comida.”

Como nos alerta Pollan (2007), a massiva industrialização da produção alimentar tem como foco abarcar diversos públicos, e hoje, os vegetarianos e veganos, mesmo sendo uma minoria, são “comedores industriais” que consomem cada vez mais produtos ultraprocessados.

3.2. A visão dos veganos

Dentre os veganos temos Isadora, designer gráfica e blogueira. É originária de Salvador, mas atualmente residente com seu companheiro fora do país. Adota a dieta vegana há aproximadamente 2 anos.

Sua opção pelo veganismo está atrelada a uma visão mais igualitária da relação entre animais humanos e não humanos. Além disso, seu discurso apresenta uma grande peso no que se refere à questão ética e ambiental:

“Passei a minha vida aprendendo que tenho que fechar a torneira enquanto escovo o dente, não posso demorar no banho, não posso deixar luz acesa sem necessidade, mas demorei 25 anos pra descobrir que a causa da extinção da maioria das espécies é o consumo excessivo de carne, pra saber que a água usada para produzir um único hambúrguer equivale a 2 meses de banho, que a cada dia sem comer nada de origem animal eu poupo a vida de um deles, que a cada hora 6 milhões de animais são mortos no mundo para a alimentação humana e que, não, não é apenas crueldade animal, é o mundo que vivemos.”

Ela acredita que, a experiência de ter morado em outro país facilitou seu processo de transição, assim como a visão que se é construída dos vegetarianos e veganos, como podemos ver na seguinte descrição sobre adoção do veganismo:

“Ainda é algo difícil pra mim, porque é algo bem novo na minha vida e moro em outro país⁴³, então penso muito em como as pessoas que gosto vão reagir quando for ao Brasil. Sei que muitos vão fazer piadinhas, não vão entender ou respeitar, mas estou disposta a tentar levar isso da maneira mais leve possível.”

Essa preocupação expressa pela participante é fundamentada na ainda escassez de divulgação correta sobre o Veganismo, especialmente na mídia tradicional nacional. Como aponta Nunes (2010), o veganismo e o vegetarianismo ainda são pouco divulgados na grande mídia, sendo que para àqueles que buscam informações a respeito destes sistemas alimentares, é necessário uma busca por outras vias, como *sites*, *blogs*, redes sociais e plataformas de divulgação digital de vídeos.

Esse acesso mais restrito acaba repercutindo na maneira pela qual as pessoas significam os alimentos, já que, segundo Bruner (2008), os significados são construídos socialmente, sejam estes institucionalizados, que ditam uma determinada visão da realidade para a sociedade, ou àqueles advindos da cultura, que guiam e controlam nossos atos individuais, ou seja, que possibilitam gerar sentidos subjetivos. O acesso a informações corretas e claras

⁴³ No período de realização desta entrevista, a participante recentemente tinha mudado de país, retornando ao Brasil poucos meses depois.

sobre o vegetarianismos e veganismo à grande parcela da população permitiria um avanço na discussão da nossa relação com a comida, além de permitir uma visão menos distorcida sobre aspectos nutricionais e emocionais sobre as pessoas que aderem a essas dietas.

Lívia é dona de casa e autônoma. Atualmente residente na capital paulista. É vegana e adota esta dieta há aproximadamente 14 anos. Lívia é ativista da causa, sendo uma ampla divulgadora do veganismo e das práticas alimentares deste público. Sua adesão à dieta vegana ocorreu, como na maioria dos casos, devido a um posicionamento ético de respeito aos direitos de vida dos animais não humanos.

“(…) eu me tornei vegana, eu era uma pessoa normal, comia de tudo, não pensava, e depois quando eu tive acesso à uma revistinha do Instituto Nina Rosa, que falava sobre vários assuntos, falava sobre rodeio, testes em animais, outras histórias verídicas ou fictícias sobre animais, e também falava sobre veganismo, e na hora eu me tornei vegan, então foi realmente pela compaixão pelos animais, eu não sabia que dava pra viver desse jeito, aí eu tive acesso, e naquele momento eu decidi viver desse jeito, levando informação pras outras pessoas, através disso, cê pode mudar a vida das pessoas e consequentemente a vida dos animais, dar um pouco mais de esperança pra eles, então eu me tornei vegana por respeito aos animais, foi só por isso, e eu lembro que até pensei em: *‘Nossa, não importa se eu nunca mais vou comer um chocolate na vida, um sorvete, não quero saber’*. Foi só pelos animais mesmo, aí com o tempo, a questão da saúde veio vindo, pra você ver, o ano passado só que eu consegui me libertar do açúcar refinado, que eu era totalmente viciada, mas nunca tinha me preocupado, depois de mais de dez anos de veganismo, então, mas foi por respeito aos animais sim.”

Podemos entender que sua visão do veganismo elucida bem os desafios que uma pessoa vegana encara ao adotar estes hábitos alimentares. Ao mesmo tempo que Lívia enfatiza seu “orgulho em ser vegana”(sic), ela retrata momentos positivos e negativos que vivenciou ao adotar esta dieta. Como um momento positivo, ela relata a associação da postura ética por amigos, vizinhos e parentes, e de como estes “recordam” dela ao conhecer um estabelecimento vegetariano/vegano, ou deixam de consumir determinado produto. Como aspecto negativo, ela relata momentos coletivos familiares em que a sua decisão de abolir o consumo de insumos de origem animal repercutiu em seu núcleo familiar.

Em linhas gerais o modelo explicativo da formação dos processos humanos e do desenvolvimento cultural de Vigotski (2000, 2007, 2009) apresenta a “significação” no bojo de suas considerações. A significação constitui-se inicialmente pela interpretação do outro,

pela palavra do outro. Mas o que é internalizado não são as coisas em si, e sim a significação das coisas que emerge nas relações sociais, além dos sentidos das práticas sociais — nesta perspectiva é possível afirmar que a alimentação humana não apresenta apenas uma dimensão biológica, mas também psicológica, histórica, social e cultural, pois a definição do que seria comestível é significada a partir das relações sociais. Um exemplo concreto é o caso de Lívia:

“(...) eu lembro que na infância e na pré-adolescência eu não gostava muito de comer carne, mas acabava comendo sempre porque meu pai mandava e minha mãe sempre fazia, e eu lembro uma vez até que meu pai queria bater em mim porque eu não queria comer, ele fez estrogonofe e eu não queria comer a carne, eu ficava comendo só o molho, batata frita, o cogumelo e aí, ele levantou e queria bater em mim porque eu não estava comendo filé mignon que era caro e eu lembro bastante disso que eu tinha muito nojo de comer carne e aí eu ficava vendo as nervuras da carne, e aquilo me dava nojo, mas comia porque totalmente cultural, um hábito da família (...)”.

O trecho acima é ilustrativo de como o ato de comer é passível de mediação. Sabemos que assim como os hábitos alimentares são socialmente construídos, as representações e as significações atribuídas a essas escolhas são impactadas por fatores sociais e culturais — e isso favorece, muitas vezes, o não questionamento do por que comemos e o que comemos. O relato de Eric também converge neste ponto:

“Na infância eu ingeria uma dieta padrão brasileira, inclusive comendo carnes. Como vivia em uma cidade litorânea minhas refeições tinham muitos frutos do mar e peixes (até mais do que carne de frango, boi ou porco). Isto ocorreu até os 15 anos (em 1985), quando comecei a praticar karatê. A partir dessa época parei de ingerir carne vermelha e fui diminuindo a ingestão de leite e derivados.

Os frutos do mar e os queijos sempre foram meus alimentos favoritos, mas também sempre gostei muito de vegetais. Como hoje sou vegano, não me alimento mais de carnes, derivados ou mel.”

O participante Eric é professor universitário e reside na capital paulista. É vegano e adota esta dieta há aproximadamente 31 anos. Eric nos relata que desde os seus 15 anos de idade passou a se aproximar do vegetarianismo, sendo que adotou a dieta vegana em 2010. Ele atribui à ética a principal motivação para sua mudança alimentar:

“O que mais influencia minha alimentação é a consciência ética a respeito de como o que coloco no prato é produzido. E isto não está relacionado

apenas ao fato de ser de origem animal ou não, mas à origem do alimento e à forma como ele chegou em meu prato (sem trabalho infantil, poluindo o menos possível, produto local, etc.). O sabor dos pratos também é fundamental. Comida ética, saudável e gostosa e bonita de se comer. Não voltaria a comer alimentos de origem animal. O que tenho procurado aperfeiçoar em minha alimentação é a incorporação de novos ingredientes e sabores. **A alimentação é, sem dúvida, parte da identidade de uma pessoa.** Não só o que ela come, mas como come, onde come (as ocasiões) e a quantidade do que come”.

Eric destaca a forte relação que a sua alimentação tem com sua identidade. A partir disso podemos considerar que é no cotidiano que o indivíduo constrói sua marca identitária (Vigotski, 2007, 2009), e o indivíduo vegano não foge a essa regra. O autoconhecimento de si (eu) como vegano só é possível com o reconhecimento do outro (Wallon, 1959). Os veganos se reconhecem como tais, distinguem-se dos onívoros e vegetarianos. Além disso, apesar de em nosso estudo não focarmos no conceito de identidade social, este é um importante constructo no campo da psicologia do desenvolvimento e da psicologia social. A identidade, segundo Silva (2009), é um processo de construções de papéis que assumimos ao longo de nossas vidas, através de um conjunto de fatores – sociais e subjetivos. Podemos relacioná-la com a ideia de produção de sentido formulada por Spink (2010), que nos fornece um prisma mais dinâmico para enxergar a questão da identidade, pois são as maneiras em que as pessoas, por meio de suas práticas discursivas, produzem realidades sociais e psicológicas.

3.3. O ponto de vista dos onívoros.

Dentre o grupo de onívoros temos Edu, universitário que reside na Grande São Paulo, em uma cidade metropolitana do Estado paulistano. Atualmente mora com a mãe e uma irmã. Apesar de ser onívoro, Edu indica a vontade de torna-se vegetariano. Atribui a pressão social e o impacto financeiro o fato de ainda não ter adotado como hábito alimentar a não ingestão de carne.

Ao descrever seus hábitos alimentares ele ressalta ter uma alimentação bem típica adotada pelos brasileiros (Brasil, 2014), apesar de não considerar sua dieta rica e com grande variedade de alimentos. A alimentação de Edu também segue um padrão mais contemporâneo de consumo de produtos mais industrializados e *fast food* e com baixo consumo de produtos considerados mais saudáveis e naturais. Esse comportamento

alimentar é característico de sociedades industrializadas ocidentalizadas e em acessão econômica e do processo de globalização. Para Garcia (2003), nossa comensalidade atual se caracteriza pelo modelo de vida tipicamente urbano, em que há escassez de tempo para o preparo e consumo de alimentos; a presença cada vez maior de comida industrializada e ultraprocessada; a massiva propaganda de soluções rápidas de saciar a fome e a crescente individualização dos rituais alimentares, produziu uma transformação em nossa forma de nos relacionar com a comida.

Ao entendermos que, na atualidade, vivemos um processo de barateamento de produtos alimentícios⁴⁴ devido ao crescimento da indústria alimentícia, aliado ao processo industrial, a expansão uso do *marketing* tem gerado um processo de massificação do consumo de alimentos com alto teor de sal, de gordura e de açúcar, transformando os hábitos alimentares da sociedade ocidental (Moss, 2015).

A questão econômica também é apontada por Edu como um motivo para a manutenção da dieta onívora. Como descreve Pollan (2013), a indústria alimentícia adotou como soluções para lidar com o fenômeno do “estômago fixo”⁴⁵, o barateamento de produtos alimentícios. Essa realidade é percebida através do relato de Edu, ao destacar a questão econômica e midiática como um fator que trouxe impactos em suas escolhas alimentares:

“(...) a questão da mídia eu acho que influencia um pouco. Assim, por exemplo, esfiha do Habib's, é um marketing bem grande. Então, assim, a esfiha mais barata do Habib's é a de carne, né, a que todo mundo compra, que sempre tá na promoção. Então assim, se a pessoa tá com fome e não é uma pessoa, assim, questão social, né, se não é uma pessoa que tem muito dinheiro pra gastar, vai criar aquele hábito de comer, eu acho. De comer a

⁴⁴ Produto Alimentício é todo alimento derivado de matéria-prima alimentar ou de alimento *in natura*, e que é transformado através de processamento industrial, com uso de outras substâncias químicas permitidas, obtidas por processo tecnológico adequado. Em geral, esses produtos recebem adição de sódio, glicose e lipídios para prolongamento de sua duração ou acentuação de sabor. Recomendamos, para aprofundamento desta questão, a leitura de Moss (2015).

⁴⁵ O fenômeno apontado por economistas denominado de “estômago fixo” ou “demanda inelástica” refere-se a explicações sobre os motivos de entraves do crescimento da indústria alimentícia. A expansão do consumo de alimentos se esbarra no fator biológico de que há uma limitação da quantidade de alimentos que nós humanos conseguimos consumir. Ao contrário de outros produtos industriais, existe um limite natural para a quantidade de comida que as pessoas conseguem ingerir. Para expandir as vendas (e a lucratividade), a indústria alimentícia passou a ofertar porções maiores, além de baratear alimentos com alto teor de açúcar, gordura e sal (considerados de calorias pobres e que promovem grande satisfação), como recurso para driblar o “estômago fixo” (Pollan, 2013).

esfiha mais barata, de comer a esfiha de carne, que é a mais prática, né, pra eles fazerem. Creio eu.”

Em seu relato, Edu declara que evita em seu cotidiano, como hábito alimentar, a ingestão de carne. Apesar de viver em um ambiente em que é propagado o consumo de carne como algo necessário à alimentação diária, como no seus dizeres: “a minha irmã, por exemplo, é uma que defende que não dá pra viver sem carne”, Edu demonstra ter uma postura diferenciada quando comparado aos integrantes do seu núcleo familiar. Como podemos conferir no seguinte trecho de sua entrevista:

“E é muito raro eu colocar no prato um pedaço de carne em casa, mas em casa mesmo eu como o que, o máximo de carne é salsicha e hambúrguer se tiver, mas assim, eu não faço questão. Eu não peço pra comprar carne, eu não compro carne. Não sinto falta. A única coisa assim, animal mesmo, que eu acho que é difícil ficar sem é mais queijo mesmo.”

Apesar de não adotar a dieta vegetariana, Edu apresenta em seu discurso uma série de episódios relacionados ao não consumo de carne. Essas experiências demonstram um processo claro de escolhas alimentares, que marcaram sua trajetória alimentar. Sabemos que uma das principais questões no processo de escolhas alimentares é o sistema de crenças idiossincrático. Segundo Sobal, Bisogni e Devine (2006), uma das características desse sistema pessoal são os valores atribuídos a nossas escolhas. Para estes autores, os valores são construções dinâmicas, modificadas ao longo do tempo, que sofrem impacto de experiências emocionais e subjetivas. No caso de Edu, a escolha por manter a dieta onívora é permeada de aspectos conflituosos originários de seu sistema de crenças, como podemos ver no seguinte trecho:

“(...) eu não sei nem especificar exatamente o porquê, são vários porquês que se juntaram e fizeram eu deixar de comer grande parte das carnes. E sei lá, eu evito, e se eu como, eu sinto certo remorso, sei lá. Parece que eu sinto um **remorso** depois.”

Em sua história, é possível notarmos que os sentidos atribuídos a ingestão de alimentos de origem animal é permeado por experiências negativas e que impactaram no processo de suas escolhas alimentares. Para Vigotski (2009), o sentido refere-se ao entendimento que cada signo tem individualmente, composto por relações que dizem respeito a contexto de aplicação deste signos e as vivências afetivas individuais ligadas a ele. Logo, o sentido

relaciona-se com o fato de que a experiência individual é sempre mais complexa do que a generalização contida nos signos utilizados para compreensão do mundo.

Marina é servidora pública, residente na capital paulista. Mora com o companheiro e filhos. Adota a dieta onívora. Ao descrever seus hábitos alimentares ela relata ter uma alimentação baseada no consumo de alimentos industrializados. Assim como Edu, Marina descreve seus hábitos alimentares com alto consumo de *fast food* e com baixo consumo de produtos considerados mais saudáveis e naturais. Para ela a falta de tempo e o fácil acesso a esses produtos é um dos motivos para adoção de uma dieta hipercalórica:

“Falta de tempo, de ir pra cozinha, cozinhar, até pra sair pra comprar eu tenho essa dificuldade, também, entendeu, porque meus filhos trabalham, todo mundo trabalha, então não tem tempo. E quando a minha filha vai ao supermercado, é assim, tudo eu anoto ali aquela coisa básica e não me preocupo tanto com legumes e verduras e frutas. Acho que é totalmente errada a minha alimentação.”

Nos relatos de Marina não conseguimos associar eventos em que há um processo de escolha alimentar planejada e de forma dirigida. Esse aspecto pode ser explicado devido a normatização da dieta onívora e “naturalização” destes hábitos alimentares, aspecto este que não produziu um sistema de sentido pessoal identificável no caso de Marina. Podemos inferir que o seu estilo de dieta é constituído por significados socialmente compartilhados — todos eles convergem na concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea. Por significado, compreendemos o processo de compartilhamento de um sistema de referências conceituais de compressão da linguagem (Vigotski, 2009). No caso de Marina os mecanismos de significados socialmente compartilhados são as principais explicações de como se constitui a sua relação com a comida e a ausência de sentido pessoal por suas escolhas alimentares.

Uma das principais questões que impactam nos hábitos alimentares de Marina, é, segundo seu relato, o fato de ter sobrepeso. Hoje, a obesidade é considerada um caso de epidemia em saúde pública, e que vem crescendo em países em desenvolvimento. No Brasil, estima-se o excesso de peso acomete um em cada dois adultos e uma em cada três crianças brasileiras (Brasil, 2013; 2014). Segundo Pollan (2008), as populações que adotam a dieta ocidental (constituída por comida industrializada, carne, gordura, açúcar, sódio e grãos refinados)

estão mais suscetíveis à obesidade. Um aspecto interessante, que corrobora o modelo de consumo alimentar de nossa participante, é que a incidência de casos de obesidade tende a aumentar quando as pessoas passaram a cozinhar menos em casa (Pollan, 2008).

Talita é professora e psicóloga, reside na capital paulista. Atualmente, é onívora, mas há cerca de 4 anos atrás havia adotado a dieta vegetariana, retornando seu consumo de carne há um ano atrás. Talita não apresenta de forma detalhada em seu relato sobre seus hábitos alimentares, mas através do instrumento de coleta de dados sociodemográficos e culturais, notamos que sua rotina alimentar é bastante variada. Sua ênfase nos relatos é no consumo e em preferência por alimentos ricos em açúcar. Segundo Moss, a ingestão de açúcar nos proporciona o chamado “*bliss point*” (ou “ponto da felicidade”), que é uma satisfação proporcionada pela ingestão de alimentos, devido ao seu sabor e textura, geralmente obtidos em alimentos ricos em açúcares, gordura e sódio.

Quando investigamos sobre suas escolhas alimentares, observamos o impacto do sentido pessoal. Apesar de não explicitar os motivos por ter experimentado a dieta vegetariana (mas nos informa que devido a questões de saúde, retornou a dieta onívora), nossa participante Talita apresenta como sistema de crença uma visão positiva do seu período como vegetariana, como podemos identificar no trecho a seguir:

(...) eu adorava ficar sem comer carne porque eu achava que eu me alimentava mil vezes melhor. Então eu fazia legumes, eu fazia saladas, eu fazia outras coisas. E quando você come a carne, geralmente você comer o arroz, o feijão e a carne.”

Um das questões apontadas por nossa participante é que, a construção de nossos hábitos e preferências alimentares é permeada por aspectos afetivos e sociais, quando ela nos enfatiza que:

“(...) mas, às vezes tem os momentos em que a gente escolhe inconscientemente né. (...) Então eu acho que o hábito alimentar ele interfere em muitas coisas né. Ele tá relacionado com muitas coisas, principalmente com a maneira que a gente se sente. Então, por exemplo, todo mundo faz a promessa de ano de que vai emagrecer. E aí dependendo de como você se sente isso dá certo e você consegue organizar a sua alimentação e comer bem ou você se perde e você volta a antigos hábitos né. E eu acho que o... que essa questão de hábitos alimentares tem também uma questão que são as influências, sabe. (...) Então você tem isso e as vezes principalmente a mídia

te fazendo propaganda, você vai na casa de uma pessoa e tem aquela coisa diferente né.”

Podemos relacionar essa visão com o modelo explicativo de sentido subjetivo proposto por González Rey (2007a, 2007b). Para ele, o sentido é mais do que uma separação do conceito de significado. Ele abrange as questões simbólicas e emocionais, indo além do modelo desenvolvido por Vygotsky de relacioná-lo a aspectos intelectuais e afetivos. Para González Rey (2003), o sentido subjetivo é a base da construção da subjetividade humana, entendida aqui por um viés Histórico-Cultural, como um processo em construção de singularidade, de transformar aquilo que é universal em particular.

Ainda sobre as questões que impactam nas escolhas alimentares, Talita identifica outros aspectos que moldam nossos hábitos alimentares e não apenas as questões emocionais. Além da mídia (que também já foi destacado por outro participante onívoro), outro ponto interessante mencionado por ela é o acesso mais facilitado de profissionais especializados no campo nutricional. Talita também evidenciou o peso da família e das relações sociais na decisão dos hábitos alimentares, especialmente rememorado em suas experiências no período em que era vegetariana.

Vitória atualmente é servidora pública, residente com seu companheiro na capital paulista. Atualmente, é onívora (e se auto declara pescovegetariano), mas opta com consumo de produtos apenas crus, adotando esta dieta há aproximadamente 6 anos. Os crudívoros, segundo Slywitch (2010, 2015), buscam ingerir alimentos crus ou aquecidos no máximo até 42°C. O hábito de comer alimentos crus foi um ponto importante na história de Vitória. Sua base alimentar consiste na adoção do crudivorismo, e ingestão de peixe e ovos. Em seu relato, compreendemos que a busca por uma alimentação mais natural partiu de uma questão de saúde (tanto sua iniciativa de adoção do vegetarianismo, como o retorno a consumir carne e demais derivados animais). Em sua história, nossa participante Vitória descreve diversos momentos, desde a sua adolescência, em que a alimentação esteve associada a problemas de saúde (como alergias e intolerância a certos alimentos).

Sobre o impacto da dieta em sua vida, entendemos que o sentido atribuído à alimentação é permeada por aspectos emocionais e simbólicos (espirituais). Sua espiritualidade está

diretamente relacionada com a adoção e as crenças associadas à ingestão de alimentos, como observamos na seguinte declaração:

“(...) Primeiro eu acho que todas as fases da minha vida têm a ver com...todas as maneiras que eu estava vivendo, eu buscava depois uma alimentação que estivesse condizente com aquilo que eu vivia. Então num primeiro momento pode ter sido a saúde, eu buscava alguma coisa ligada à saúde. Depois minha religião mudou e eu busquei alguma coisa mais ligada àquela religião. Geralmente tinha a ver a saúde, alterava a minha maneira de pensar, alterava a alimentação. A alimentação alterava a minha saúde de novo, aí alterava a maneira de pensar e as religiões até que eu ia buscando.”

Quando buscamos compreender os sistemas religiosos, identificamos que em todos há orientações de tabus e consumo de alimentos (Carneiro, 2003). Notamos que no caso de Vitória, há uma internalização dos preceitos religiosos em consonância com sua construção subjetiva. Neste caso, empregando as formulações de González Rey (2003), o sentido aqui tem o papel de exprimir as diferentes formas da realidade em complexas unidades simbólico-emocionais, nas quais a história do sujeito e dos contextos sociais acarreta em momentos essenciais de sua constituição.

3.4. Como se constituem as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e ex-vegetarianos onívoros?

Com base nos relatos das entrevistas expostos acima, torna-se evidente que o processo das escolhas alimentares de vegetarianos e veganos se constituem a partir do mesmo processo (o que não significa de mesma maneira ou pelos mesmos motivos) das escolhas alimentares de pessoas onívoras. Independente do sistema alimentar assumido, todas as escolhas alimentares apresentam limiar em pontos de tangência no horizonte cultural de nossa sociedade, porém partem de posições (ideológicas) distintas.

Por exemplo, tanto vegetarianos, veganos e onívoros apontam que os “fatores socioeconômicos” afetaram ou influenciaram as suas escolhas alimentares. Em geral os vegetarianos e veganos adotaram uma postura ética de consumo consciente, na qual demonstram uma preocupação no processo de nossa cadeia produtiva no que se refere ao bem estar dos animais e as questões ambientais. Por outro lado, os onívoros também mencionam os “fatores socioeconômicos” como impeditivos da mudança de sua dieta —

seja alegando os custos de se manter uma dieta com restrição à proteína animal, seja pelo fato de serem “reféns” da concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea.

No que se refere ao “ambiente familiar” este pode tanto contribuir quanto atrapalhar na adoção da dieta seja ela vegetariana, vegana ou onívora. Nos relatos dos onívoros encontramos situações em que a família considerava impossível “viver sem carne” ou famílias em que os hábitos alimentares da concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea já estavam “naturalizados”. Mas a mesma situação também ocorre nas famílias de vegetarianos ou de veganos!

Também verificamos que não importa o sistema alimentar adotado pelos sujeitos que os *fast food* e alimentos industrializados são em sua maioria consumidos — seja por onívoros, veganos ou vegetarianos. E que todos sofrem pelos **impactos de suas escolhas alimentares**, mas estes impactos ocorrem de formas distintas. Veganos e vegetarianos sofrem com o estranhamento demonstrado pela família ou pelo círculo social. Onívoros sofrem com a obesidade ou excesso de açúcar — este último também é passível de ocorrer com vegetarianos ou veganos.

Assim como a questão espiritual, ou o processo de auto conhecimento, também não é exclusivo de vegetarianos ou veganos. O caso de Vitória, que adota a dieta onívora, é ilustrativo disso — pois apresenta relações com o caso de Fátima, vegetariana, que também atribui uma questão espiritual ou energética à adoção de seus hábitos alimentares.

A mídia também exerce influência nas escolhas alimentares, mas de formas distintas a partir da dieta adotada — porém, o simples fato de alguém ter contato com determinada mensagem midiática não significa que essa pessoa irá mudar seu estilo alimentar. Em geral a grande mídia divulga a concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea e ela atinge tanto vegetarianos, veganos e onívoros. Assim como a pequena mídia alternativa que levanta os ideais do vegetarianismo e do veganismo, sobretudo difundida pela internet — verificamos que onívoros tinham conhecimento dos preceitos éticos do vegetarianismo e veganismo, mas mesmo assim não haviam mudado as suas escolhas alimentares.

Quanto aos motivos para a adoção da dieta, a maioria relata ter optado pelo vegetarianismo ou veganismo por questões éticas. Mas, também, houve participantes que responderam ter

mudados seus hábitos alimentares devido a questões de saúde e ambientais, refletindo dados de pesquisas internacionais (Ruby, 2012; Slywitch, 2015). Porém, em nossas entrevistas captamos que os onívoros também podem se preocupar com as mesmas questões — sejam elas ambientais, éticas e de saúde —, mas que nem por isso adotaram outro estilo alimentar — ou adotaram por um tempo e depois voltaram a ser onívoros.

Em suma, podemos sustentar que todos os sistemas alimentares são construções culturais: ser vegetariano consiste em assumir culturalmente os valores do vegetarianismo — o mesmo ocorre, respectivamente, com o veganismo e com a dieta onívora. Apesar desses sistemas alimentares terem gênese em perspectivas ideológicas distintas, todas elas partem do mesmo horizonte cultural (só que em posições distintas) de nossa sociedade — e é desta maneira que as influências sociais estão relacionadas com a construção da subjetividade humana, sobretudo no que se refere à alimentação.

CAPÍTULO 4 – REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE IDEOLOGIAS E ESCOLHAS ALIMENTARES DE VEGETARIANOS, VEGANOS E ONÍVOROS: UMA LEITURA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

“Enquanto houver matadouros, haverá campos de guerra”.

Leon Tolstoi

A alimentação é um ato inerente à sobrevivência humana. Todos os seres necessitam ingerir alimentos para permanecerem vivos e manterem seu bem estar. Entretanto, nós, seres humanos não só nos alimentamos. Nós comemos. E esse ato nos torna distinto pela maneira como usamos os alimentos para além das necessidades biológicas (Kittler, Sucher, & Nelms, 2012). No ato de comer, atualizamos não só a nossa relação com o mundo natural, mas refletimos nossa identidade, através de prazeres individuais, da conexão com a família, com a comunidade, com a espiritualidade, com as regras e os valores sociais e com a nossa cultura (Pollan, 2013).

Partindo das premissas acima, neste capítulo, abordaremos como a alimentação faz parte da cultura humana e como esta também é modificada pelas transformações sociais ocorridas ao longo do tempo, já que a cultura, em um sentido mais amplo, molda a seleção alimentar, impondo as normas que prescrevem, proíbem ou permitem o que comemos (Canesqui & Garcia, 2005). O ponto central de nossas considerações consiste na reflexão da relação existente entre as questões políticas e ideológicas com as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros. Para tanto, nossas análises recairão sobre os relatos dos entrevistados já mencionados no capítulo anterior.

Canesqui & Garcia (2005) sustentam que a cultura, em nosso sistema alimentar, recebeu um papel importante: cabe a ela definir o que é ou não comida, prescrever o que é adequado ou não (permissões e interdições alimentares), moldar o gosto, os modos de consumir e a nossa própria comensalidade. Logo, nossas escolhas do que comer são permeadas por uma dada cultura alimentar e devem ser analisadas levando-se em conta componentes da própria cultura. O contexto social e cultural — a partir de uma ideologia — reflete diretamente em

nossas escolhas alimentares não apenas no que se refere ao que comemos, mas como comemos. O relato de Livia nos revela isso:

“(...) uma amiga que eu conheço há muitas décadas e ela viajou para visitar os parentes e ela voltou agora em janeiro, e ela disse: ‘Ah, foram me receber lá na minha cidade e mataram um porco, mataram não sei quantas galinhas’. E ela não conseguiu comer nada, e aqui em São Paulo ela come, porque ela compra tudo pacote já pronto, aquele pacote de comida já pronta, feita com desenho, aqui em São Paulo ela come, mas chegou lá no interior da cidade onde ela mora, mataram e ela se sentiu muito mal com isso, ela viu o porco, viu as galinhas, ela não conseguiu comer, passou lá comendo arroz, feijão com ovo o tempo que ela ficou lá, é interessante isso, né, como uma mudança de perspectiva, da visão, a pessoa acaba não, trocando o hábito alimentar, achei super interessante isso.” (Livia, vegana).

A passagem acima ilustra uma característica ideológica presente em nossa sociedade urbanizada e industrializada: a carne animal é comprada de maneira descontextualizada de sua cadeia produtiva, os traços de violência dirigidas aos animais, assim como a morte, são camuflados em embalagens plásticas, de alumínio ou papelão (Singer, 2010).

Para Montanari (2013), a base de nosso sistema alimentar não se define em termos de “naturalidade”, mas como processos culturais que preveem a domesticação, a transformação e a reinterpretação da natureza. Portanto, para este autor, a comida se torna cultura: a) quando é produzida; b) quando é preparada e c) quando é digerida. Podemos perceber que nesse processo, há uma cadeia que inicia-se antes mesmo de chegar aos nossos pratos.

Apesar da dieta onívora ser considerado o “padrão” alimentar da sociedade ocidental, nossa construção de hábitos, assim como dos gostos e de preferências, como nos lembra Rozin e colaboradores (2008; 2009), é sim determinada socialmente. Além disso, Devine et al. (1998) ressaltam que o contexto deve também ser entendido a partir de sua esfera mais intimista, que operam as forças mais subjetivas, como os papéis sociais que desempenhamos e a internalização de crenças e hábitos que nos são passados pelos nossos grupos sociais. Podemos captar isso em diversas passagens de nossos entrevistados:

“Por falta de tempo, assim, é o que tem, assim... Por exemplo, eu estudo de manhã, trabalho à tarde à noite eu chego em casa, pego uma lasanha no freezer, esquento e como, sabe assim, é bem... Hoje não, eu vou ligar, vou pedir pizza. Vou e peço pizza. Ah, vou comer esfirra. Então totalmente... A

minha alimentação é bem... (...) Ai... ruim. Porque eu sou obesa, né, e devido a essa alimentação totalmente errada, né, já fui orientada por isso, pra que eu não... que eu tenho que fazer uma reeducação alimentar, mas eu não consigo, eu adoro fast food, acho que, assim, a praticidade.” (Marina, onívora)

“Olha, inclusive pra mim é difícil porque acho que eu sou a única pessoa que não come carne e procura comer coisas saudáveis. Que na minha família sempre é pizza, bolo, minha mãe trabalha com bife, sempre tá fazendo alimentos tentadores, né? Uma tentação menor que eu passo, amigos também, de vez em quando eu vou sair pra um shopping, alguma coisa, é difícil a escolha da alimentação, mas como é alimento, seria...” (Diego, vegetariano, ex-vegano)

“Meu marido ele é carnívoro, meus pais são carnívoros, meu pai é muito carnívoro, demais, daquele tipo que ama bife e que não pode viver sem bife. Minha família toda é carnívora. Inclusive, quem começou a falar de vegetarianismo pra mim foi a minha prima que: ‘Eu não vou comer mais salsicha. Olha como foi feita a salsicha’. Ai eu fui olhei a salsicha, como foi feita a salsicha, quase morri. E ela continuou comendo salsicha. Ta lá comendo carne até hoje né. Não sei como que ela consegue.” (Sonia, vegetariana).

Aqui notamos claramente que os hábitos alimentares são resultados de uma cadeia de significados construídos socialmente, evidenciando nossa premissa inicial de que a alimentação humana não é um processo puramente biológico, mas sim dotado de simbolismos. Como ressaltam Canesqui e Garcia (2005), analisar as práticas alimentares cotidianas não se restringe aos alimentos em si mesmos, mas também em entender o conjunto de valores, normas, crenças e significados que acompanham o consumo alimentar e a própria alimentação, sempre carregados culturalmente. Estar imerso em uma determinada cultura alimentar inevitavelmente é estar ligado à uma ideologia (conscientemente ou inconscientemente), ideologia essa que causa “estranhamento” em relação a hábitos alimentares ancorados em ideologias distintas. A passagem de Talita é reveladora deste fenômeno:

“Antes de eu ficar vegetariana, eu achava estranho ter pessoas que não comiam carne. Então eu trabalhava com uma amiga que ela era vegetariana desde os quinze anos de idade. Então ela já tinha mais de quinze anos que ela não comia carne e quando a gente saía, a gente ia escolher coisas que não tivessem carne. Ai eu achava estranho aquilo. Eu ficava olhando e falava: ‘Nossa né. Por que será que uma pessoa fica sem comer carne né? E como é que isso acontece?’” (Talita, onívora ex-vegetariana).

O ato de comer nos remete a uma complexa relação que temos com a cultura, um conceito que muitas vezes é entendido com um produto coletivo e historicamente situado, constituído por crenças, valores, percepções, símbolos e outros artefatos humanamente criados, transmitidos a gerações através da linguagem e de outros meio. Nesse sentido, a cultura é uma combinação de significados e tradições, produtos da ação humana (Misra & Gergen, 1993). Isso vai em direção aos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, que enfatiza o fato do desenvolvimento e o funcionamento psicológico especificamente humanos serem processos que se constituem na história e na cultura, em processos de significação e através da “internalização” de relações sociais. Em algumas passagens das entrevistas realizadas podemos captar isso:

“(...) eu acho, assim, eu tento não ser levado muito, assim, pela ideia dos outros, né, tipo, não ser muito influenciado por questão de família, porque se fosse for eles eu comeria carne, assim, sempre que tem. E é muito raro eu colocar no prato um pedaço de carne em casa, mas em casa mesmo eu como o que, o máximo de carne é salsicha e hambúrguer se tiver, mas assim, eu não faço questão. Eu não peço pra comprar carne, eu não compro carne. Não sinto falta. A única coisa assim, animal mesmo, que eu acho que é difícil ficar sem é mais queijo mesmo. Eu acostumei a comer coisa de queijo, muitos anos.” (Edu, onívoro)

“Tem coisas que interferem né. O principal eu acho que é o marketing né. Que fica tentando te falar ‘coma isso’, ‘consume tal coisa’ né. Eu acho que eu fiz um tratamento já com a nutricionista e isso pra mim foi importante porque orientou as escolhas né.” (Talita, onívora ex-vegetariana)

“Tá tudo muito fácil, né, o acesso, pra comprar, pra, eu acho que é a facilidade, a praticidade também, que muita gente, muitas mulheres principalmente, trabalham fora, né, aí chegam, muito mais fácil, produtos congelados, você compra aí no freezer, vai lá tira, coloca no microondas, come, acho que a praticidade e a facilidade a ter acesso a esses alimentos.” (Marina, onívora)

Edu menciona que apesar dele ter preferências alimentares distintas de sua família, mesmo assim as escolhas alimentares de seus familiares influenciam em sua dieta. Talita aponta a influência da mídia e do marketing em suas escolhas alimentares. Marina menciona como as condições cotidianas favorecem o consumo de alimentos industrializados e processados que são mais práticos de serem consumidos, mas menos saudáveis. Acerca disso Garcia (2003) afirma que o comportamento alimentar é complexo, incluindo determinantes externos e internos ao sujeito e às mudanças no padrão alimentar devem ser entendidas por seus

aspectos objetivos e subjetivos. Em algumas passagens captamos essa complexidade mencionada por Garcia (2003), sobretudo nos momentos de mudanças de hábitos alimentares ou expressões de desejos de mudanças de dietas que alguns entrevistados mencionaram:

“Deixei de ser vegano porque eu gosto de queijo, eu gosto de ter algum... Porque é mais difícil também, ser vegano, cê tem que comprar mais alimentos, tem que pesquisar mais alimentos pra substituir mais pra sua alimentação ser mais rica, né, assim, porque é difícil ser vegano, né. A maior parte dos alimentos tem leite, te ovos, então acho que por o vegetarianismo ser uma forma mais fácil de viver, assim, de lidar.” (Diego, vegetariano, ex-vegano).

“Apesar de minha alimentação ser sem carne, ainda sou ovolactovegetariana, porém a caminho do veganismo. Pretendo me tornar vegana e consumir a menor quantidade de industrializados possível. E comer mais frutas...O que impede isso é o meu contexto de vida atual, que torna impraticável essa mudança, mesmo já fazendo pequenas mudanças e falta de incentivo do meu meio”. (Fatima, vegetariana).

A constituição do homem é mediada socialmente: o homem, imerso em uma cultura, interage porque é produtor e intérprete de uma linguagem e assim se constitui enquanto ser social (Vigotski, 1994, 2000, 2007, 2009, 2013). As práticas culturais são constitutivas do comportamento humano — a maturação biológica é um fator preliminar, por isso não é negada, mas a formação dos homens depende em grande medida da interação social. O desenvolvimento do psiquismo é sempre mediado socialmente pelo “outro”, pelos signos e instrumentos. Com base nestas premissas teóricas é possível afirmar que nossas opções alimentares são definidas pelas ideias, por uma ideologia. E é por isso que nos parágrafos seguintes iremos abordar sobre as ideologias por trás das dietas vegetarianas e veganas.

Vimos que o vegetarianismo, além de uma dieta, é um estilo de vida que consiste na exclusão da alimentação de todos os tipos de proteína de origem animal e seus derivados (outros alimentos de origem animal como ovo ou leite). Ser vegetariano implica no princípio de não comer produtos que envolvam a morte de qualquer ser (Slywitch, 2010).

O veganismo, assim como o vegetarianismo, também não é apenas um sistema alimentar, mas um estilo de vida, que estabelece uma profunda conduta ética de respeito à vida nas práticas de consumo, seja alimentar, seja no consumo dos demais produtos. Nunes (2010)

afirma que as bases teóricas que subsidiam o discurso dos veganos partem do pressuposto de que os animais são capazes de sofrer ou sentir prazer e felicidade e, portanto, não deveriam ser alvos de mortes e explorações por parte dos humanos. O veganismo e o vegetarianismo têm as bases filosóficas em obras como *Libertação animal*, de Peter Singer (2010).

Esses ideais ético e morais foram encontrados nas falas de nossos entrevistados:

“Pra ser sincera, acho que cada um tem que fazer o que tem vontade de fazer. Mas o mundo tem gente demais, consumindo comida demais e infelizmente a maioria das pessoas não faz a mínima ideia de como a nossa alimentação atinge o planeta.

Então eu acho que as pessoas estão desinformadas e não é culpa só delas. É culpa da cultura, e principalmente, culpa da indústria que esconde o máximo que pode o quão devastadas estão nossas florestas. O mundo hoje é muito diferente do mundo na época dos nossos avós, então nossa geração precisa correr atrás das informações.” (Isadora, vegana).

“(…) não é apenas uma mudança de dieta, a escolha é política. Se você escolhe não consumir um alimento ou um produto que é produzido sem crueldade você se opõe a esse sistema; se cada vez mais pessoas fizerem isso haverá uma interferência na dinâmica do consumo, as empresas terão de buscar alternativas. De modo direto você percebe a melhora na saúde mesmo num curto prazo de mudança pra dieta vegetariana, no meu caso, o corpo responde, mas vai muito além da fisiologia. Saber que eu estou colocando um alimento sem crueldade no meu prato ou um alimento que não participa de um sistema de exploração ou que é produzido em uma dinâmica de respeito ao meio ambiente impacta diretamente em minha vida. É um ciclo, a produção e o consumo conscientes tem impacto direto no meio ambiente. Menos consumo de carne, menos gasto de água potável, menos áreas de pasto. Mais consumo de pequenos produtores, menos consumo de grandes cadeias, menos agrotóxicos, menos doenças.” (Melissa, vegetariana)

“Ser vegetariana significa ta conectada mais à natureza, aos animais, a ter esse respeito pela vida alheia, porque o ser humano ele é um animal como qualquer outro. A gente não tem o direito de aprisionar um animal só pra nossa alimentação e depois matar ele de um jeito tão cruel pra nossa alimentação.” (Sonia, vegetariana).

Embora haja um ideal ético e moral por trás das escolhas alimentares de vegetarianos e veganos, isso não significa que todos eles adotem uma postura politizada:

“Procuro informar as pessoas próximas (em conversas, pelas redes sociais, em palestras, etc) a respeito do veganismo e do respeito a outras vidas e seu impacto na alimentação delas. Mas procuro não impor meu ponto de vista, pois cada um tem o seu tempo (apesar de que os animais não têm esse tempo

todo de espera, pois estão morrendo diariamente!). Eu também já fui alguém que comia carne. Só não tinha sido tocado pelo conhecimento a respeito do que ele sofrem.” (Eric, vegano).

“Não [me] considero [politizada], embora as pessoas assim me rotulem. Não consigo associar ainda a alimentação com postura política. Não consigo argumentar sobre direito dos animais, dentre outras questões ecológicas que comer carne impacta; embora as reconheça (...) Assisti a um filme (Cowspiracy) que associa o consumo da carne a falta de água no planeta, ou a pecuária ao desmatamento, mas são informações relativamente novas para mim, não consigo argumentar sobre isso com convicção ainda”. (Fatima, vegetariana)

“Não me incomodo com a escolha de ninguém, cada um é livre para comer o que acha melhor. Fiz minha escolha, não me acho melhor nem pior que ninguém, nunca tentei impor minha opção, nunca tentei induzir alguém a ser vegetariano, nunca fui de ficar anunciando minha escolha nem fazendo discursos sobre o assunto. (...) É meu caso. Penso que é uma alimentação mais saudável, menos cruel e ambientalmente mais sustentável.” (Leticia, vegetariana).

Inclusive, um dos entrevistados que adota a dieta vegetariana desabafa do excesso de “militância” de alguns vegetarianos ou veganos:

“É... a fase que todos estão errados e a sua alimentação é que é a certa, né?...eu já desencanei disso.... é... no caso... assim... eu tenho... na minha opinião (...) para mim não existe essa divisão entre vegetarianos ou veganos e onívoros. Pra mim, já começa errado aí. (...) por outro lado, muitos outros veganos que conheci depois não deram, não aconteceu a mesma motivação que outrora acontecera (...) não a alimentação vegana para mim não é extrema, mas as pessoas, muita pessoas veganas são... aí eu comecei a me sentir mal” (Lucas, vegetariano).

Nos casos citados acima é possível perceber a evidente ligação dos ideais do vegetarianismo e veganismo com as escolhas alimentares dos indivíduos. Mas isso não significa que as pessoas que adotam a dieta onívora não partilhem desses ideais morais e éticos em relação à vida dos animais e às questões ecológicas, como no caso de Vitória:

“Eu como basicamente sardinha em lata, porque dizem que é bem saudável, a nutricionista falou que é bem saudável, e o ovo. Ela falou que eu não preciso comer carne, graças a Deus, porque me arrepiava a ideia de comer um animal que sofra tanto assim, que tem o mesmo tipo de dor que a gente tem. O peixe, por mais que seja horrível, a gente tira ele da água e ele fica com falta de ar, não deve ser nada agradável, mas pelo menos eu acho que não tem esse fator dor física que a gente sente e não submete o ser humano a torturar outro ser na hora em que ele só tira da água, enquanto que o boi submete o ser humano a estar banalizando aquele sofrimento, banalizando

aquela dor. Com os ovos o problema é sustentar a granja, que a gente sabe que também maltrata, talvez não tanto se for ovo caipira, mas às vezes eu não acho e compro ovo de granja mesmo, aí você tem todo o sofrimento dos animais, todo o cárcere, o bico quebrado dos pintinhos, é uma coisa horrível, mas eu não vejo outra solução para esse meu corpo. Eu acho que o meu corpo é muito grosseiro, ele não consegue processar os vegetais e absorver esses nutrientes. Então eu acabo comendo de novo peixe e ovo, e o resto da alimentação continua sendo crudívora. (...) eu adoraria tirar o peixe e o ovo da minha alimentação, para não submeter nenhum animal a morte e a sofrimento. O que impede é porque eu acho que o meu corpo necessita desses nutrientes e não consigo achar esses nutrientes no reino vegetal, pelo menos nas tentativas que eu fiz.” (Vitória, onívora, ex-vegetariana crudívora).

A passagem acima é ilustrativa do quanto não podemos reduzir as escolhas alimentares à ideologia das pessoas, mesmo porque o processo de escolhas alimentares abrange grande leque de variáveis que culminam numa complexidade de situações particulares na trajetória de vida de cada um. De fato, as escolhas alimentares derivam de um processo pelo qual os gostos alimentares são internalizados como preferências pessoais (Kittler et al., 2012). Entre os nossos entrevistados notamos que não é raro a mudança de dieta alimentar ao longo da vida.

Qual o impacto das questões políticas e ideológicas nas escolhas alimentares na vida dos entrevistados? Em linhas gerais há um ponto de convergência entre vegetarianos e veganos, que muitas vezes sofrem críticas de familiares ou do círculo social:

“Então eu acho que você sempre sente essas interferências assim. Tanto do ponto de vista social mesmo. Então, por exemplo, **quando eu era vegetariana** e me chamavam e falavam assim: Vamos, vai ter um churrasco. Aí eu falava: Ai. E agora? Eu vou lá no churrasco vou fazer o que? Aí eu pensava: Não. Eu vou tirar de letra. Eu vou e como uma salada e como outras coisas né.” (Talita, onívora ex-vegetariana)

“Quando eu não comia carne a minha família achava que eu tava doida. Eu fiquei três anos como vegetariana e a minha família achava que eu tinha ficado maluca e aí quando eu... Qualquer questão assim... O meu hábito de não comer carne era uma piada dentro da família. Então qualquer coisa que acontecia o meu irmão falava assim: ‘Olha, sabe o que eu acho? Que essa questão você vai resolver se você comer um bife. Vamos ali que tem um bife mal passado ou bem passado’. A questão que a gente tava falando antes não tinha nenhuma relação com isso. Então a gente tava conversando que eu cheguei atrasada no serviço ou de algum problema que eu estivesse enfrentando ou conversando de um filme que eu tava querendo assistir na TV. Sabe assim um assunto trivial, meu irmão virava e falava assim: ‘Olha eu acho que só se você comer um bife que a gente resolve’. Então tinha uma

piada sempre assim dentro da minha família em relação a eu não comer carne né.” (Talita, onívora ex-vegetariana).

“Como uma pessoa chata né. Chata, fresca, difícil de comer. Aí eles falam: ‘E se você for na casa dos outros como você vai ficar escolhendo o que comer, os outros vão te dar carne e o que você vai fazer?’ Que nem minha sogra. Minha sogra respeita meus hábitos, mas quando eu comecei a ir lá eles falavam ‘Você vai ficar rejeitando a comida da sua sogra?’ Eles me enxergam como uma pessoa muito chata. Chata, birrenta sabe. Que quer ficar escolhendo o que comer, fresca assim, sabe? ‘O mundo é só meu’. Eles me enxergam assim. (...) As pessoas veem as gente diferente. As pessoas veem a gente como um ET. Aí, por exemplo... ‘Você vai comer o que?’ ‘Vou comer salada’. ‘Mas você não vai comer nenhum carne?’. ‘Não. Sou vegetariana’. ‘Nossa! Por quê? Nossa, mas você ta perdendo...’. Aí começa: ‘Você tá perdendo o melhor da vida, esse bicho já morreu mesmo’. Aí começam as piadinhas. Eles veem a gente muito como um ET assim. Tipo ‘Você tá perdendo o melhor da vida que é carne’. As pessoas enxergam a gente muito diferente.” (Sonia, vegetariana).

“Desde que me tornei vegetariana tenho enfrentado críticas de família e amigos. Não tem como mudar de ideologia e regime sem pesquisa e depois de abrir os olhos para a relação intrínseca entre alimentação e problemas de saúde sempre observo como, de modo geral, não cuidamos da nossa alimentação, não tomamos medidas preventivas. Em casa minha família acaba consumindo um pouco dos alimentos que preparo pra mim, pois sempre faço a mais justamente para que provem e percebam que a alimentação sem carne é possível, saudável e gostosa. Sempre tem piadas e questionamentos, percebo que além da preocupação com minha saúde, por causa de uma crença de que a carne tem todos os nutrientes que o corpo precisa e que o resto é complemento, há uma implicância e uma auto-defesa porque as pessoas sabem que a indústria é cruel, elas sabem que consumir mais frutas, verduras e legumes é mais saudável, então elas se sentem atacadas em suas escolhas pessoais.” (Melissa, vegetariana)

“(...) eu posso dizer que a minha família achou desagradável, é um incomodo, é um desagrado, é uma afronta, tudo isso daí, né, e eu, como eu sou assim, tenho minha personalidade e autoestima no lugar, então no começo, bem no comecinho assim, por exemplo no primeiro natal fiquei incomodada (...) hoje vivo do meu jeito, faço natal, natal mesmo faz muitos anos que eu faço só com meus amigos, me afasto da minha família completamente e me sinto muito bem, porque eu já tentei passar o primeiro natal com eles e foi muito desagradável passar com animais à mesa, não consegue ter uma vez por ano uma alimentação que não é de carne, então não quero saber, pra mim não é meu estilo de vida e não me sinto bem com isso, então pra minha família eu acho, acredito que até hoje é bem desagradável, mas eu não me incomodo, o problema é deles, não é meu.” (Livia, vegana).

“(...) ah eles [outras pessoas] não gostam, não gostam, porque eles falam assim: ‘Ah mas você comia tudo isso quando era pequena, porque depois do nada você mudou sua alimentação, seus hábitos? O quê isso te influenciou em alguma coisa’. Porque eles falam: ‘Ah, eu como, eu como mais que você e tenho uma saúde melhor que você, por que você não volta a comer carne novamente?’” (Keila, vegetariana).

As passagens acima ilustram bem os impactos das questões políticas e ideológicas nas escolhas alimentares dos entrevistados. Mesmo que a alimentação seja uma construção cultural, a maioria das pessoas a aborda numa leitura naturalizante, universalizante e a-histórica, e isso ganha forma na concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea. É em função disso que a maioria das pessoas estranham as dietas vegetarianas e veganas, muitas vezes agindo com intolerância ou deselegância em relação aos adeptos destas dietas.

Além disso, é importante salientar que assim como os efeitos na socialização, o ato de escolher determinados alimentos e cozinhar influenciou todo um sistema simbólico, através de uma gama de ritualizações e cerimonialidade, principalmente no campo espiritual-religioso. Como afirmam Canesqui e Garcia (2005), muitas crenças alimentares reportavam-se ao sistema religioso, trazendo significativas mudanças na organização social, econômica e cultural de grupos humanos. Mesmo porque usamos os alimentos para além das necessidades biológicas (Kittler, Sucher, & Nelms, 2012). Um exemplo de alimentação relacionada à questões religiosas é o caso de Vitoria:

“Na mesma época também comecei a ler livro espírita e me identifiquei com o fato de eles não consumirem animais. Não que o espírita não consuma, mas nos livros falavam que era o ideal você só consumir vegetais. Mas eu tinha uma preocupação com os nutrientes, então fiquei assim... Eu sabia que meus problemas físicos tinham relação com a alimentação, eu achava que comer animais era uma coisa horrível, isso veio assim de adulta, mas tinha essa preocupação com os nutrientes. Aí resolvi abrir mão dos animais, mas fiquei com o leite e fiquei com o ovo por causa dos nutrientes.

(...)

Nesse meio tempo eu era católica, depois fiquei espírita, fiquei espírita uns cinco anos, e nos dois últimos anos estou fazendo meditação, então estou mais budista. Gosto muito do budismo, estou indo mais para essa linha de pensamento espiritual também.” (Vitoria, onívora, ex-vegetariana crudívora).

Por fim, é importante salientar que a comida também se torna cultura no momento que sua escolha é um mecanismo de expressão de identidade. A definição do gosto faz parte do patrimônio cultural das sociedades humanas (Montanari, 2013). Entretanto, cultura não é somente uma criação de artefatos, mas um reflexo da experiência humana, ou seja, a cultura é um campo dinâmico (Valsiner, 2012). A cultura pode ser pensada como um conjunto de processos que organiza a experiência humana, tanto no âmbito interpsicológico quanto no âmbito intrapsicológico (Valsiner, 2012). As experiências humanas, inclusive àquelas

relacionadas com a comida, são um processo de como as pessoas criam, mantêm e transformam conhecimento que pertence à cognição individual em conhecimento sociocultural (Lordelo, 2011). Desse modo, produzir, preparar e digerir os alimentos não se resume apenas à uma necessidade de ordem biológica, mesmo porque estes atos também são ações culturais.

Finalizando, muitas pessoas consideram a alimentação apenas na perspectiva da necessidade biológica de sobrevivência dos seres humanos, mas acabam se esquecendo de suas dimensões sociais. O intuito de analisarmos alguns trechos de relatos de nossos entrevistados teve como objetivo refletir sobre a relação existente entre as questões políticas e ideológicas com as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese de doutorado abordamos as questões subjetivas, culturais e políticas/ideológicas que constituem as escolhas alimentares pelas dietas onívora, vegetariana e vegana a partir dos pressupostos teóricos da Psicologia Histórico-Cultural.⁴⁶

Por esta razão, nossa principal questão de pesquisa consistiu na explicação de como se constituem as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros. Ao longo do desenvolvimento de nossas análises e reflexões foi possível confirmar nossa premissa inicial, ou seja, o processo das escolhas alimentares de vegetarianos e veganos se constituem no mesmo limiar e âmbito das escolhas alimentares de pessoas onívoras —todas essas dietas são construções sociais alicerçadas no horizonte cultural de uma sociedade específica, só que em pontos distintos⁴⁷; nesse sentido o ato de comer é repleto de simbologias e significados que são moldados culturalmente.

Em contrapartida, como observamos, isso não significa que as motivações das escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros sejam as mesmas. Mesmo porque em âmbito individual e na perspectiva subjetiva das escolhas cotidianas dos sujeitos pesquisados observamos uma diversidade no que se refere à maneira como cada estilo alimentar ganha concretude ou se manifesta — pois cada “dieta” ou “sistema alimentar” apresenta determinadas especificidades imanentes no processo pela qual se revelam na realidade social.

A tese da alimentação humana como uma construção social⁴⁸ é sustentada pelos pressupostos teóricos desenvolvidos por Vigotski (1994, 2007, 2009, 2013), nesta perspectiva o indivíduo se desenvolve a partir de sua relação com o mundo social e cultural. As formas que assumimos como identidades e personalidades se constroem a partir de possibilidades históricas, na qual a sociedade, construída por nós, nos dá os limites e as possibilidades de

⁴⁶ Esta tese é uma exemplo da aplicabilidade do modelo teórico da Psicologia Histórico-Cultural em pesquisas que visem compreender as influências sociais na construção da subjetividade humana — em nosso caso específico apresentamos a alimentação no bojo de nossas considerações.

⁴⁷ Como vimos anteriormente, todos os sistemas alimentares são construções culturais: ser onívoro consiste em assumir culturalmente os valores do sistema alimentar onívoro; o mesmo ocorre, respectivamente, com o vegetarianismo e com o veganismo.

⁴⁸ Em detrimento de uma concepção estrita ao viés biológico e que pressupõe naturalidade à dieta onívora.

ser. Desse modo, o ato de comer é “universal” no sentido de prover uma necessidade de ordem biológica e garantir a sobrevivência humana, mas a maneira como este ato se configura sempre se traduz nos valores de uma determinada cultura.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho fica claro que mesmo que a alimentação seja uma construção cultural, paradoxalmente o senso comum a aborda numa leitura naturalizante, universalizante e a-histórica, aglutinando-se num emaranhado de significados que se manifestam em uma concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea. Essa própria ideologia dominante que naturaliza a dieta onívora é uma evidência — assim como o vegetarianismo e o veganismo — de que o ato de comer vai além de saciar nossas necessidades fisiológicas,⁴⁹ mas está no bojo de um processo permeado por significados compartilhados socialmente e sentidos subjetivos construídos na experiência concreta da existência humana.

Nesse sentido, produzir, preparar e digerir os alimentos não se resume apenas à uma necessidade de ordem biológica, mesmo porque estes atos também são ações culturais. Além disso, nós, humanos, enquanto seres biológicos e sociais, membros de uma sociedade e participantes de um processo histórico (Vigotski, 1994, 2007, 2009, 2013), não possuímos uma dieta “natural”, mas sim uma dieta construída culturalmente. É por esta razão que os sistemas alimentares (onivorismo, o vegetarianismo e o veganismo) não se limitam à esfera da necessidade biológica, mas estão intimamente relacionados à cultura humana.

Foi possível identificar, através de nossos estudos empíricos, o alcance do aporte da Psicologia Histórico-Cultural para compreender os fenômenos da alimentação humana.⁵⁰ Porém, a Psicologia ainda carece de maiores aprofundamentos sobre a questão da construção social de nossas escolhas e preferências alimentares. Esse fato é evidenciado em nosso primeiro estudo empírico, no qual foi possível constatar que na Psicologia os estudos sobre hábitos, preferências e escolhas alimentares prevalecem abordagens sobre aspectos nutricionais e psicopatológicos, abstraindo das pesquisas o fator sociocultural relacionado à comida. Identificamos essa tendência especialmente quando nos direcionamos à produção

⁴⁹ Em termos biológicos os seres humanos são onívoros, mas é a cultura que define quais alimentos são comestíveis, como são preparados e como são consumidos. Por esta razão a dieta onívora não é a única adotada pelos seres humanos.

⁵⁰ As compreensões teóricas, originalmente formuladas por Vigotski (e expandida por demais pesquisadores da área), foram relevantes para o entendimento dos processos de tomada de decisão para as escolhas alimentares, especialmente de vegetarianos e veganos.

acadêmica nacional. Podemos resumir que nosso levantamento bibliográfico nos permitiu apreender uma lacuna em termos de interesse acadêmico pelas questões correspondentes ao vegetarianismo e ao veganismo em vista do baixo número de pesquisas que utilizam esses termos relacionados.⁵¹

Em nosso estudo empírico foi possível entender como se constituem as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros. Como já mencionado, o processo das escolhas alimentares de vegetarianos e veganos se constituem a partir do mesmo processo (o que não significa nas mesmas condições, maneiras ou pelos mesmos motivos) das escolhas alimentares de pessoas onívoras. Todas as escolhas alimentares, independentemente do sistema alimentar assumido, apresentam origem no mesmo horizonte cultural (que é o da nossa sociedade) — embora partam de posições ideológicas distintas.

Os fatores socioeconômicos afetam ou influenciam as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros, mas de maneiras distintas. Em geral, para os onívoros estes fatores se demonstram como impeditivos da mudança de sua dieta.⁵² Em contrapartida, os vegetarianos e veganos mencionam a ética de consumo consciente como principal razão de suas escolhas alimentares — uma grande preocupação no que se refere aos impactos de nossa cadeia produtiva em relação ao bem estar dos animais e as questões ambientais.

Vimos que a família pode tanto ajudar quanto atrapalhar na adoção das dietas — seja ela vegetariana, vegana ou onívora. Nos relatos dos onívoros encontramos situações em que a família via impossibilidade de se viver sem proteína de origem animal, na qual impera a concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea. Mas o mesmo ocorre nas famílias de vegetarianos ou de veganos e isso não os impedia de adotarem seus estilos alimentares.

Foi possível constatar que os alimentos industrializados e *fast food* são consumidos pela maioria dos indivíduos, não importa se são onívoros, veganos ou vegetarianos. Além disso, independentemente das escolhas alimentares, todos sofrem pelos impactos de suas escolhas alimentares — embora estes impactos ocorram de formas distintas. Veganos e vegetarianos

⁵¹ Apenas um artigo abordou o vegetarianismo e o veganismo como temática investigada no campo psicológico, reforçando a premissa de que pesquisas sobre a adoção de diferentes tipos de dieta ainda precisa ser melhor explorado no campo acadêmico, e em especial na ciência psicológica.

⁵² Nossos entrevistados mencionaram os custos de uma dieta com restrição à proteína animal, ou as condições que derivam da concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea.

sofrem com a intolerância ideológica presente na família ou no círculo social; onívoros, por outro lado, sofrem com a obesidade ou excesso de açúcar — embora este problema também atinja vegetarianos ou veganos em menor medida. Além disso, a questão espiritual, ou o processo de autoconhecimento, não é exclusivo de vegetarianos ou veganos, pois também é um elemento presente nas escolhas alimentares de onívoros.

Observamos que a mídia atinge a todos os indivíduos independentemente da dieta adotada, mas as influências nas escolhas alimentares ocorrem de formas distintas e deveras complexas. O contato com específica mensagem midiática não é determinante do estilo alimentar escolhido pelos indivíduos. Por exemplo, a grande mídia propaga os valores da concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea, atingindo tanto vegetarianos, veganos e onívoros — e isso não é definidor de suas escolhas alimentares. Da mesma maneira, a pequena mídia que propaga os ideais do vegetarianismo e do veganismo, sobretudo difundida pela *internet*, também atinge os onívoros — inclusive alguns de nossos entrevistados onívoros tinham conhecimento dos preceitos éticos do vegetarianismo e veganismo, mas mesmo assim não haviam mudado as suas escolhas alimentares.

A maioria dos que optaram pelo vegetarianismo ou veganismo mencionam as questões éticas; junto com isso as questões ambientais ou relacionadas à saúde também são fortes motivações — refletindo dados de pesquisas internacionais (Ruby, 2012; Slywitch, 2015). Porém, há onívoros que também se preocupam com estas mesmas questões, mas que nem por isso adotaram outro estilo alimentar — se adotaram foi temporário, retornando à dieta onívora.

Nesse sentido os sistemas alimentares são construções culturais, na qual cada indivíduo assume culturalmente os valores de determinados estilos de dietas. Apesar desses sistemas alimentares terem gênese em perspectivas ideológicas distintas, todas elas partem do mesmo horizonte cultural (só que em posições distintas) de nossa sociedade — e é desta maneira que as influências sociais estão relacionadas com a construção da subjetividade humana, sobretudo no que se refere à alimentação. Explorando estes elementos foi possível observar a relação existente entre as questões políticas e ideológicas com as escolhas alimentares de vegetarianos, veganos e onívoros.

Uma das características ideológicas presente em nossa sociedade urbanizada e industrializada é a descontextualização da proteína de origem animal de sua cadeia produtiva

(Singer, 2010). O relato de Lívia, no capítulo 4, sobre o nojo que sua amiga sentiu em relação à carne quando testemunhou o abate é ilustrativo disso. Também notamos que os hábitos alimentares são resultados de uma cadeia de significados construídos socialmente, corroborando nossa premissa inicial de que a alimentação humana não é um processo puramente biológico, mas sim dotado de simbolismos. Assumir determinada cultura alimentar inevitavelmente é estar imerso em uma ideologia (tanto de maneira consciente quanto inconsciente), ideologia essa que causa “estranhamento” em relação a hábitos alimentares ancorados em ideologias distintas.

Vimos como o comportamento alimentar inclui determinantes externos e internos ao sujeito, na qual as mudanças no padrão alimentar devem ser entendidas por seus aspectos objetivos e subjetivos.⁵³ Além disso, é importante salientar que a comida também se torna cultura no momento que sua escolha é um mecanismo de expressão de identidade. Produzir, preparar e digerir os alimentos não é apenas uma necessidade de ordem biológica, pois tais atos também são ações culturais. Desse modo, os efeitos da socialização no ato de cozinhar ou escolher determinados alimentos influenciou todo um sistema simbólico.

Por esta razão é oportuno mencionar, novamente, a constituição social da mente humana; na qual o ser humano é mediado pela linguagem, pela relação “eu” e “outro” e pelo uso de instrumentos, constituindo-se enquanto ser social (Vigotski, 1994, 2000, 2007, 2009, 2013). Com base nisso é possível afirmar que as opções alimentares humanas são definidas pelas ideias, por uma ideologia.

Vimos que o veganismo e o vegetarianismo têm as bases filosóficas em obras como *Libertação animal*, de Peter Singer (2010). Estes ideais ético-morais estavam presentes nos relatos dos entrevistados, mas isso não significa que todos eles adotam uma postura politizada. Além do mais, também encontramos casos de onívoros que também partilhavam desses ideais morais e éticos em relação à vida dos animais e às questões ecológicas. Estes fatos demonstram que não podemos reduzir as escolhas alimentares à ideologia das pessoas, mesmo porque o processo de escolhas alimentares abrange grande leque de variáveis que culminam numa complexidade de situações particulares na trajetória de vida de cada um.

⁵³ Talita aponta a influência da mídia e do marketing em suas escolhas alimentares. Marina menciona como as condições cotidianas favorecem o consumo de alimentos industrializados e processados que são mais práticos de serem consumidos, mas menos saudáveis. Edu menciona que apesar dele ter preferências alimentares distintas de sua família, mas mesmo assim as escolhas alimentares de seus familiares influenciam em sua dieta. Além de outros inúmeros exemplos que observamos nas entrevistas.

Além disso, os relatos dos entrevistados demonstram que não é raro mudanças nas escolhas alimentares ao longo da vida.

Há um ponto de convergência entre vegetarianos e veganos no que se refere ao impacto das questões políticas e ideológicas nas escolhas alimentares: frequentemente eles sofrem críticas de familiares ou do círculo social. Isso acontece por causa da hegemonia da concepção dominante de dieta onívora ocidental contemporânea. É em função disso que a maioria das pessoas estranham as dietas vegetarianas e veganas, muitas vezes agindo com intolerância ou deselegância em relação aos adeptos destas dietas.

Por fim, nesta tese fazemos uma ressalva de que não englobamos pessoas que nasceram em núcleos familiares (ou culturais) que já adotavam as dietas vegetariana ou vegana. Supomos que há diferenças interessantes entre aqueles que nasceram com a dieta vegetariana/vegana como norma e àqueles que se tornaram por opção pessoal ao longo de suas trajetórias de vida. Podemos considerar este fato como um limite desta pesquisa, lacuna essa que pode ser suprida por posteriores estudos desta mesma temática.

REFERÊNCIAS

- Almerico, G. M. (2014). Food and Identity: Food Studies, Cultural, and Personal Identity. *Journal of International Business and Cultural Studies*, 8, 1–7.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. RJ: Editora Vozes.
- Brasil. (2013). *Pesquisa Nacional de Saúde*. RJ: IBGE.
- Brasil, M. da S. (2014). *Guia Alimentar para a População Brasileira*. Brasília - DF: Ministério da Saúde.
- Bruner, J. (2008). *Actos de significados*. Lisboa: Biblioteca 70.
- Canesqui, A. M., & Garcia, R. M. D. (2005). *Uma introdução à reflexão sobre a abordagem sociocultural da alimentação. Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*.
- Carneiro, H. S. (2003). *Comidade e sociedade: uma história da alimentação* (7ª ed.). RJ: Elsevier.
- Carneiro M, Trench FJP, Waib LF, Pedro FL, Motta F. Influenza H1N1 2009: revisão da primeira pandemia do século XXI. *Rev AMRIGS*. 2010;54(2):206-13.
- Cascudo, L. da C. (2014). *Antropologia da Alimentação no Brasil*. SP: Global Editora. <http://doi.org/10.1007/s13398-014-0173-7.2>
- Cole, M., & Engeström, Y. (2007). Cultural-Historical Approaches to Disigning fo Development. In *The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology* (pp. 484–507). Cambridge University Press.
- Dalgalarrodo, P. (2000). Síndromes relacionadas ao comportamento alimentar. In *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais* (pp. 209–211.). Porto Alegre: Artmed.
- Devine, C. M., Connors, M., Bisogni, C. A., & Sobal, J. (1998). Life-Course Influences on Fruit and Vegetable Trajectories: Qualitative Analysis of Food Choices. *Journal of Nutrition Education*, 30(6), 361–370. [http://doi.org/10.1016/S0022-3182\(98\)70358-9](http://doi.org/10.1016/S0022-3182(98)70358-9)
- Emmott, S. (2013). *10 bilhões*. Editora Intrínseca.
- Fischler, C. (2011). Commensality , society and culture. *Social Science Information*, 50(September), 528–548.
- Garcia, R. W. D. (2003). Reflexos da globalização na cultura alimentar : considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. *Revista de Nutrição*, 16(4), 483–492.
- Gibbs, G. (2009). *Análise de dados qualitativos*. Artmed. Porto Alegre.
- González Rey, L. F. (2000). Lo cualitativo y lo cuantitativo en la investigación de la psicología social. *Revista Cubana de Psicología*, 17(1).

- González Rey, L. F. (2005). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning.
- González Rey, L. F. (2007a). As categorias de sentido , sentido pessoal e sentido subjetivo : sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural, 155–179.
- González Rey, L. F. (2007b). *Psicoterapia, subjetividade e pos - modernidade: uma aproximação historico-cultural*. Thomson Pioneira.
- González Rey, L. F., Luis, F., Luis, F., & Rey, G. (2003). Primeiro período do desenvolvimento da Psicologia: suas consequências para a construção do pensamento psicológico. In *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural* (pp. 1–18). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Holm, L., & Kildevang, H. (1996). Consumers' views on food quality. A qualitative interview study. *Appetite*, 27(1), 1–14. <http://doi.org/10.1006/appe.1996.0029>
- IBOPE. (2008). “Pegada Ecológica”: pesquisa de opinião pública.
- Joy, M. (2011). *Why we love dogs, eat pigs, and wear cows: an introduction to carnism*. Conari Press.
- Kittler, P. G., Sucher, K., & Nelms, M. N. (2012). Food and culture. In *Food and culture* (6ª edição, pp. 1–34). Cengage Learning.
- Leontiev, A. (1978). O Homem e a Cultura. In *O desenvolvimento do psiquismo* (pp. 261–284.). Lisboa: Horizonte.
- Lima, C. M. G. D., Dupas, G., Oliveira, I. D., & Kakehashi, S. (1996). Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*.
- Loyola, V. T., Gaertner, G., Andrade, A. L. M., & Junior, V. J. P. (2012). Efeitos psicossociais da meditação: um estudo exploratório qualitativo com meditadores experientes. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, 7(1), 46.
- Lordelo, L. da R. (2007). A consciência como objeto de estudo na psicologia de L. S. Vigotski. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em ensino, filosofia e história das ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Lordelo, L. R. (2011). *Significados de trabalho para crianças de diferentes contextos culturais*.
- Lucena, C. T. (2008). Saberes e sabores do país de origem como forma de integração. *Cadernos CERU*, 19(1), 65–80. <http://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/S1413-45192008000100005>
- Lüdke, M. & André, M. E. (1986). Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.
- Lundahl, Outi (2017). From a Moral Consumption Ethos to an Apolitical Consumption Trend: The Role of Media and Celebrities in Structuring the Rise of Veganism. Vaasa: Vaasan yliopisto. (Acta Wasaensia, 381). Sähköinen väitöskirja löytyy: <http://www.uva.fi/fi/research/publications/orders/database/?sarja=4>
- Marvasti, A. (2004). Qualitative Research in Sociology. *British Libraray Cataloguing in*

Publication Data, 169. <http://doi.org/10.4135/9781849209700>

- Martínez, A. N; González Rey, F. L. *Subjetividade: Teoria, epistemologia e método*. Alínea. Edição do Kindle.
- Mesquita, G. R. (2014). *Configurações subjetivas de alunos com histórico de fracasso escolar*. Universidade Federal da Bahia.
- Misra, G., & Gergen, K. J. (1993). On the Place of Culture in Psychological Science. *International Journal of Psychology*, 28(2), 225–243. <https://doi.org/10.1080/00207599308247186>
- Molon, S. I. (2015). *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky* (5ª ed.). Vozes.
- Montanari, M. (2013). *Comida como cultura*. SP: Editora SENAC SÃO PAULO.
- Moss, M. (2015). *Sal, açúcar, gordura*. Editora Intrínseca. Retrieved from
- Moura, M. L. S. De, & Ferreira, M. . (2005). Definição de Metodologia. In *Projeto de pesquisa: elaboração, redação e apresentação*. (pp. 49–88). Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Nunes, E. L. M. (2010). *Vegetarianismo além da dieta: ativismo vegano em São Paulo. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais*.
- Oliveira, M. K.; Teixeira, E. (2002) A questão da periodização do desenvolvimento psicológico. In: Oliveira, M. K.; Souza, D. T. R. & Rego, T. C. R. (orgs.). *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna.
- Paisley, J., Beanlands, H., Goldman, J., Evers, S., & Chappell, J. (2008). Dietary Change : What Are the Responses and Roles of Significant Others?, (416). <http://doi.org/10.1016/j.jneb.2007.04.374>
- Pollan, M. (2007). *O dilema do onívoro: uma história natural de quatro refeições. Intrínseca* (Vol. 1). <http://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Pollan, M. (2013). *Em defesa da comida: um manifesto*. Editora Intrínseca.
- Pollan, M. (2014). *Cozinhar: Uma história natural da transformação*. Editora Intrínseca.
- Rauw, W. M. (2015). Philosophy and ethics of animal use and consumption: from Pythagoras to Bentham. *CAB Rev*, 10, 1-25.
- Rotenberg, S., Castro, I. R. R. de, Maldonado, L. A., Caniné, E. S., & Gugelmin, S. A. (2007). A culinária na promoção da alimentação saudável: delineamento e experimentação de método educativo dirigido a adolescentes e a profissionais das redes de saúde e de educação., 20(6), 571–588.
- Rozin, P. (2005). The Meaning of Food in Our Lives: A Cross-Cultural Perspective on Eating and Well-Being. *Journal of Nutrition Education and Behavior*, 37(215), S107–S112. [http://doi.org/10.1016/S1499-4046\(06\)60209-1](http://doi.org/10.1016/S1499-4046(06)60209-1)
- Rozin, P., Haidt, J., & McCauley, C. (2008). Disgust: The body and soul emotion in the 21st century. In Olatunji & McKay (Eds.), *Disgust and its disorders* (pp. 9–29). American Psychological Association.

- Rozin, P., & Hormes, J. (2009). Food Preferences and Aversions. In *The Child: An Encyclopedic Companion* (pp. 369–372). Chicago: University of Chicago Press.
- Ruby, M. B. (2012). Vegetarianism . A blossoming field of study. *Appetite*, 58(1), 141–150. <http://doi.org/10.1016/j.appet.2011.09.019>
- Sá, C. P. De. (2007). As representações sociais na história recente e na atualidade da psicologia social. In *História da psicologia: rumos e percursos* (pp. 587–602.). Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Sabadini, A. a Z. P., & Sampaio, M. I. C. (2009). *Publicar em Psicologia*.
- Santos, C. R. A. Dos. (2005). A alimentação e o seu lugar na história: Os tempos da memória gustativa. *Histórias Questões & Debates*, (42), 11–31.
- Schlosser, E. (2001). *Fast Food Nation: what the all-american meal is doing to the world*.
- Seramim, R. J., & Walter, S. A. (2017). O que Bardin diz que os autores não mostram? Estudo das produções científicas brasileiras do período de 1997 a 2015. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 18(2), 271.
- Silva, R. C. da. (1998). A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: paradigmas que informam nossas práticas de pesquisas. In G. Romanelli & Z. M. . Biasoli-Alves (Eds.), *Diálogos Metodológicos sobre prática de pesquisa*. (pp. 159–174). Ribeirão Preto: Editora Legis-Summa.
- Silva, F. G. da. (2009). Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da Psicologia histórico-cultural. *Psic. Da Ed.*, 28(1), 169–195.
- Singer, P. (2010). *Libertação animal: o clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais*. São Paulo: WMF.
- Slywitch, E. (2010). *Virei Vegetariano e agora?* São Paulo: Editora Alaúde.
- Slywitch, E. (2015). *Alimentação sem carne: um guia prático para montar a sua dieta vegetariana com saúde* (2ª edição). São Paulo: Editora Alaúde.
- Sneijder, P., & Molder, H. te. (2009). Normalizing ideological food choice and eating practices . Identity work in online discussions on veganism. *Appetite*, 52, 621–630. <http://doi.org/10.1016/j.appet.2009.02.012>
- Sobal J, Bisogni CA, Devine CM, J. M. (2006a). A conceptual model of the food choice process over the life course . In R. M. Shepherd R (Ed.), *Psychology of food choice* (., pp. 1–18). Oxfordshire, UK.: CABI Publishing.
- Smolka, A. L. B. (2004). Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de rede de significações. In M. C. Rossetti-Ferreira, K. S. Amorim, A. P. S. Silva, & A. M. A. Carvalho (Orgs.), *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano* (Vol. 1, pp. 35-49). Porto Alegre: Artes Médicas
- Spink, M. J. (2010). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. RJ: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Triviños, N. (1987). Introdução à pesquisa em ciências sociais. *A pesquisa qualitativa em*

educação, São Paulo, Ed. Atlas.

- Tuleski, S. C. (2000). Para ler Vygotski: recuperando parte da historicidade perdida. *Trabalho apresentado na 23ª Reunião Anual da Anped. Recuperado de <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br>.*
- Valsiner, J. (2012). *Mundos da Mente, Mundos da Vida: Fundamentos de uma Psicologia Cultural*. Porto Alegre: Artmed.
- Vygotsky. (1994). The problem of the environment. In R. van der Veer & J. Valsiner (Eds.), *The Vygotsky Reader* (pp. 338–354). Oxford: Basil Blackwell.
- Vigotski, L. S. (2000). Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, 21(71), 21-44.
- Vigotsky, L. S. (2007). *A Formação Social Da Mente* (7ª ed.). Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2009). *A construção do pensamento e da linguagem* (2ª ed.). Martins Fontes.
- Vigotsky, L. S. (2013). *El significado histórico de la crisis de la Psicología*. Antonio Machado Libros. Retrieved from
- Vosgerau, D. S. R., & Romanowski, J. P. (2014). Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*, 14(41), 165–189. <http://doi.org/10.7213/dialogo.educ.14.041.DS08>
- Wallon, H. (1959) O papel do outro na consciência do eu. São Paulo: Ática.
- Watson, D., Shrigley, E. (1944). The Vegan News. *The Vegan News: Quarterly Magazine of the Non Dairy Vegetarians.*, 1(1), 1–4. <http://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Zucoloto, F. S. (2011). Evolution of the human feeding behavior. *Psychology & Neuroscience*, 4(1), 131–141. <http://doi.org/10.3922/j.psns.2011.1.015>

ANEXOS

Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: Sentidos e Significados de alimentação e veganismo para pessoas em diferentes contextos culturais.

Coordenador: Professor Doutor Antônio Marcos Chaves.

Pesquisadora Responsável: Pâmela Pitágoras Freitas Lima

Prezado (a) participante,

Você é convidado (a) a participar desta pesquisa, que tem como finalidade realizar a investigação dos sentidos e significados que pessoas em diferentes contextos culturais atribuem a alimentação e veganismo.

1. PARTICIPANTES DA PESQUISA: A pesquisa será realizada através de entrevistas e questionários com jovens e adultos, que acontecerá em local previamente acordado. As aplicações dos instrumentos aconteceram em data e horário previamente combinado, de acordo com a sua disponibilidade. A participação na pesquisa é somente através da ação voluntária, ou seja, que convidados a colaborar, concordem.

2. ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você responderá a uma entrevista e um questionário de caráter bio-sócio-demográfico. **Lembramos que você tem a liberdade de se recusar a participar e pode ainda deixar de responder em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo.** Sempre que quiser você poderá pedir mais

informações sobre a pesquisa. Para isso, poderá entrar em contato com a pesquisadora deste estudo.

3. **RISCOS E DESCONFORTOS:** A participação nesta pesquisa não traz complicações, talvez, apenas, algum constrangimento que algumas pessoas sentem quando estão fornecendo informações sobre si mesmas. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa seguem as normas estabelecidas pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e não oferecem risco a sua integridade física, psíquica e moral. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos a sua dignidade.

4. **CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA:** Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento das respostas e seu nome e outros dados pessoais não serão mencionados em nenhum momento. Todos os dados serão analisados em conjunto, garantindo o caráter anônimo das informações. Os resultados poderão ser utilizados em eventos e publicações científicas.

5. **BENEFÍCIOS:** Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que a mesma nos forneça dados importantes acerca de como atualmente a população brasileira vê o papel da alimentação em suas vidas.

6. **PAGAMENTO:** Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação. Entretanto, se você desejar, poderá ter acesso a cópias dos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo. Para tanto, entre em contato com os pesquisadores responsáveis no endereço abaixo.

Endereço do responsável pela pesquisa:

Nome: Doutoranda Pâmela Pitágoras Freitas Lima

Instituição: Universidade Federal da Bahia - Instituto de Psicologia

Endereço: Rua Aristides Novis, Estrada de São Lázaro, 197. CEP: 40210-730 – Salvador, BA.

Telefones p/contato: + 55 71 3283-6442

Email: pospsi@ufba.br

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Bahia
Estrada de São Lázaro, 197. Federação. Salvador/Bahia.
CEP.: 40210-730. Tel/Fax: +55 71 3331-2755

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO COMO SUJEITO

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e para isso eu **DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.**

Local e Data: _____

Nome do Participante: _____

Assinatura do participante: _____

Prof. Dr. Antônio Marcos Chaves
Orientador da Pesquisa

Pâmela Pitágoras Freitas Lima
Doutoranda

Anexo B: Roteiro de Entrevista Narrativa

ROTEIRO PARA ENTREVISTA NARRATIVA

Baseado em Devine, Connors, Bisogni, e Sobal (1998); Rotenberg, Castro, Maldonado, Caniné, e Gugelmin (2007) e Kittler et al., (2012).

Pesquisa: Sentidos e Significados de alimentação e veganismo para pessoas em diferentes contextos culturais.

QUESTÕES DISPARADORAS:

1. Como eram seus hábitos alimentares na infância e adolescência?
2. Você tinha algum/alguns alimento(s) favorito(s) naquela época? Ainda é o mesmo?
3. E hoje em dia? O que você poderia falar sobre sua alimentação?
4. E sobre a alimentação de pessoas próximas a você (família e amigos)?
5. O que você pensa sobre a nossa alimentação hoje em dia?
6. O que você acha que mais influencia nas suas escolhas alimentares?
7. Você mudaria alguma coisa dos seus hábitos alimentares? E o que você acha que impede isso?
8. E o que seus hábitos alimentares dizem sobre você? Você considera sua alimentação como parte da sua identidade?
9. Você acha que as escolhas alimentares trazem impacto nas nossas vidas? Porquê?
10. Como você se sente em relação às outras pessoas por suas escolhas alimentares?
11. O que você pensa sobre pessoas que são onívoras/vegetarianas?

FINALIZAÇÃO:

1. Há algo a mais que você gostaria de dizer/acrescentar?
2. Você teria alguma pessoa para indicar para outra entrevista?

Anexo C: Modelo de Questionário Socioeconômico



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO E CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO	
Nome	
Data de Nascimento	
Idade	
Sexo	
Local onde Mora	
Telefone de contato	
Email de contato	

I – DADOS DEMOGRÁFICOS

ESTADO CIVIL	
Solteiro (a)	
Casado (a)/	
Separado (a)/ Divorciado (a)	
Viúvo (a)	
Outros	

ESCOLARIDADE	
Ensino Fundamental (completo ou incompleto)	
Ensino Médio (completo ou incompleto)	
Ensino Superior (completo ou incompleto)	
Pós-Graduação	

Ocupação:	
------------------	--



POSSUI FILHOS?

Não tenho filhos	<input type="checkbox"/>
Tenho 1 filho (a)	<input type="checkbox"/>
Tenho 2 filhos	<input type="checkbox"/>
Tenho 3 filhos	<input type="checkbox"/>
Tenho 4 filhos	<input type="checkbox"/>
Tenho mais de 4 filhos	<input type="checkbox"/>

POSSUI RELIGIÃO?

Não	<input type="checkbox"/>
Sim	<input type="checkbox"/>
Qual?	<input type="text"/>

II – DADOS HÁBITOS ALIMENTARES

HÁBITOS ALIMENTARES

Onívoro	<input type="checkbox"/>
Vegetariano (Ovolactovegetariano, lactovegetariano ou ovovegetariano)	<input type="checkbox"/>
Crudívora/Frugívora	<input type="checkbox"/>
Vegetariano Estrito / Vegano	<input type="checkbox"/>
Não sei declarar	<input type="checkbox"/>

INFLUÊNCIA NOS HÁBITOS ALIMENTARES

Família	<input type="checkbox"/>
Amigos	<input type="checkbox"/>
Colegas de Trabalhos	<input type="checkbox"/>
Colegas de Escola/Faculdade	<input type="checkbox"/>
Livros	<input type="checkbox"/>
Internet	<input type="checkbox"/>
Profissionais de saúde	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>

Com qual idade adotou esses hábitos alimentares:

**III – CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA FAMILIAR
(Rotina Diária da Família)**



3.1. HÁBITO ALIMENTARES FAMILIAR

HÁBITOS ALIMENTARES DIÁRIOS	
	Escolhas Alimentares
Café da Manhã / Desjejum	
Lanches	
Almoços	
Jantar	

Entrevistador: _____

Data: _____

Horário Inicial: _____ / _____ Horário Final _____ / _____

Anexo D: Termo de Aprovação Comitê de Ética em Pesquisa

UFBA - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA (IPS) DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA COMIDA: SENTIDOS E SIGNIFICADOS SOBRE ALIMENTAÇÃO CONSTRUÍDOS POR JOVENS E ADULTOS VEGANOS E NÃO VEGANOS DE DIFERENTES CONTEXTOS CULTURAIS

Pesquisador: Pâmela Pitágoras Freitas Lima

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 60317116.4.0000.5686

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFBA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.792.119

Apresentação do Projeto:

O protocolo em análise, versão 02, refere-se a pesquisa de doutorado, com financiamento próprio, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Psicologia, da UFBA. Tem por questão de pesquisa "a construção social da nossa relação com a comida, utilizando como pauta os sentidos e significados construídos por jovens e adultos veganos e não veganos em diferentes contextos culturais". Utiliza a abordagem qualitativa, fundamentada no referencial teórico metodológico da Psicologia Social. Os participantes da pesquisa são jovens e adultos, residentes nos estados de São Paulo e Bahia.

Objetivo da Pesquisa:

Apresenta os mesmos objetivos nos diferentes documentos integrantes do protocolo de pesquisa. O objetivo geral é "compreender a construção social da comida através do arcabouço da Psicologia Social, investigando os sentidos e significados sobre hábitos alimentares construídos por jovens e adultos com diferentes contextos culturais. E os objetivos específicos são: a) Apresentar uma revisão sistemática de literatura sobre hábitos alimentares no campo da Psicologia Social em indexadores de banco de dados de periódicos internacionais e nacionais; b) Descrever as concepções sobre hábitos alimentares de jovens e adultos onívoros, vegetarianos e veganos provenientes de contextos sócio-econômico-

Endereço: Rua Aristides Novis, 197

Bairro: FEDERACAO

CEP: 40.210-730

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-6437

E-mail: cepips@ufba.br

UFBA - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA (IPS) DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 1.792.119

culturais distintos; b) Comparar os compartilhamentos apresentados pelos participantes sobre hábitos alimentares em diferentes grupos representativos (gênero, idade, localização da moradia); c) Descrever como os sentidos que cada participante sobre alimentação e hábitos alimentares implicam nas suas histórias pessoais e suas escolhas alimentares; d) Descrever os significados sobre hábitos alimentares inscritos no curso de vida de cada participante, e como estes significados se articulam com as escolhas alimentares de jovens e adultos veganos e vegetarianos; e) Identificar a relação entre hábitos alimentares e seu papel na formação psicossocial dos jovens e adultos pertencentes a contextos sócio-econômico-culturais e familiares diferentes".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

No projeto de pesquisa consta que a participação no estudo "não traz complicações, talvez, apenas, algum constrangimento que algumas pessoas sentem quando estão fornecendo informações sobre si mesmas", isto indica a percepção de um risco mínimo, com a qual concordamos. Esta compreensão está explícita também no Projeto Básico da Plataforma Brasil.

Quanto aos benefícios envolvidos, destaca-se que não haverá benefícios diretos aos participantes, menciona os benefícios indiretos relativos ao desenvolvimento científico da área. As medidas apresentadas para minimizar os riscos referem-se à adequada condução da pesquisa, garantindo os princípios do sigilo e anonimato dos participantes. Avalia-se que os riscos existentes neste tipo de pesquisa são baixos e que os benefícios possíveis com a realização da pesquisa em termos sociais e científicos superam os riscos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa estruturada em três estudos integrados: o primeiro, refere-se a análise de bibliografia coletada em periódicos científicos indexadores importantes e de ampla utilização na comunidade acadêmica; o segundo estudo é sobre "sentidos e significados de alimentação e veganismo para jovens e adultos em diferentes contextos culturais", realizado através da entrevista narrativa com dez participantes de São Paulo e dez participantes da Bahia; o terceiro, abordará a "perspectiva do curso de vida e a construção de sentidos e significado de jovens e adultos veganos e vegetarianos: uma análise a partir de escolhas alimentares", cujos participantes da pesquisa serão jovens e adultos vegetarianos e veganos, de ambos os sexos, residentes em centros urbanos ou cidades do interior, pertencentes a diferentes contextos culturais, sendo doze participantes (seis vegetarianos e seis veganos), residentes nos estados de São Paulo e Bahia, com uso de Questionário Sócio-demográfico e Roteiro de entrevista narrativa/semi-estruturada.

A proposta apresenta tema relevante e original, com visíveis possibilidades de contribuições sociais e científicas. E está em conformidade com as Resoluções CNS 466/2012 e 520/2016.

Endereço: Rua Aristides Novis, 197	
Bairro: FEDERACAO	CEP: 40.210-730
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-6437	E-mail: cepips@ufba.br

UFBA - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA (IPS) DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 1.792.119

O método proposto está adequado à abordagem do objeto de estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os termos obrigatórios para o tipo de pesquisa e população participante. O TCLE está redigido sob a forma de convite, apresenta linguagem clara e atende aos princípios da autonomia, beneficência, não maleficência, justiça, privacidade, sigilo e anonimato, bem como todas as informações relevantes ao processo de consentimento livre e esclarecido.

Apresenta os termos de confidencialidade, concordância com o projeto de pesquisa e compromisso, conforme exigência para o tipo de pesquisa e participantes envolvidos.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Protocolo apto à aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

O/A pesquisador/a deverá apresentar relatório a este CEP após a conclusão da pesquisa. Solicitar modelo ao CEP quando de sua elaboração.

Parecer aprovado ad referendum a ser registrado em reunião do CEP IPS a ocorrer em 31 de outubro de 2016.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_807228E1.pdf	08/10/2016 17:42:33		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_atualizado_pos_parecer.docx	08/10/2016 17:41:00	Pâmela Pitágoras Freitas Lima	Aceito
Outros	image_3.jpeg	20/09/2016 14:00:00	Pâmela Pitágoras Freitas Lima	Aceito
Outros	image_1.jpeg	20/09/2016 13:59:16	Pâmela Pitágoras Freitas Lima	Aceito
Outros	image_2.jpeg	20/09/2016 13:58:06	Pâmela Pitágoras Freitas Lima	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	07/07/2016	Pâmela Pitágoras	Aceito

Endereço: Rua Aristides Novis, 197

Bairro: FEDERACAO

CEP: 40.210-730

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-6437

E-mail: cepips@ufba.br

UFBA - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA (IPS) DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 1.792.119

Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	14:42:48	Freitas Lima	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	01/06/2016 15:44:58	Pâmela Pitágoras Freitas Lima	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_tese.docx	01/06/2016 15:43:46	Pâmela Pitágoras Freitas Lima	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_TESE_PLATFBR.docx	01/06/2016 15:30:03	Pâmela Pitágoras Freitas Lima	Aceito
Outros	Roterio_SE.docx	01/06/2016 15:17:29	Pâmela Pitágoras Freitas Lima	Aceito
Outros	questionario.docx	01/06/2016 15:16:55	Pâmela Pitágoras Freitas Lima	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 26 de Outubro de 2016

Assinado por:
Ana Maria Ferreira Cardoso
(Coordenador)

Endereço: Rua Aristides Novis, 197

Bairro: FEDERACAO

CEP: 40.210-730

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-6437

E-mail: cepips@ufba.br